

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Fábio Luis de Almeida Leite

A reconversão de Alceu Amoroso Lima:
A correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928.

Juiz de Fora
2014

Fábio Luis de Almeida Leite

A reconversão de Alceu Amoroso Lima:
A correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Diálogo Inter-religioso, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Juiz de Fora
2014

Fábio Luis de Almeida Leite

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Almeida Leite, Fabio Luis.

A reconversão de Alceu Amoroso Lima : A correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928. / Fabio Luis Almeida Leite. -- 2014.

127 p.

Orientadora: Faustino Luiz Couto Teixeira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

1. Alceu Amoroso Lima. 2. Jackson de Figueiredo. 3. Religião. 4. Conversão. 5. Epístolas. I. Couto Teixeira, Faustino Luiz, orient. II. Título.

A reconversão de Alceu Amoroso Lima:
A correspondência com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Diálogo Inter-Religioso, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Leandro Garcia Rodrigues
PUC/RJ

Para minha Mãe.
Mais que a luz, me proporcionou possibilidades...

Para Faustino Teixeira, pela oportunidade...

AGRADECIMENTOS

*Se eu quiser falar com Deus...
Tenho que me aventurar... (Gil).*

Essa sim é uma tarefa árdua. Foram muitas as pessoas, lugares e sentimentos que me trouxeram até aqui contribuindo para eu vir a ser *o que venho sendo*. A escola que estudei e os amigos que lá deixei, chuva, sol, caronas (foram centenas) e muitas alegrias. Aos amigos da UFJF, da Filosofia: Stael Braga, Marcília Ribeiro, Lucas Seabra, Marcos Vinicius Leite, Guilherme Oliveira... Até a Ciência da Religião, pessoas que, de alguma forma contribuíram para meu crescimento: **Ana Alice Matiello Coelho**, Andréa Bernardes de Tassis Ribeiro, Aron Édson Nogueira G. Barbosa, Carlos Queiroz, Carolina Orlando Bastos, **Edenir Regina de Lima Neves**, Giovani Bernardo Costa, Grazielle Priscilla Pereira, Ismael de Vasconcelos Ferreira, Júlia Maria Junqueira de Barros, **Lidiane Almeida Niero**, Marcelo Lopes, Matteo Ricciardi, Maurilio Matheus, Mônica Ciscotto Magalhães, Norma Maria Vieira dos Reis, Norma Nasser Pedro Antonio Pires Nogueira, Rafael Fernandes de Mello, **Renata Muller**, Romi Márcia Bencke, **Sueli Martins**, Suzana Macedo, Thiago de Menezes Machado, **Thiago Rodrigues Tavares**, Valdevino Albuquerque Júnior.

A minha Mãe, Branca; meu Pai, Osmar. Pessoas que foram fundamentais nesse percurso: Elimar Pimentel, Hilana Cabral, Luis Eduardo de Oliveira, Ana Carolina Meyer e Ticiane Almeida, além dos amigos e incentivadores de minha amada cidade, Levy Gasparian: Edvaldo Freire, Alexandre da Costa Simões, Argus Picoli Cardoso e Juliana Grizendi e outros queridos de Três Rios (Colégios: Condessa do Rio Novo e Moacyr Padilha) e Petrópolis onde estudei e aprendi. Aos amigos Elizabete Serozini e Gilberto Afonso, pelos papos e pelo *wi-fi* que sempre me ajudou em momentos cruciais.

Muito obrigado aos professores do PPCIR, Emerson Sena, Rodrigo Portela, Jonas Ross e em especial a **Volney José Berkenbrock** e **Faustino Luiz Couto Teixeira**, professores na mais alta acepção da palavra e a você **Leandro Garcia Rodrigues** pela gentileza e colaboração.

Meus amigos verdadeiros sintam-se na mesma alegria em que me encontro aqui e agora. Obrigado.

“Amei. Tive filhos e netos. Escrevi livros. Fui professor. Tive amigos e inimigos. Rezei. Já tive pior memória e vista melhor do que hoje [...] Conversei 10 horas seguidas com Maritain. Fui amigo do Cardeal Leme, Jackson de Figueiredo e Wagner Dutra [...] Adorei a Deus. Pequei [...] Fui crítico literário. Ensinei na Sorbonne. Detestei meus tempos de ginásio [...] Fui sempre um aluno medíocre. Nunca fui profissional de nada. Sentei-me, provavelmente, ao lado de Péguy nos cursos de Bergson em 1912 e 1913, sem o saber. A grande e grata surpresa da vida: os homens são melhores do que pensamos. Entreguei pessoalmente meu livro *Mensagem de Roma* ao Papa. Nunca conversei com meu barbeiro. Discuti com Bernanos. Conversei 3 horas com Thomas Merton [...] Fui presidente da Ação Católica. Nunca estive em uma escola primária. Recebi as primeiras letras de minha mãe e desse coxo João Kopke, o maior educador brasileiro. A virtude que mais admiro é a naturalidade. O vício que mais detesto, o farisaísmo [...] Considero a crítica uma experiência pendular entre a grande dignidade e a grande vaidade literária. À medida em que nos aproximamos do fim da vida fatalmente temos de escolher entre a humildade e a estupidez. Faço, este ano, 60 anos. Que surpresa, e, olhando para trás, que deserto. Morrerei quando Deus quiser”.

(Memorando dos 90, pág. 40 – entrevista a João Condé. “Arquivos implacáveis”. *O Cruzeiro*, 2.1 1954)

Alceu Amoroso Lima

RESUMO

Na presente dissertação procuramos fundamentar a conversão de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), o Tristão de Athayde, ao Catolicismo, incluindo o fato como primordial em sua trajetória espiritual. Alceu foi considerado por muitos autores como o leigo de maior influência no contexto católico brasileiro.

Saindo de um agnosticismo que alimentava sua disponibilidade, Alceu Amoroso Lima vai vivendo transformações íntimas até 1919, quando dá início a uma troca epistolar com Jackson de Figueiredo Martins, recém-convertido ao catolicismo. Dentro desse contexto, Padre Leonel Franca e Dom Sebastião Leme também se destacam.

Buscamos desvelar o calvário espiritual e as crises existenciais vividas por Amoroso Lima, marcadamente entre os anos de 1924 e 1928, período em que a correspondência com o amigo Jackson se intensifica e, onde acreditamos, Alceu tenha extraído a energia e a convicção para abraçar definitivamente a fé.

Palavras-chave: conversão; catolicismo; espiritualidade; agnosticismo.

RÉSUMÉ

Dans cette dissertation nous cherchons à justifier la conversion d'Alceu Amoroso Lima (1893-1983) au catholicisme en considérant ce fait comme primordial dans sa trajectoire spirituelle. Alceu Amoroso Lima a été considéré par beaucoup d'auteurs comme le laïc qui a exercé la plus grande influence dans le contexte catholique brésilien.

En laissant un agnosticisme qui entretenait sa disponibilité, Alceu Amoroso Lima a vécu des transformations intimes jusqu'à l'année 1919 quand il commence une correspondance épistolaire avec Jackson de Figueiredo Martins, un nouveau-converti au catholicisme. Dans ce contexte le Père Leonel Franca et Dom Sebastião Leme ont aussi été remarquables.

Nous avons aussi cherché à dévoiler le calvaire spirituel et les crises existentielles vécues par Amoroso Lima notamment entre les années 1924 et 1928, période pendant laquelle la correspondance avec son ami Jackson s'est intensifiée. C'est, à notre avis, dans cette correspondance qu'Alceu a extrait l'énergie et la conviction pour accueillir définitivement la foi.

Mots-clés : conversion ; catholicisme ; spiritualité ; agnosticisme.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1: TEMPO DE DISPONIBILIDADE	18
1.1 Vida, agnosticismo e literatura	18
1.2 Henri Bergson e o <i>elã vital</i> : Princípio de abertura para um novo caminho	28
1.3 A influência de Jacques Maritain: Ampliando o caminho da abertura	35
CAPITULO 2: CHOQUE E LIBERDADE	44
2.1 Conceito de Conversão	44
2.2 Sentimentos relativos à Conversão de Alceu Amoroso Lima	55
2.3 O processo de <i>reconversão</i> de Alceu Amoroso Lima ao Catolicismo	65
CAPÍTULO 3: O REENCONTRO COM DEUS	75
3.1 Análise das Epístolas como razão de ser do <i>reconvertido</i>	75
3.2 O papel de Jackson de Figueiredo Martins	89
3.3 A espiritualidade em Alceu Amoroso Lima: A visão da Igreja e a Ação Católica	103
CONCLUSÃO	118
BIBLIOGRAFIA	123

INTRODUÇÃO

Há 86 anos o pensador e líder católico Alceu Amoroso Lima, conhecido pelo pseudônimo Tristão de Athayde, se convertia ao Catolicismo. Esse texto tem a intenção de contribuir numa visão que coloca esse crítico literário como uma referência indiscutível para o laicato nacional entre 1928 e 1983, ano de sua morte. Entre o agnosticismo do começo e o Catolicismo de sua vida, Alceu vivenciou as emoções de forma singular, tendo em sua fé um papel icônico para fundamentar as várias transformações em sua trajetória.

Sua existência é marcada por fatos dinâmicos e contraditórios e o que mais nos interessa aqui, dentro de um vasto campo de temas, é a sua volta ao Catolicismo, ou como ele mesmo gosta de dizer: *reconversão*¹. Nascido em 1893, na cidade do Rio de Janeiro, retorna ao Catolicismo em 15 de agosto de 1928. Muitos autores escreveram sobre Alceu Amoroso Lima. Existe uma gama de obras a seu respeito; ainda há, porém, espaço para muitas pesquisas, já que esse pensador escreveu sobre os mais variados temas.

Dentro desse contexto, destacamos autores como Hamilton Nogueira, Djalma Rodrigues de Andrade, Marcelo Timotheo da Costa, Medeiros Lima, Lourenço Mota e Leandro Garcia Rodrigues. Todos foram da mais intensa valia para chegarmos a essa pesquisa sobre a conversão de Alceu Amoroso Lima. Na obra *Correspondência: Harmonias dos Contrários*, da Academia Brasileira de Letras, está nosso foco principal, a correspondência entre os amigos epistolares, Jackson de Figueiredo Martins e Alceu. Entre as ideias fundamentais encontraremos o trato com a liberdade, as angústias e a conversão propriamente dita.

Tanto antes do Catolicismo quanto depois, ele viveu essa relação intrínseca desses três conceitos. Alceu sofreu angústias por conta da liberdade e outras por conta de seus medos mais íntimos, antes e durante o seu processo de conversão, vivido intensamente durante os anos de troca epistolar com Jackson. Entendemos que é a partir desse episódio e sob a grande influência de Jackson de Figueiredo Martins que Alceu reviu e refez sua trajetória de vida. Outros personagens se fizeram presente na construção de seu caminho

¹ Alceu Amoroso Lima afirmou algumas vezes que sua conversão ao catolicismo em 1928 fora, na verdade, uma segunda conversão. Sua infância foi vivida no seio católico, fato que é rompido a partir de sua adolescência. Daí o termo ser *modificado* dessa forma.

como Jacques Maritain (1882-1973), Charles de Péguy (1873-1914), Georges Bernanos, Padre Leonel Franca² e Dom Sebastião Leme³, sendo este último responsável pelas bases da transformação católica brasileira do início do século XX. Falar do Padre Leonel Franca é apresentar um sacerdote representante da intelectualidade brasileira, mentor da evolução espiritual e da conversão de Alceu ao catolicismo. Em carta de 28 de fevereiro de 1927, Jackson escrevera a Alceu: “Vá conversar com o Franca. Só a presença dele é já uma grande luz” (VILAÇA, 1975, p. 132).

Veremos o medo de perder sua liberdade, sensação intensa, vivida na transição para o Catolicismo. De suas angústias, as quais buscaremos revelar pontos significativos aqui, encontra-se o ponto relativo ao fato mais marcante de sua vida, a *reconversão*.

Desde 1919, com seu aparecimento como crítico literário, até sua morte em 1983, Alceu é Tristão e Athayde é Amoroso Lima, a mais pura fusão. Essa unidade das partes somada à luta por entender e compreender a complexidade de sua existência é o que pretendemos abordar para poder chegar até a sua conversão e aos níveis mais sensíveis que ajudem a delimitar a trajetória de Alceu. Pesquisar sobre os caminhos amorosianos é estar em contato com um pensador que contribuiu e ainda tem muito a ensinar, tanto nos estudos sobre religião, filosofia, literatura e política na breve história democrática brasileira. O que se pretende, ao trazermos mais uma luz sobre os registros já realizados sobre nosso crítico, é ampliar o debate sobre o momento mais decisivo na vida religiosa de Alceu. O ponto crucial que aqui julgamos ser de influência decisiva para sua volta à casa do Pai: sua *reconversão* ao Catolicismo. E nosso objetivo é levantar a hipótese de que essa transformação é possibilitada pela presença e ação do também convertido, Jackson de Figueiredo Martins.

O presente texto começa indicando o lugar de Alceu na história, como por exemplo o ano de 1919 que marca o seu surgimento para a Literatura. Já em 1919 nasce Tristão de Athayde, seu heterônimo tão conhecido quanto o próprio nome de batismo. Impossível fazer um relato sobre a vida religiosa de nosso pensador sem fundamentar sua vida literária que é a base de toda sua experiência intelectual. Assim, o primeiro capítulo busca levantar

² Leonel Edgard da Silveira Franca (1893-1948). Foi sacerdote católico, professor e participou ativamente do processo de conversão de Alceu Amoroso Lima.

³ Sebastião Leme da Silveira Cintra, o Cardeal Leme (1882-1942). Foi Arcebispo de Olinda e Recife e posteriormente Arcebispo do Rio de Janeiro, sendo o segundo Cardeal brasileiro. Sua ação na Igreja e na política o colocam em destaque no processo de revisão do catolicismo nacional. Sua Carta Pastoral, de 1916, é fundamental para católicos reavaliarem suas posições.

a estrutura que mostra um Alceu que parte do diletantismo, passando pela mais íntima disponibilidade, expressões de um Alceu em rota de colisão com a sociedade brasileira. Influências para isso são notadas por muitos autores, como Leandro Garcia Rodrigues e Marcelo Timotheo Costa.

De Spencer, passando por Silvio Romero e por um relativismo religioso importado da Europa, Alceu e sua geração estavam inseridos na *Belle Époque* sem se preocupar com o mundo e suas contradições. Difícil então imaginar que um homem nesse quadro pudesse sequer aventar a existência do sobrenatural; por isso, Alceu encontra, inicialmente na Teoria Evolucionista de Herbert Spencer as respostas para os seus questionamentos e passa a viver o agnosticismo. É nesse momento que a figura do professor da Faculdade de Direito, Silvio Romero, exerce uma grande influência sobre Amoroso Lima.

Esse espírito descompromissado é afetado pela 1ª Guerra Mundial, e a partir de 1922 nosso crítico passa a rever muitos de seus conceitos. A Guerra acabou com o sonho da *Belle Époque* e fez com Alceu se colocasse dentro do vazio que ele mesmo criou ao viver intensamente as indefinições de seu tempo, marcado pelo culto do passado clássico. Era hora de começar a despertar.

Importante situar Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, para a Crítica Literária no Brasil do início do século XX. Entre 1919 e 1928 Alceu cria conceitos que marcam definitivamente seu nome no cenário literário. Apresenta autores, debate textos, incita movimentos. Seu papel como crítico rompe o marasmo cultural em que vivia o país na década de 1920. É ele quem muda o foco, direcionando temas que antes nunca foram tratados e sequer seriam sem a sua presença. Sua importância é inegável, basta ver o que afirma Rodrigues em entrevista⁴:

Um bom exemplo é o lançamento de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, lançado em 1928 e que Américo enviou a Alceu. Amoroso reenvia para Mario de Andrade, em São Paulo para que o mesmo difundisse na capital paulista. Alceu ficou encantando com estilo e riqueza da obra. José Américo diz em carta que se não fosse Alceu, sua obra continuaria a ser uma obra de interior, restrito ao nordeste.

O contato com Henri Bergson é outro ponto que não pode passar em branco, ele leva Alceu a revisar alguns conceitos. Em 1913 ele tem o primeiro contato com o filósofo

⁴ Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2014, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro.

francês. De Spencer, Alceu evolui para o pensamento de Bergson, mais dinâmico e estruturado na crença de que existe um algo a mais na vida do homem, que poderia ser um fundo espiritualista. O filósofo não muda propriamente o modo como Alceu vê o mundo, mas abre espaço para que ele comece a sentir a necessidade de preencher o vazio que existe em seu ser.

Na busca por entender os caminhos que levam Alceu a ser ele mesmo, a leitura de Jacques Maritain anuncia o pensamento religioso, assim como os pensadores Charles de Péguy, Georges Bernanos e Gilbert Keith Chesterton. Em 1925 Alceu dá o primeiro passo em direção ao pensamento transformador de Maritain que trazia São Tomás de Aquino de uma forma rica e surpreendente, levando o jovem Alceu a repensar ainda mais suas influências até então. A partir de Maritain, nosso crítico passa a flertar com a possibilidade dos debates religiosos. O filósofo tomista relacionava democracia e religiosidade, o que atraiu Alceu para o novo de forma lenta a gradual, possibilitando uma grande abertura.

No segundo capítulo a ideia de liberdade está no foco do debate. Como converter um espírito que sempre buscou a liberdade e a disponibilidade acima de qualquer coisa? Tentaremos mostrar a *reconversão* de Alceu como algo que marca sua vida de tal forma que é impossível pensar sua trajetória nos 55 anos seguintes da mesma forma sem entendê-lo como católico. Ele não se converteu somente ao Catolicismo, ele rompeu-se interiormente de forma radical, levando essa nova vida a tudo que o cercava.

Sua mudança o fez ter um novo olhar sobre todas as coisas, pessoas e sentimentos. Ainda que tivesse uma visão apurada de seu tempo e de si mesmo, Alceu sabia que algo estava fora do eixo, pouca coisa fazia sentido e isso acabou explicitando a desunião entre o homem e o seu mundo de relação, e mais ainda consigo mesmo. No caso amorosiano, a conversão foi um processo lento, porém intenso, que o levou a mergulhar e se embrenhar com o novo mundo, um mundo marcado agora pela fé em Deus. Após perder o medo e reestruturar-se, Alceu passa a ver tudo de forma nova, sem as angústias que sempre marcaram sua vida. Ele estava completo e o melhor, tudo como resultado de uma escolha racional.

Alceu Amoroso Lima, nome forte no laicato, na teoria educacional, na política e na crítica literária brasileira do século XX, viveu um turbilhão de sentimentos até sua volta ao Catolicismo. Sua opção pela fé o fez viver de fato seu grande projeto de vida. Buscaremos mostrar que essa capacidade de reinterpretar a realidade é que levou Alceu para a Igreja de Paulo. Durante os quatro anos de dúvidas e debates sobre seu papel enquanto cristão,

Amoroso Lima nunca se apressou em decidir nada. Sua calma e poder de reflexão sempre o colocaram na posição de questionador acima de tudo, ainda mais se tratando de uma questão existencial de tamanha envergadura. Ele sabia que, abraçando a fé, eventualmente deixaria de abraçar vários amigos.

É no debate com o amigo epistolar Jackson de Figueiredo Martins (1891-1928), entre 1924 e 1928 que Alceu começa a se dar conta que mudar lhe traria bons sentimentos. De uma irresponsabilidade adorada, passava a uma cautelosa forma de captar o mundo. Veremos também que ele afirmou algumas vezes que sua conversão se dera contra sua vontade, devido ao medo de ficar refém das ideias que surgiam em sua consciência. Nosso crítico viveu os anos 20, década de transformações significativas para a sociedade brasileira, que dava seus primeiros passos na tentativa de se libertar as influências externas.

Alceu e Jackson, tendo dom Sebastião Leme como estrutura oficial da Igreja, contribuíram para uma retomada de espaço e de representatividade do Catolicismo no Brasil. Eles sempre queriam mais e a dedicação de cada um revela isso. As cartas mostram um Alceu como poucos imaginariam. Jackson soube, no tempo de Alceu, cativar o amigo a tomar seu devido lugar, o de leigo representativo.

No capítulo três teremos uma análise das epístolas jacksonianas e amorosianas, o importante papel de Jackson de Figueiredo para a vida de Alceu Amoroso Lima e a postura deste frente à Igreja e a si mesmo no pós 1928. Buscou-se privilegiar a intensidade com que os dois amigos epistolares viveram os quatro anos de correspondência. São mais de 240 cartas publicadas pela Academia Brasileira de Letras, em dois volumes, *A Harmonia dos Contrários*, Tomos I e II. Existem muitas outras cartas não publicadas, tanto entre os dois amigos quanto entre Alceu e outros intelectuais de seu tempo nos arquivos do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro. Devido a dificuldade para se ler essas cartas devido à confusa caligrafia de nosso pensador. Optamos somente pelo material impresso, que responde pela imensa maioria do material existente sobre nossa pesquisa.

Entre 1919 e 1928, nosso crítico e seu amigo sergipano se corresponderam de forma intensa. Houve alguns intervalos, mas nada que os afastasse do debate. O tema religião, entretanto, só começa a ser abordado de fato em 1924. Algumas ideias ficam mais esclarecidas após essa pesquisa, entre elas uma constatação: Alceu afirma que é pelas *mãos* de Jackson que ele passa a pensar o Catolicismo de uma forma tangível. Sob a influência de Figueiredo, Amoroso Lima passa quatro anos se abrindo a uma possibilidade que era

algo absolutamente impensável no início dos anos 20. Até por isso o espanto de grande parte dos intelectuais, ao saberem de sua *reconversão*.

A proximidade com o Mistério de Deus, a insegurança, os medos, todas as angústias vividas até esse momento parecem convergir para esse instante que marca sua aceitação da fé. É importante pensar que essa trajetória de reconsiderações foi feita sob a influência de alguém que representava e vivia tudo aquilo que Alceu *não era*. Jackson era antimodernista, reacionário e tradicionalista. Alceu, o contrário disso. Todavia, é justamente a partir de tal relação que nosso crítico começa a enxergar uma Igreja que já não parece ser tão truncada ou fria como ele sempre pensava.

Um ponto crucial é que Alceu se vê encantado por Jackson, a amizade crescente fazia dele um homem sensível, capaz de escrever sobre os sentimentos mais profundos e se abrir de forma peculiar, expondo todos os seus sofrimentos para Figueiredo. Tudo isso por intermédio das cartas. Foram pouquíssimos os encontros pessoais. Havia uma nítida troca de afetos e de ataques também, mas prevalecia sempre o carinho e admiração mútua. Alceu sempre dizia que atacava as ideias quando preciso, nunca a pessoa. E isso pode ser visto em várias cartas enviadas a Jackson, Oswald de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda entre outros. Os amigos epistolares viam no outro aquilo que poderiam ser, para se tornarem melhores e mais completos. Após a leitura das cartas atentamos para o fato de que Alceu poderia ver nessa relação um momento para aquela tomada de consciência sobre a realidade que ele buscava havia tanto tempo. Em quatro anos, Alceu luta em seu interior com foco naquilo pelo que ele sempre teve um certo desprezo, mas que vai acabar marcando sua vida por mais de 50 anos e por fim dar a ele um caminho a seguir, ainda que seu começo seja tortuoso.

Há ainda espaço e, mais que isso, necessidade de dizer algo sobre a personagem que figura em vários pontos desse trabalho, Jackson de Figueiredo Martins. Em alguns pontos específicos, sua história de cristão se aproxima da de Alceu. O homem ríspido que influenciou tanto nosso crítico em seu caminho cristão, também sofreu para se libertar das amarras interiores e abraçar a fé, em 1918. Recém-convertido, ele vai à busca de seu *exército*, termo típico para quem era considerado um *Soldado de Cristo*, nas palavras de Dom Sebastião Leme, então Arcebispo do Rio de Janeiro. Seu papel era o de trazer leigos intelectuais para o seio da Igreja e assim fortalecer o Catolicismo no Brasil. Para isso cria a Revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital, bases cruciais para a difusão e defesa da doutrina cristã. É a partir de Jackson que as fileiras laicas da Igreja se reinventam, se projetam para

a nova realidade e se colocam a serviço da fé, acima de qualquer dúvida. Quanto a Alceu, fica órfão do amigo que morre por afogamento semanas depois de sua conversão.

Por fim, faremos uma breve exposição da relação de Alceu com a Igreja e com sua frente mais ativa, *A Ação Católica*, que serviu de baluarte para as ações da cristandade brasileira, essencialmente no campo educacional. É nesse período que Amoroso Lima muda seu jeito de ser, de liberal a reacionário, de democrático a conservador, defendendo os interesses tradicionalistas. Isso é que chamamos de *efeito pós Jackson*, pois Alceu parece ter incorporado o amigo, não só na direção da Revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital, mas em sua personalidade também. Outro problema apontado é a constatação de que a Igreja visava influir nas decisões de algumas esferas sociais só que de cima para baixo, esperando que os intelectuais fizessem isso e fossem logo seguidos pela grande massa e também por outros intelectuais. Após o fim da década de 1930, início dos anos 40, nosso crítico passa a rever seus conceitos de liberdade, democracia e humanismo, voltando a ser o que era antes de se converter.

O presente trabalho pretende mostrar, ou até mesmo esclarecer, que Alceu Amoroso Lima, escritor, intelectual, católico, bom marido, pai de família e muito respeitado em todas as esferas sociais do tempo, também era um homem preso em seus medos, angústias e inseguranças. Em muitos outros textos encontramos relatos do próprio Alceu ou de comentadores e pesquisadores de sua vasta obra que indicam essas fragilidades. Um homem de sua envergadura, influente que foi no contexto religioso, pode e deve inspirar em nosso tempo outros homens, dos mais simples aos mais brilhantes, que façam sua parte onde quer que seja, na política, na filosofia, na educação e nesse caso em particular, na difusão da Fé.

A escolha do tema às vezes surge de onde menos se espera. Fazemos leituras, pesquisamos e surge Alceu Amoroso Lima, até pouco tempo não tão conhecido como deveria. O contato com parte de sua obra nos faz mergulhar em sua crise existencial, que acaba sendo a mesma de tantos homens e mulheres, incluindo aí o autor dessa pesquisa. A crise que nos faz temer a fé, enxergando-a como elemento intruso capaz de nos privar a liberdade e plena satisfação pela vida. Ler essa parte da vida de Alceu pode ajudar a esclarecer todos esses sentimentos que aparecem sem sentido e que às vezes permanecem assim por falta de coragem. Alceu Amoroso Lima teve essa coragem; mais que superar as opiniões, ele se resgatou em meio a um turbilhão de incertezas.

A intenção é apresentar mais uma visão que ajude a debater e porque não ampliar o tema em outro momento. Eleger ou deixar de lado determinada questão é uma tarefa árdua. Ao mesmo tempo em que buscamos dizer algo, certamente omitimos tantas outras informações. Não poderíamos aqui dar asas ao desejo de continuar esse texto e ultrapassar os limites definidos da pesquisa. Continuar a abordagem sobre o tema é uma questão a ser pensada num futuro próximo, pois entendemos que o texto abre possibilidades para que se vá além, como o próprio Alceu o fez em toda a sua vida. Esperamos que outros e porque não nós mesmos possamos dar continuidade e contribuir ainda mais para o estudo desse exemplo de fé e dedicação às causas da Igreja, da educação e da política que foi Alceu Amoroso Lima. Certamente, muito há que se revelar sobre essa personalidade ímpar de nossa cultura.

Que esse trabalho possa contribuir de alguma forma para ampliar ainda mais a presença de Alceu Amoroso Lima dentro e fora dos muros acadêmicos. Que outros tenham a dimensão da capacidade que nosso crítico teve de interpretar nossa realidade.

Capítulo 1: TEMPO DE DISPONIBILIDADE

1.1 Vida, agnosticismo e literatura

Alceu Amoroso Lima está presente na cultura literária, educacional, política e religiosa do Brasil. Nascido em 11 de dezembro de 1893, em sua *Casa Azul*, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Laranjeiras. Filho de Manuel José de Amoroso Lima e de Camila Peixoto da Silva recebeu os primeiros ensinamentos por intermédio de sua mãe e do professor João Kopke⁵.

Seu pai, homem de posses, proporcionou um ambiente de vasta cultura e experiências que iriam levar o jovem Alceu a ter contato com a cultura francesa, tendo sido alfabetizado em francês, na cidade de Paris. Aos poucos vai se tornando um livre pensador com a liberdade de escrever como poucos e de pensar um Brasil em transformação, a partir de suas próprias mudanças.

Alceu ingressa na Academia Brasileira de Letras em 29 de agosto de 1935, permanecendo até 1983, ano de sua morte. Ele sempre teve ótimas relações e convivências que lhe proporcionaram muitas oportunidades.

Em 1919 surge seu pseudônimo, Tristão de Athayde. Alceu cria esse nome para manter uma distinção entre a atividade de industrial, herdada do pai, e de sua emergente condição de crítico literário. Seu nome de batismo passa ser mais conhecido após 1928 quando *reconvertido* ao Catolicismo. Porém essa relação de nome e heterônimo, que passou por crises de identidades durante o tempo, se mostra forte e indissolúvel, tanto na vida de Alceu quanto na história da Crítica Literária e do Catolicismo Leigo brasileiro.

⁵ Filho de um imigrado português ilustre que se dedicou ao ensino no Brasil, João Kopke nasceu em 1852, em Petrópolis. Advogado e promotor público trocou a magistratura pelo magistério, lecionando em Campinas e em São Paulo. Na escola que fundou, em 1885, na capital paulista, “Escola de Neutralidade”, lecionaram Caetano de Campos e Rangel Pestana. Posteriormente, Kopke transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde faleceu em 1926. Tinha uma extraordinária capacidade de escrever livros para crianças e adolescentes. (www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/LiteraturaInfantil/joao.htm).

De fato, Alceu foi um representante diferenciado das letras, autor de quase 100 obras literárias das mais diversas temáticas. Não só era um eclético quando escrevia, mas também quando lia. Como lembra Costa (2012, nº 79)⁶,

Alceu Amoroso Lima (...) teve, ao longo do século XX, importante presença no cenário intelectual brasileiro: foi crítico literário, ensaísta, professor universitário, traduziu livros, publicou dezenas de obras em variados campos do saber e assinou milhares de colunas jornalísticas em mais de sessenta anos de vida dedicada às letras.

Sua sede por conhecimento pode ser constatada ainda hoje em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, através de sua biblioteca particular, hoje transformada em Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade (CAALL). A antiga casa da família reúne mais de 18 mil volumes além da valiosa correspondência de Alceu com vários intelectuais brasileiros e estrangeiros. Sua primeira obra, *Afonso Arinos*, foi publicada aos 29 anos de idade e a última, *Tudo é Mistério*, em edição póstuma, em 1983.

Alceu estava sempre atento a tudo que acontecia no mundo da literatura. Assim, o movimento modernista foi acompanhado de perto, além, é claro, de sua presença marcante no cenário jornalístico, como recorda Costa (2012, nº 79):

Estreou em *O Jornal* (1919-1946), passando depois para o *Diário de Notícias* (1947-1966), a *Tribuna da Imprensa* (1950-1954) e *Jornal do Brasil* (1958 a 1983). Neste último período, teve seus artigos do JB republicados na *Folha de São Paulo*. Ao longo desse percurso, Alceu concentrou-se em diversos temas contemporâneos. Entre muitos, destacam-se debates políticos nacionais e internacionais, a agenda cultural do momento, assuntos internos da Igreja Católica e sua relação com a sociedade do século XX, crônicas e memórias variadas e até necrológios.

Em *Memórias Improvisadas*, de 1973, Alceu faz um relato de como era complicado se manter com convicções religiosas num terreno tão arenoso quanto o mundo intelectual carioca de sua época. Ele próprio teve uma trajetória dinâmica, entre crises, constatações e retomadas.

⁶ As duas citações sobre Marcelo Timotheo da Costa que constam nessa página se referem ao texto em versão online: Um católico em praça pública. Revista de historia, seção retrato. Ed. 79. Abril de 2012. Em 18/09/2013, as 19:08h.

Sua geração foi marcada pela indiferença religiosa, antes e durante a *Belle Époque*. Por mais que a recém criada República tivesse inspirado ideais e sonhos, acabou ocorrendo uma sucessiva tentativa de alimentar as conveniências daqueles que detinham o poder no Império.

Para acirrar ainda mais a indiferença religiosa, a Igreja se mantém a mesma, independente do contexto político: estacionada. Para Medeiros (1973, p. 20), “com exceção de uma ou outra personalidade isolada, a Igreja no Brasil vegeta na mediocridade, contentando-se com a rotina”. Alceu vivia distanciado da religiosidade, ainda mais se formos pensá-lo numa Igreja que não havia encontrado seu lugar e sua vocação após a Proclamação da República. Não possuía vínculos, nem crenças profundas.

A geração de Amoroso Lima, que deveria liderar transformações qualitativas levando o país a fazer frente ao restante do mundo, mantém-se acomodada. Afinal, era mais confortável viver das aspirações europeias que passar pela turbulência de adentrar numa *nacionalidade brasileira* que, mesmo sabendo de sua suposta existência, poucas pessoas de suas relações teriam a coragem de defender e de exaltar.

Alceu conta em vários relatos que sua educação tinha um fundo católico, ainda que sua família não tivesse um vínculo tão assíduo com a religião. Assim Amoroso Lima (1973, p. 33) afirma: “minha formação religiosa foi completamente convencional, sem a mais leve sombra de fervor.” Alceu, contudo, foi catequizado e participou da primeira eucaristia, como era o costume das famílias tradicionais. O que falou mais alto foi a ideia de seguir os costumes.

A partir de 1908, Alceu se afasta de toda e qualquer prática religiosa, abandonando as tênues convicções sobre o tema: “comecei a perder a fé quando deixei o ginásio e ingressei na faculdade de Direito”. Segundo o próprio Alceu (1973, p. 33):

Na verdade não sei dizer com precisão qual o fato substancial que me induziu a abandonar a religião. Creio que a melhor explicação para isso se deve às próprias condições em que se formou a minha geração. Mas no meu caso particular, se quiser dar um símbolo, creio que posso dizer que foi o professor Silvio Romero, meu mestre de Filosofia do Direito, no primeiro ano de faculdade, quem mais fortemente contribuiu, na época, para o meu agnosticismo.

Para Rodrigues (2011, p. 126), “essa era uma situação comum à sua geração, todos vítimas de um pensamento filosófico que não admitia a existência de Deus e a ação da Igreja, principalmente nos meios acadêmicos”.

Esse tipo de posicionamento é reflexo do relativismo religioso existente na França, que exerceu grande influência sobre os pensadores brasileiros. No período que marca transição entre os séculos XIX e XX, a ideologia francesa era a marca entre nossos intelectuais.

Seu mestre na faculdade de Direito transforma-se na inspiração de um período conturbado, porém, marcante em sua vida (AAL⁷; LIMA. M, 1973, p. 37)⁸: “Silvio Romero foi sem dúvida nenhuma o professor que mais marcou minha vida na fase de formação cultural na mocidade”.

Em várias passagens de sua vasta obra memorialista, Amoroso Lima escreve sobre os meios pelos quais Romero teria contribuído para seu afastamento religioso. Nas palavras de Alceu (1973, p. 41): “Encontrei em Silvio Romero mais que um professor, um mestre, no sentido de orientador de ideias. Nele descobri também o brasileiro, como em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, encontrei a brasilidade literária”.

Bingemer (apud Rodrigues, 1994, p. 7) afirma sobre Alceu que:

Não somente o homem de letras, o jornalista, o cidadão consciente e participante, mas também e, sobretudo o cristão lúcido e comprometido, o convertido em permanente deslumbramento com a descoberta da Verdade que o seduziu ainda nos anos de sua juventude, constituem interpelante testemunho para aqueles que com ele conviveram, e também, para as novas gerações que só terão acesso aos seus escritos.

Alceu Amoroso Lima vivia a fase do *diletantismo*⁹, afastado de tudo o que pudesse tirá-lo do *ser liberal* que era. Ele e os jovens de sua geração viam a República recém criada como um remédio para todos os males, algo que pudesse superar o marasmo e dar

⁷ AAL será usado para Alceu Amoroso Lima.

⁸ Essa citação receberá um código a partir desse ponto, onde se lê: *AAL; LIMA. M, 1973, p. 37*, por exemplo, iremos ler *Memórias, 1973, p. 37*, já que esta citação consta da obra *Memórias Improvisadas: Diálogo com Claudio Medeiros Lima*. Vozes, 1973.

⁹ “Que ou quem se ocupa de qualquer assunto, ou exerce uma arte por gosto, como amador, e não por ofício ou obrigação”. Dicionário Aurélio Básico, p. 222. Ed. Nova Fronteira. 1988.

esperanças, um caminho novo e cheio de novidade que os tirasse do vazio intelectual no qual se encontravam. O Rio de Janeiro estava no centro desse debate.

Essa inspiração não demoraria muito a ruir. A República e todas as expectativas transformadoras se entorpecem com os vícios herdados do Brasil Império. O ceticismo ganha força, somado à descrença em um sistema político capaz de resolver problemas reais, o que acaba contribuindo para a fuga de Alceu para a cultura francesa, amplamente difundida em seus meios culturais.

Isso pode explicar o fascínio de Amoroso Lima por Silvio Romero, homem de cultura vasta e personalidade forte. Sua adesão ao agnosticismo e ao Evolucionismo de Herbert Spencer¹⁰, ambos vivenciados após o contato com Romero, foram tão radicais quanto sua reconversão em 1928, uma reversão de valores.

Com Romero, Alceu leu e recebeu influência de Spencer. O pensador inglês afirma que na fórmula da justiça todo homem é livre para agir à sua vontade, desde que não infrinja a liberdade igual de qualquer outro homem (SPENCER, 1893, p.52). O conhecimento só seria possível pela razão e Spencer acreditava nessa verdade como lei natural, desprezando todo e qualquer tipo de influência sobrenatural. Suas conclusões o levaram a defender a primazia do indivíduo sobre a sociedade e o Estado, e a natureza como fonte da verdade, incluindo a verdade moral.

O evolucionismo em questão alimentou em Alceu a ideia de que Deus não era mais a grande certeza. Ao contrário, “passou a ser mera possibilidade para poucos e loucura total para tantos outros” (RODRIGUES, 2011, p. 129).

Alceu (1973, p. 34) parecia ter encontrado uma saída para seus questionamentos, “o spencerianismo era considerado a filosofia natural, uma filosofia agnóstica. E foi este agnosticismo que dominou a todos nós no princípio do século”.

Herbert Spencer, apoiando-se em grande parte nas teorias biológicas, aplicou os princípios de uma filosofia liberal para entender e explicar problemas surgidos no campo

¹⁰ Filósofo Inglês, nascido em 1820, na cidade de Derby. Apesar de ser filho de família metodista e quakers, foi educado num ambiente de grande tolerância religiosa. Seu pai, Guilherme Jorge Spencer, era professor de matemática e seu tio, Tomás Spencer, era pastor anglicano. Seu pai sempre lhe perguntava sobre a causa das coisas e sempre dava uma interpretação natural, o que lhe ajudou a desenvolver a ideia de causalidade. Pretendia orientá-lo religiosamente, mas Spencer refutava tais orientações, pois não aceitava a adoração de um ser particular.

social e econômico. Em vários trechos de sua obra, *Do Progresso*, escrita em 1857, nota-se uma relação entre o biológico e o sociológico.¹¹

Nas palavras de Maria Angélica Lucas (2012, p. 03):

Spencer apresenta sua concepção de progresso – sustentáculo de toda sua teoria evolucionista. Para ele, o verdadeiro progresso, no campo individual, não é a simples acumulação de conhecimentos, mas as mudanças que ocorrem no interior dos indivíduos; no campo social, progresso não é a simples acumulação de riqueza material para satisfazer as necessidades dos homens, mas as mudanças que ocorrem na estrutura do organismo social.

De fato, por mais impactante que pudesse ser esse tipo de leitura no início do século XX, captar esse tema na pessoa de Silvio Romero pode ter sido mais marcante para o jovem Alceu do que propriamente a construção evolucionista de Herbert Spencer. O choque entre criacionismo e evolucionismo foi também reflexo de uma ausência do caminho a seguir. Alceu e toda uma geração de intelectuais estavam sem um *norte* que valesse a pena defender. Amoroso Lima se via sem um lugar definido.

A partir de 1922, começa uma mudança de paradigma no modo amorosiano de pensar o mundo e a si mesmo. Suas influências, que pareciam ser indiscutíveis começam a perder espaço. Assim Andrade (1994, p. 21) afirma que,

A 1ª Guerra Mundial fez Alceu se situar num outro plano de visão. Os valores de outrora se perderam e ele se sentia vazio novamente”. Uma pergunta ganhava força em Alceu Amoroso Lima: “onde contrapor valores aos que se perderam agora? Mudava o mundo e mudava o Brasil, em grande desencanto.

Cada momento na vida de Alceu é mais um passo na sua complementação, nada em sua historia parece ter sido descontínuo. A Primeira Guerra despertou um pensador com a incerteza de um mundo em transformação a partir do caos humano e de suas pretensões mesquinhas, surge um Alceu inseguro, indefinido:

¹¹ Em seu livro *Lei e causa do progresso*, editado pela primeira vez em 1857, na Inglaterra, Spencer questiona o conceito de progresso que se tinha até então, considerando-o indefinido e falso: “Reserva-se o nome de progresso para as mudanças que tendem unicamente, diretamente ou não, a aumentar a felicidade dos homens”.

Existia uma nota de ironia e agnosticismo que marcou minha geração. Esse esvaziamento dos céus, que só tinha de eterno, não Deus, mas o eterno escoamento das coisas definia o nosso sentimento, a nossa filosofia em face do mundo: a vida era apenas uma passagem (MEMÓRIAS, 1973, p. 46).

Pode-se dizer, também, que ele existia em meio a uma crise:

O agnosticismo era um jeito de olhar nossa realidade com muita ironia, displicência e malícia. Não havia nada porque lutar, nada gerava entusiasmo. A vida da *belle époque* arrastava-se mediocrementemente. Nós que vivíamos sob aparências das coisas não podíamos pressentir o grande drama da guerra que se preparava no subsolo da política internacional das grandes potências. Tudo para nós resumia-se no passado. A guerra foi a introdução da tragédia numa civilização que os saudosistas chamavam de *belle époque*, uma civilização de fatuidade, de divertimento, de superficialidade. Éramos displicentes filhos do fim do século, em busca de uma vida agradável, cosmopolita, voltados para o estrangeiro. A guerra é que nos fez despertar (MEMÓRIAS, 1973, p. 55).

Este espírito vago, sem compromisso, mudou radicalmente no pós-guerra. Em seu lugar surge um idealismo que o marcou profundamente. O passado alimentava toda uma geração, por isso a grande maioria se voltava para a Europa, em especial a França, fruindo do que era produzido por sua intelectualidade.

Sua existência começa a dar passos em direção à mudança a partir de 1919¹², nas páginas de *O Jornal*¹³ sua postura como crítico literário era a de um cético. Para não comprometer a imagem de filho de um renomado industrial, Alceu Amoroso Lima adota Tristão de Athayde, seu pseudônimo, tão ou mais conhecido que seu próprio nome de batismo.

A partir desse período, Alceu abre caminho para a crítica impressionista, além de ser reconhecido como um dos grandes críticos modernistas no Brasil. Entre os anos de 1919 e 1922, nos relata o próprio Tristão:

Procurei sistematizar minhas ideias estéticas, dentro dessa fase de minha vida que chamo de predominância das formas aparentes sobre as essências. Costumo dizer que passei em minha vida por três fases: a fases das formas,

¹² A pedido de Monteiro Lobato, Alceu publica um dos seus primeiros artigos na **Revista do Brasil**, 1917.

¹³ Renato Lopes, fundador do impresso afirmava que **O Jornal** queria ser um veículo de comunicação profissional feito por amadores.

a fase das ideias e a fase dos acontecimentos ou dos fatos. Penso assim minha obra em 69 anos de literatura: a primazia da estética (das formas), depois a primazia da filosofia (das ideias, da religião) e finalmente a primazia dos acontecimentos (dos fatos, dos problemas sociais). (ATHAYDE; MOTA, 1983, p. 22)

Alceu admite que seu lado de crítico surgiu por acaso, motivo pelo qual se fez necessária a criação do pseudônimo. A essa altura, a Semana de Arte Moderna de 1922 sacudia o Brasil numa tentativa ousada de libertar segmentos sociais das regras, tradições e expectativas que haviam se estagnado. Os artistas e intelectuais queriam uma insurreição. O Modernismo surgia como uma possibilidade de libertação desse marasmo.

Alceu afirmava que “o crítico precisa manter aquele espírito de globalidade (...) procurando viver a obra em sua totalidade. Porque o que faz a beleza é a totalidade; não a parte, é o todo” (ATHAYDE; MOTA, 1983, p. 27).

Para muitos, incluindo Amoroso Lima, a Semana 22 foi

A morte de uma civilização e o surgimento de outra, como na guerra da Europa. Foi um fenômeno de morte e revivescência. 22 foi uma vitória sobre o conformismo do passado, sobre o envelhecimento prematuro típico do Brasil. 22 cabe uma linguagem evangélica: ‘ai daqueles que olham para o passado e não para o futuro, pois não dignos do reino de Deus’ (ATHAYDE; MOTA, 1983, p. 31).

Falar sobre o crítico é dizer também sobre o escritor Alceu Amoroso Lima, 29 obras sobre literatura, nove obras sobre Filosofia, 14 títulos sobre a Igreja Católica. Ainda escreveu muito sobre Sociologia, Política e Economia. Expor suas ideias é contar um pouco da própria história da crítica, narrativa essa que nunca estava só, sempre permeada pelas letras, artes, cultura, religião e cotidiano.

Para apresentarmos as principais influências literárias de Alceu, podemos nos valer de suas próprias declarações. Anatole France, Eça de Queirós e Machado de Assis, são seus grandes expoentes. Entre os três, Anatole tocou profundamente suas ideias, indo mais longe, numa influência ideológica. Dono de uma mistura incomum¹⁴ gerou uma forte marca ao colocar a modernização no pensamento e na ação, afirma Alceu. France trazia

¹⁴ Anatole France era um conservador dentro da literatura e dono de ideias revolucionárias, um socialista. LIMA, Alceu Amoroso. **Memórias Improvisadas**, 1973, p. 45.

consigo um lado revolucionário e um conservador. Essa harmonia em contraste o fascinava.

Como diz Andrade, “o escritor francês realizava a síntese entre o passado e o futuro; confessava que seus textos o conduziram ao encontro do humanismo clássico e o despertaram para o problema da transformação social” (ANDRADE, 1994, p. 19).

Torna-se ponderável frisar que o próprio Alceu Amoroso Lima afirma em seu livro *Memórias Improvisadas*, que o fato de se deixar penetrar pelo pensamento de Anatole France não o fazia ser menos brasileiro e mais europeu. Ele nos relata que: “desde cedo vivi minhas raízes brasileiras, a partir de Afonso Arinos, da leitura de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha”. É impossível classificar Amoroso Lima sob apenas uma ótica. Para Medeiros Lima, ele era um universalista cultural.

Alceu nos indica um ponto de ruptura em suas influências, pois o que queria em Anatole France era uma incorporação de estilo e ideologia. Ele atenuou em mim a importância de Silvio Romero, me dando uma visão cética da vida e do mundo e completa:

Anatole France representou uma nova etapa da evolução de minhas ideias filosóficas. Deu-se com ele a passagem do evolucionismo spenceriano para um certo diletantismo filosófico através dessa marca de ironia em face das ideias (MEMÓRIAS, 1973, p. 46).

Alceu finaliza o raciocínio afirmando que “esse epicurismo filosófico que sucedeu meu evolucionismo” (MEMÓRIAS, 1973, p. 46).

Em Machado de Assis, Alceu enxerga um admirável escritor, homem que marcou decididamente sua entrada no mundo das letras. Já Eça de Queirós fora um deleite por seu estilo inspirador, um mestre das letras, da ironia e da malícia. Entre 1922 e 1923, contudo, Amoroso Lima começa a questionar Machado de Assis e logo em seguida Anatole France. Este período marca o início de uma nova crise que levaria Alceu de volta ao Cristianismo.

Em *Memórias improvisadas*, Amoroso diz que,

É a partir desse decênio de 1920 e 1930, produziu-se uma inversão de alianças, uma reversão em relação a Anatole France, Machado de Assis e Silvio Romero. É que eles haviam inoculado em nossos espíritos um ceticismo e um diletantismo que nos levariam a um choque diante da catástrofe da guerra. Fomos todos, sobretudo a partir de 1918, levados a rever as nossas ideias e tudo aquilo que para nós passou a representar a

configuração do que hoje chamamos de *belle époque* (MEMÓRIAS, 1973, p. 49).

Toda história de Alceu Amoroso Lima como crítico literário, religioso, educador, independentemente da área de conhecimento, foi amplamente marcada pela eclosão da I Guerra Mundial e todas as consequências por ela trazidas àqueles que a vivenciaram, mostrando a partir daí, que o mundo era muito mais complexo do que se queria viver. Os devaneios criados por uma geração apática nada mais eram que uma mentira. A guerra fez uma geração acordar e entre os despertados, Alceu começava a se colocar em posição de questionamento para a saída de uma apatia, do vazio no qual se encontrava.

A guerra pôs fim a um período de ideias mortas ou mal nascidas. Depois dela houve um período de criatividade que culminou com o movimento modernista de 1922. Aquele brasileiro encontrado em Alceu e nos outros de sua geração, foi aos poucos se libertando da descrença, da ironia exacerbada, do bucolismo e da falta de perspectivas. Foi surgindo um período de reconstrução, revisão. Mais que isso, um momento de criação em alguns ousaram ser, de fato, brasileiros.

Alceu considera o ano de 1913 como o despertar de sua caminhada. Segundo Barbosa (1984, p. 08) “é quando se encontra com Graça Aranha, em Paris, que lhe abre pela primeira vez os olhos para a tarefa reservada aos jovens escritores de romper o marasmo, sacudir a estagnação e revolver o pântano da nossa vida cultural”. Como vimos, a Guerra vai levar Tristão a rever todos os conceitos de defendia até aquele momento.

Alceu Amoroso Lima viveu, percorreu de forma intensa sua vida, num caminho que pode ser visto como espiritual. A relação colocada por Rodrigues (2011, p. 126) clarifica esse contexto vivido entre “o deserto e o êxtase – não como paradoxos conflitantes, mas como categorias que se complementam, que caminham juntas e refletem naturezas espirituais daqueles que caminham em busca do infinito”.

1.2 – Henri Bergson e o *elã vital*: Princípio de abertura para um novo caminho

Durante os primeiros anos de sua juventude, com uma educação de alto nível e viagens que lhe proporcionaram uma visão de mundo privilegiada, Alceu Amoroso Lima foi constatando que eram muitas as formas de ver e compreender a realidade. Sempre aberto às informações que lhe tocavam o coração e a razão, desenvolveu ao longo do tempo um espírito único, mostrando-se ávido por viver intensamente o que se apresentava como fonte de conhecimento, transformação e vida.

Essa mesma sede de saber que o levou, por exemplo, a Silvio Romero e Herbert Spencer e conseqüentemente ao agnosticismo, não o impediu de se manter aberto a outros pensamentos e visões que também faziam parte do contexto em que vivia. Assim, Alceu mudou sua forma de ver e sentir o mundo demonstrando vitalidade e percepção.

O surgimento da República no Brasil pode nos ajudar a compreender, de certa forma, o pensamento de Alceu Amoroso Lima, ainda distante da religiosidade. Para ele e muitos de sua geração, a nova forma de poder instaurada em 1899 veio tirar o Brasil da lista dos países fracassados, dando vigor e novo ânimo rumo ao progresso e às transformações que todos esperavam. O Governo, *agora laico*, fez com que a Igreja Católica buscasse se reorganizar, se refazer perante o novo quadro político e social.

Aquele Catolicismo que em nada atraía Alceu e sua geração, começava a dar mostras de preocupação com sua atuação e por isso mesmo passa a buscar uma nova identidade, levando representantes do clero a se posicionar sobre o lugar da Igreja na emergente sociedade republicana brasileira. Enquanto isso, Alceu vivia sua vida, *descompromissadamente disponível*.

Em 1913, Alceu Amoroso Lima volta à Europa e tem seu primeiro contato com um filósofo, Henri Bergson¹⁵ (1859-1941). Esse irá lhe proporcionar uma das grandes mudanças em sua vida intelectual.

O evolucionismo de Bergson difere da de Spencer, e por que não de Darwin, no que diz respeito ao abandono de uma teoria tida como *monótona*, como um emaranhado de

¹⁵ Henri-Louis Bergson (1859-1941) nasceu em Paris, onde se doutorou pela Universidade de Paris. Por volta dos 40 anos ingressou no Collège de France e foi eleito, em 1918, para a Academia Francesa. Em 1917 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Entre suas obras destacam-se: **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência** (1889), **Matéria e Memória** (1896) e a **Evolução Criadora** (1907). (Durant, 419)

sistemas, um se sobrepondo ao outro, numa linha evolutiva longa, fria e mecânica. Durant afirma que podemos sentir na evolução bergsoniana uma duração, um acúmulo de forças vitais, a inventiva da vida e da mente, “uma contínua elaboração do absolutamente novo” (DURANT, 1996, p. 420).

As questões defendidas por Spencer já eram vistas por Charles Darwin¹⁶ como carentes de maiores explicações e comprovações, visto que seu foco está nos organismos, nas espécies. Será que nascemos com nossos instintos? Com nossa capacidade de lutar pela existência? Há sim, algo muito maior no processo de evolução, mais que um “impotente mecanismo de peças materiais” (DURANT, 1996, p. 421).

O que Bergson tenta mostrar é que a vida tem um algo a mais, muito mais intenso que a pura máquina. Completa Durant (1996, p. 420), “a vida é uma força que pode crescer, que pode se restaurar, que pode moldar à sua vontade uma certa medida de circunstâncias circundantes”. Bergson vai além, afirma que não se pode parar na crítica ao materialismo muito menos sair em defesa de um fatalismo que destruiria a criatividade humana:

Temos de ir além de ambos os pontos de vistas – mecanicismo e finalismo – por serem, no fundo, apenas postos de observação aos quais a mente humana foi levada ao considerar o trabalho dos homens: pensávamos, a princípio, que todas as coisas se moviam devido a uma vontade quase humana que os usava como instrumentos em um jogo cósmico; e depois pensávamos que o próprio cosmo fosse essa máquina, porque tínhamos sido dominados, em caráter e filosofia, pela nossa era mecânica. Há um propósito nas coisas; mas nelas, não fora delas; uma *enteléquia*, uma determinação interna de todas as peças pela função e pelo propósito do todo (apud DURANT, 1996, p. 421).

Bergson possui um fundo espiritualista em suas concepções sobre a evolução. Certamente essa novidade atraiu muitos intelectuais de seu tempo, pela transformação causada na maneira de ver e interpretar determinadas situações. Alceu Amoroso Lima foi um desses marcadamente influenciados. Ele passa a perceber que a vida nada tem de inerte, ela não é um acidente. Todo e qualquer tipo de movimento é uma grande conquista humana, pois é algo humano.

¹⁶ Charles Darwin (1809-1882) foi um naturalista inglês, reconhecido como o autor da Teoria da Evolução das Espécies, através da seleção natural. Passou cinco anos viajando pela costa do Pacífico e pela América do Sul, inclusive o Brasil.

Para o filósofo francês o verdadeiro conhecimento é fruto de nossa relação com o imediato, na pura intuição, como vemos na experiência interior ou na análise de nós mesmos. Assim, podemos conhecer via conceito ou via intuição. Pelo conceito usaremos o que existe desde sempre, desenvolvido por filósofos e cientistas. Já usando a intuição vamos à essência profunda de todas as coisas e somos levados ao interior da realidade, no que esta tem de imensurável. Nesse ponto devemos enxergar a exigência de movimento e de progresso exemplificada pelo exemplo do Santo, homem que desperta força e pura emoção, um entusiasta do amor que nos arranca de nossa rotina social real, nos levando ao ideal. Um exemplo de vida e de moral, mas não de uma integridade qualquer. Esse zelo é dinâmico, transformador, absolutamente diferente da moral estática vivida pelas sociedades manipuladas e acomodadas.

O que Alceu narra de si mesmo o coloca numa sociedade enraizada no passado, sem perspectivas, com medo do futuro. Uma geração descrente de si e de um projeto de país no qual todos só conseguiam ver o fracasso das instituições. Isso acarretava um mergulho esperançoso na cultura francesa, como era o caso de Amoroso Lima e seus amigos.

Em reportagem especial comemorando a atualidade de Bergson “100 anos depois” na Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU Online), o artigo de Capa afirma que:

Quanto à evolução, Bergson acreditava que os processos mecânicos de seleção aleatória são inadequados para explicar o que acontece. Parece haver algum tipo de impulso persistente rumo a uma maior individualidade e, todavia, ao mesmo tempo, maior complexidade, apesar de ambas sempre implicarem uma crescente vulnerabilidade e risco. A esse impulso Bergson deu o nome de ‘elã vital’, que podemos traduzir por ‘impulso vital’. Bergson acredita que, dado que tudo está mudando o tempo todo, o fluxo do tempo é fundamental a toda realidade. Nós realmente vivenciamos esse fluxo dentro de nós mesmos da maneira mais direta e imediata, não por meio de conceitos, e não por meio de nossos sentidos. Bergson chama esse tipo de conhecimento não mediado de ‘intuição’. Ele acredita que também temos conhecimento intuitivo a respeito de nossas decisões de agir, portanto conhecimento imediato de nossa própria posse do livre-arbítrio. No entanto, esse conhecimento imediato da natureza íntima das coisas é bastante diferente em caráter do conhecimento que nosso intelecto nos dá do mundo externo a nós mesmos.¹⁷

Em alguns momentos é possível perceber que Alceu Amoroso Lima, no exato instante em que deparava-se com a presença, fala e textos de Henri Bergson, se coloca em

¹⁷ IHU online. Edição 237.

êxtase, tamanha novidade e energia com que aquela recente possibilidade de conhecimento surgia em sua vida. O que Bergson trouxe de novo foi a possibilidade de pensar a evolução como humanização também, intuitivo e de ação determinante.

O pensamento bergsoniano exerceu uma grande influência na França entre 1900 e 1920, não só nos meios universitários dos quais o filósofo fazia parte, mas fora dos muros acadêmicos seu pensamento se fez notar. Para RODRIGUES (2011, p. 130),

O ponto máximo de seu pensamento se situa na intenção de libertar-se do racionalismo e cientificismo do fim do século XIX, bem como no interesse pela existência e força criadora do espírito. Tal direcionamento encontrou nos questionamentos de Alceu um terreno fragmentado e poroso, onde o intelectual vai tentar preencher os seus diferentes vazios com tais filosofias, numa busca constante por aquilo que Bergson chamava de o *‘elã vital’*, o que para um crente é a própria força criadora de Deus que atua de forma dinâmica na constituição dos seres, isto é, na própria vida.

Alceu se via confinado a uma ideia que lhe mostrava a impossibilidade ou a não aplicação dos processos internos que poderiam levar o homem a decidir por conta e risco, até mesmo a busca pelo sobrenatural. O que Bergson apresenta é a possibilidade, um caminho para a individualidade como resultado de um impulso, ainda que complexo ao extremo.

A separação do processo mecânico/aleatório vem na tomada de consciência desse impulso que Bergson chama originalmente *“elã vital”*. Toda nossa realidade é marcada pela mudança constante, vivemos essa variação de forma imediata. Esse conhecimento que nos faz captar dessa forma o real é a intuição que seria a capacidade contida em cada ser para se decidir e para agir.

Essa é uma mudança significativa de perspectiva no caminho amorosiano. O antes agnóstico e materialista começava a visualizar um novo direcionamento, uma nova forma de pensar o mundo e a si mesmo. Enquanto Herbert Spencer defendia aquele evolucionismo determinista onde o natural e a evolução com base na biologia tinham seu respaldo, o pensamento de Bergson abria espaço para uma nova temática, e Alceu estava atento a isso:

Havia um evolucionismo, isto é, uma sucessão dos acontecimentos no tempo, mas marcado por uma predominância dos fatores espirituais. [...] É

a introdução da ideia de criatividade e não apenas de determinada sucessão que podia ser predeterminada através de um esquema objetivo e determinista. A substancialidade do espírito, a importância de fatores vitais, um vitalismo que não se confunde e não se depreende como simples consequência dos órgãos dos sentidos constituía uma verdadeira revelação. E com isto Bergson criava uma espécie de abertura para a metafísica, tão maltratada pelos positivistas e naturalistas, que a consideravam *acientífica* e *afilosófica*. Eis como através de um evolucionismo naturalista, seguido de um ceticismo agnóstico, no fim de meu curso e no fim da *Belle Époque*, cheguei à redescoberta da importância substancial dos valores do espírito. Bergson, meu velho mestre de então, ao se aprofundar na metafísica terminou se aproximando do Catolicismo, embora jamais se tivesse declarado um convertido (MEMÓRIAS, 1973, p. 58-59).

Havia uma recusa em viver o real por parte de Alceu e muitos de sua geração. Isso pode explicar a demora em compreender que parte dessa abastada classe brasileira vivia numa crença de que as coisas estavam em ordem. Exemplo dessa ilusão é expressa em várias ocasiões por Amoroso Lima ao afirmar que suas leituras sempre o remetiam a clássicos de nossa literatura, uma bucólica volta ao passado, “refugiávamo-nos no passado porque o presente era indistinto, medíocre, incolor” (MEMÓRIAS, 1973, p. 60).

Bergson não chega a transformar intensamente o pensamento e a forma de ver o mundo do jovem Alceu, mas o que ele faz é abrir um campo de possibilidade para uma pessoa que, ainda que inconscientemente, buscava respostas para o intenso e crescente vazio dentro de seu ser. É a partir de Henri Bergson que Amoroso passa a ter momentos de flerte com novas visões de mundo, abrindo a possibilidade de um debate religioso, coisa que Alceu nem pensava em fazer até esse ponto.

Várias são as figuras históricas que marcaram a vida de Alceu Amoroso Lima antes de sua conversão definitiva ao Catolicismo. Podemos citar Bergson, Bernanos, Chesterton, Maritain e ainda podemos colocar nessa lista, sempre a ser repensada, a presença de Charles de Péguy, com quem, já em 1903, Alceu tem seu primeiro contato, ainda que nesse momento sem nenhum tipo de influência.

Porém, como afirma Amoroso Lima, “Péguy tinha sua concepção social marcada pela transformação profunda e interior do homem”. (apud RODRIGUES, p. 06) Ele dialogava com todo tipo de gente, sua fé era estruturada e possuía uma grande flexibilidade para se colocar em qualquer situação. Péguy era um representante daquilo que Alceu considerava um verdadeiro intelectual.

O que mais marcava sua história era o fato de Amoroso Lima saber que ele nem sempre fora um defensor aguerrido de sua fé. Instigante para Alceu é a capacidade de Péguy em unir a fé cristã com os ideais socialistas, assim ele proporcionava voz a católicos de esquerda com tendências progressistas, como nos conta o professor Leandro G. Rodrigues.

Péguy via a França de forma mística, vindo de um sentimento de honra e de grandeza nacional, como lembra Alceu. A proeminente influência de Maritain sobre nosso crítico, que virá com o passar dos anos, começa quando Charles De Péguy leva Jacques Maritain para conhecer e frequentar o curso de Henri Bergson (MEMÓRIAS, 1973, p. 166).

A marca do pensamento de Henri Bergson para aqueles que viveram no início do século XX é bastante significativa. Sua filosofia colocou em cheque os ideais de seu tempo, abrindo novas possibilidades de reflexão para outros pensadores.

Bergson defendia uma visão espiritualista da evolução na qual o *elã vital*, partilhado pelos seres na sua mais remota origem, seria a causa profunda de toda a criação das formas de vida. Sua teoria evolucionista é construída sobre a duração real vivida pelos seres e intuída pela consciência. Bergson ultrapassa as concepções de tempo defendidas pela ciência de sua época, para ele o tempo é o que é vivido pela consciência.

O filósofo do *elã vital* não só dá vida à individualidade, mas também lhe dá sentido e presença. Segundo Prestes (1994, p. 83):

A noção de individualidade será questão central no evolucionismo biológico de Henri Bergson. Preocupado em não decompor o indivíduo pela análise e afirmando-o por seu *elã vital*. Os corpos vivos são indivíduos isolados pela própria natureza, apenas temporariamente. A sua individualidade não é completa porque 'é solidária ao todo, submetida as mesmas leis físicas e químicas que governam qualquer porção da matéria'.

E prossegue,

Assim, os fenômenos de reprodução, regeneração e envelhecimento a que os seres vivos estão submetidos não são negativos à constituição da noção de individualidade (PRESTES, 1994, p. 84).

O essencial para diferenciar o evolucionismo de Bergson dos demais situados entre o final do século XIX e início do XX é sua posição quanto ao *elã vital*:

Cada ser guarda em si parte daquele elã vital, impulsão que se estilhaça em feixe na medida em que a evolução progride. A vida é, precisamente, o progresso ininterrupto desse impulso a se dividir em linhas divergentes entre os seres. Cada ser atual guarda em si uma parte daquilo que esteve na origem de todos os seres. Bergson quer demonstrar que apenas essa concepção da evolução é capaz de dar conta de alguns casos especiais e ainda não explicados. Ao tratar desses casos, estende e detalha a crítica ao mecanicismo e ao finalismo (PRESTES, 1994, p. 85).

Em seu livro *A Evolução Criadora*, Bergson busca ampliar a visão deixada pela concepção materialista que tanto influenciou Spencer, Silvio Romero e por fim, o próprio Alceu Amoroso Lima. O filósofo francês afirma que, “a essência das explicações mecanicistas, com efeito, consiste em considerar o futuro e o passado como calculáveis em função do presente, e afirmar assim que *tudo está dado*” (BERGSON, 1941, p. 44).

Bergson (1941, p. 46) continua afirmando radicalmente que a filosofia mecanicista “é para se pegar ou largar”. Já a teoria do *elã vital* é precedida pela ideia de um princípio vital, uma marca que o indivíduo carrega em si e que irá reivindicar uma hora ou outra, até mesmo como necessidade de caracterização de cada um. Ultrapassando esses conceitos Bergson apresenta o *elã vital*, teoria que marcou Alceu a ponto dele abandonar o mecanicismo spenceriano e as ideias de seu mestre Silvio Romero. Este conceito, “admite muitas discordâncias, porque cada espécie, e mesmo cada indivíduo, apenas retém da impulsão global da vida um certo *élan*, e tende a utilizar essa energia no seu próprio interesse; nisto consiste a adaptação” (BERGSON, 1941, p. 55).

A Evolução Criadora foi um livro que marcou e muito o espírito de Alceu Amoroso Lima. A partir de tal obra pode-se conceber o germe de uma grande alteração nos rumos de vida e de visão de mundo do jovem Alceu. Os cursos ministrados por Bergson em Paris e frequentados por Amoroso Lima, tinham sempre lotação máxima, até com corredores abarrotados. Ainda que não o tivesse feito pensar claramente em religião como o faz a partir de 1924, Bergson proporcionou uma mudança de perspectiva, dando à Alceu mais um viés de conhecimento, mais argumentos para pensar e interpretar, vislumbrando a própria vida humana e a sua em particular, num dado momento vazia e sem sentido.

Bergson foi duramente criticado com seu projeto, acusado de querer levar um entendimento científico aos confins da filosofia. O que não se pode negar é que esta obra

em particular fez com que o tema do evolucionismo fosse remexido, pois a partir de Bergson os limites científicos foram questionados e ampliados.

1.3 A influência de Jacques Maritain: Ampliando o caminho da abertura

Segundo Medeiros Lima, Jacques Maritain¹⁸ (1882-1973), discípulo de Bergson era um agnóstico assim como Alceu. Ele se aproxima da Igreja através de Léon Bloy, enquanto Alceu o faz sob a influência de Jackson de Figueiredo. Tanto Léon quanto Jackson eram de direita e contrários à ideia de progresso. Maritain imediatamente se associa à *Action Française*, movimento reacionário do Catolicismo francês.

A Ação Francesa oferecia aos jovens em busca de ordem intelectual e moral uma perspectiva de ação de que não há outro exemplo, na França, a não ser sua antípoda, a organização comunista. Além disso, ela exercia, nas alas católicas, o que Jacques Maritain chama de um ‘principado de opinião’, que se estendeu às alas dos eclesiásticos, satisfeitos de encontrarem na Ação Francesa um braço secular contra os leigos, os *franco-maçons* e todos os inimigos da Igreja restauração (WINOCK, apud RODRIGUES, 2009).

Dentro das mudanças que começavam a fazer parte da vida de Alceu, surge uma simpatia pelo integralismo, considerado um movimento reacionário de direita que se dizia

¹⁸ Filósofo francês, nascido em Paris, a 18 de novembro de 1882, Jacques Maritain tem por avô um conhecido advogado, acadêmico, ministro e homem político, Jules Favres (1809-1880): família culta mas sem religião. Estudante na Sorbonne (licença de filosofia, 1900-1901), deixa-se atrair por Spinoza, antes de bifurcar para uma licença em ciências naturais. Primeiro seguiu Bergson, e acabou propugnando um tomismo adaptado a nossa época que restaure a metafísica cristã, diante do racionalismo antropocêntrico e do irracionalismo panteísta em que se debate o idealismo moderno. Morre em 28 de abril de 1973. Tinha 90 anos e morreu como quis, em um contexto de oração, de silêncio, de contemplação.

¹⁹ Maritain rejeita essa denominação, prefere ser considerado Tomista, referindo-se à filosofia de São Tomás de Aquino e à sua própria.

defensor da Igreja. Maritain é levado posteriormente ao *neotomismo*¹⁹, e vai assim abandonando seu direitismo anterior caminhando em direção a uma posição mais liberal, aberta.

A partir de 1938 Alceu também abandona o direitismo para percorrer um caminho que o levaria a uma atitude semelhante a de Maritain, no sentido da democracia e da liberdade. A pergunta que surge é: até que ponto pode-se falar da influência de Jacques Maritain em Alceu Amoroso Lima? (MEMÓRIAS, 1973, p. 135).

Alceu relata em seus textos, entrevistas e biografias, pistas importantes para podermos chegar a um entendimento mais apurado de sua trajetória de vida, de religioso, de representante laico. Uma delas é quando fala da relação com Jacques Maritain:

Não há duvida nenhuma que ele exerceu enorme influência sobre mim. Tomei conhecimento da obra dele que então se iniciava em 1913, quando me encontrava em pleno entusiasmo bergsoniano, em plena redescoberta do espírito, do valor do espírito, da importância do espírito e, portanto, dos valores qualitativos, dos valores do imprevisível na evolução dos acontecimentos e das ideias. Estes anos de 1913 e 1914, tão importantes para a história da humanidade e do Ocidente em particular, foram extremamente significativos para mim e para minha geração, essa geração nascida na década de 1890. Vivemos nossa infância e nossa adolescência à sombra do século XIX, que ainda se projetava sobre todos nós (MEMÓRIAS, 1973, p. 135-136).

Para Medeiros Lima, Alceu deixa claro que entre 1915 e 1925 os problemas religiosos não constavam de suas preocupações. Seu foco era essencialmente a literatura e a crítica literária. Assim, é somente “a partir de 1924, em meados da década de 1920 e 1930 é que esses problemas recomeçaram a me preocupar” (MEMÓRIAS, 1973, p. 137).

De muitos autores que marcaram sua trajetória de vida, destacam-se Jacques Maritain, Georges Bernanos²⁰ e Gilbert Keith Chesterton²¹, além de outros intelectuais que

²⁰ Georges Bernanos (1888-1948) foi um escritor e jornalista francês. Participou intensamente da vida política de seu país: foi soldado de trincheira na Primeira Guerra Mundial e repórter na Guerra Civil espanhola. Após a derrota da França para os alemães, em 1940, já exilado no Brasil, decide apoiar a ação da França livre em uma série de artigos de jornal, onde ele se coloca contra o regime de Vichy e à serviço da Resistência francesa. Católico, Bernanos está vinculado a uma visão trágica e pessimista do cristianismo, semelhante à de François Mauriac e Graham Greene, que é uma resposta de fé ao tema central da relação entre o homem e o mundo na literatura contemporânea. Obteve sucesso literário principalmente por seus romances *Sob o Sol de Satã*, de 1926, e *Diário de um Pároco de Aldeia*, de 1938. Em suas obras, Georges

serão comunicados neste texto. Amoroso Lima afirma que: “Bernanos despertou em mim os germes de uma reação contra o intelectualismo descompromissado e ceticismo que nos transmitiam os escritores de minha preferência na época” (MEMÓRIAS, 1973, p. 138).

A partir da leitura de *Sob o Sol de Satã* em 1926, Alceu percebe que viver o Catolicismo não iria impedir sua atuação literária, pois o próprio Bernanos era um gênio literário e sua obra colocava o demônio no centro da literatura. Medeiros Lima afirma que esse livro tocou Alceu de forma capital durante os anos de 1925 e 1928 (MEMÓRIAS, 1973, p. 139).

De um lado Bernanos, que nas palavras de Alceu (Memórias, 1973, p. 139) “era um reacionário, um feudal”; de outro Chesterton, um liberal, “devo admitir que fui influenciado mais de uma vez por pessoas com temperamento totalmente opostos aos meus, uma afinidade ‘reativa’ dos contrários” (MEMÓRIAS, 1973, p. 139).

No caso de Chesterton, sua vivacidade de espírito, a extraordinária fertilidade inventiva e, sobretudo, o seu liberalismo, marcaram profundamente Alceu a ponto dele dizer o que Chesterton havia apresentado a ele. Chesterton era um recém-convertido com quem Alceu descobriu o *distributismo* uma síntese do que havia de bom nos dois sistemas antitéticos (capitalismo e socialismo), procurando com isto ultrapassá-los: “Não foi propriamente seu estilo que me marcou e sim a influência que dele recebi no sentido do liberalismo e do distributismo” (MEMÓRIAS, 1973, p. 140).

Começava então a vencer em mim o preconceito de que a Igreja era sinônimo de ignorância, de mediocridade de espírito, de anacronismo, a descoberta de homens como Chesterton, Bernanos, Péguy, Maritain e Mauriac, que surgia como grande romancista, levou-me a ler os escritores e pensadores católicos (MEMÓRIAS, 1973 p. 140).

Bernanos explora a batalha espiritual do bem contra o mal, especialmente por meio da personagem de um padre católico que luta para a salvação das almas dos seus paroquianos.

²¹ Nascido em Londres, no ano de 1874, Chesterton era daqueles sujeitos que não conseguem passar despercebido aonde quer que estejam. A irreverência, o bom-humor e a eloquência, associados a dois metros e nove centímetros de altura e a um peso médio de 140 quilos, transformavam qualquer ambiente; quer uma festa de aniversário infantil ou um acalorado debate com Bertrand Russel. Chesterton era uma "máquina" intelectual. Escreveu mais de 4.000 artigos para jornais. Não bastasse a infinidade de artigos, escreveu mais de 100 livros e aproximadamente 200 contos, quase todos ditados para sua secretária. Destacam-se ainda as biografias sobre Tomás de Aquino e Francisco de Assis, além do livro *O homem que foi quinta-feira* (The Man Who Was Thursday) e a série de livros ficcionais que contam as peripécias protagonizadas pelo personagem Padre Brown. Sua obra literária é tão versátil quanto marcante. Gilbert Keith Chesterton faleceu em 14 de junho de 1936.

Medeiros Lima questiona Alceu sobre a vivacidade da influência de Chesterton, pela variação de conduta que este havia sofrido:

Chesterton foi um liberal, um democrata, mas num certo momento após se converter ao Catolicismo, afasta-se de seus amigos liberais e assume uma atitude ortodoxa dentro da Igreja. Seus adversários chegaram a apontá-lo como uma espécie de Torquemada, cuja alegria era a defesa da ortodoxia e a perseguição aos heréticos (MEMÓRIAS, 1973, p. 142).

Segundo Alceu, comparar Chesterton a Torquemada²² é realmente um absurdo. Ele tinha posições radicais também, como seu posicionamento ao lado dos grevistas ingleses em 1926, considerando a paralisação um instrumento válido em defesa dos oprimidos contra os opressores. Isso na época foi um tremendo escândalo. Mas Amoroso Lima também admite que existem argumentos que colocam Chesterton não como um católico reacionário, mas como alguém de bom senso, pois:

Após convertido, manteve-se um espírito aberto, com a mesma capacidade de dialogar com adversários, jamais perseguindo alguém, defendendo sempre a liberdade de pensamento. Foi um dos reabilitadores da liberdade dentro do Catolicismo. A influência que exerceu sobre mim foi precisamente por haver pressentido nele um antitradicionalista. Ao contrário dos tradicionalistas, sustentava a primazia da liberdade sobre a autoridade (MEMÓRIAS, 1973, p. 143).

Alceu diz ainda que certamente ele foi o contrário de tudo que diziam dele no calor da luta. Outra pista que pode ser encontrada nos primórdios da mudança de ótica de Alceu, é sua busca anterior a 1924, que visava encontrar na revolução modernista uma marca de espiritualidade: “Foi exatamente a partir do contato com o modernismo que coincidiram as

²² Tomás de Torquemada (1420-1498) atuou ativamente da Inquisição espanhola no século XV. Foi um dos responsáveis pelo Édito de Granada (1492) que obrigava todos os judeus a se converterem ao Catolicismo até 10 de julho do mesmo ano. Cerca de 40 mil Judeus não convertidos foram expulsos da Espanha. Foi confessor da Rainha Isabel.

minhas inquietações de ordem espiritual. Voltei da Europa imbuído das ideias de Bergson, do seu espiritualismo evolucionista, de seu vitalismo criador” (Memórias, 1973, p. 145).

Existe uma relação entre Charles De Péguy e Jacques Maritain que não pode ser deixada de lado. Alceu mesmo diz que “foi Péguy quem levou Maritain a frequentar o curso de Bergson. Foi através desse amigo que o criador do neotomismo evoluiu para a sua segunda posição filosófica. Péguy, que era efetivamente socialista, caminhou depois em direção ao cristianismo” (MEMÓRIAS, 1973, p. 166).

Com uma outra concepção, Maritain vê a religião cristã e católica desempenhando um papel central (em 1930) em face de um mundo moderno entendido por ele como o resultado de uma civilização dominada culturalmente e espiritualmente pelo humanismo do Renascimento, pela Reforma Protestante e pela Reforma Cartesiana. Mundo que a seu ver, mesmo sob esse domínio, guardava em si o aspecto positivo e digno de respeito: o de dar à natureza humana o máximo do seu rendimento terrestre - embora fosse condenável sob o ponto de vista do seu privilégio à “cultura antropocêntrica” em prejuízo do sagrado. (Rodrigues. Candido, 2009, p. 08)

Péguy combateu o nacionalismo francês de caráter reacionário. Ele não era um socialista qualquer: “era de uma índole sentimental e mística. Nada tinha a ver com o socialismo que a França herdara de Proudhon, o grande adversário de Marx. Toda a sua concepção social baseava-se numa transformação profunda e interior do homem” (MEMÓRIAS, 1973, p. 166).

Uma coisa muita dita e repetida por Alceu é a característica peculiar do socialismo de Péguy “um socialismo extremamente humano, ligado ao ser humano, ao destino da pessoa humana. Encontrava sua inspiração ao contato com a gente simples e humilde”. Seu pensamento não estava preso ou vinculado a conceitos científicos, o socialismo que defendia, sua marca, eram retirados de um humanismo popular.

Péguy, o poeta diferenciado e com tendências utópicas, fez um percurso também distinto, chegando ao cristianismo através do socialismo. Conforme ele ia passando da política à poesia acabou se direcionando para a religião. Esse contexto deixa uma marca em Alceu Amoroso Lima, que sempre atento, começa a questionar se é possível pensar o Catolicismo mesmo mantendo seus ideais mais íntimos.

Podemos situar Alceu sendo levado a pensar nas questões que o levariam futuramente a abraçar a fé. Mas, como ele mesmo admite, a ideia do espiritual não era acolhido em seu ser. É justamente nesse período que Amoroso Lima passa a ter

conhecimento de Jacques Maritain. Ele já havia publicado seu livro contra Bergson. Alceu admite não ter dado importância à obra, lendo somente o prefácio e sem a devida relevância.

Em seguida, porém, declara: “em 1925 tomei conhecimento de *Primaute Du Spirituel*. Foi este realmente o primeiro livro de Maritain que me impressionou vivamente” (MEMÓRIAS, 1973, p. 145). Com a condenação da *Action Française*, pelo Papa Pio XI, Maritain tomou o partido da Igreja. Ele sempre esteve ligado aos dominicanos, sendo convertido por um padre dessa mesma ordem.

Vale ressaltar que a preocupação de Jacques Maritain em 1925 era a de um jovem filósofo que procurava restabelecer dentro da Igreja a fidelidade e as doutrinas tradicionais, como ocorre no *tomismo*,²³ abordando esse tema árido, difícil, numa linguagem em que se revela um escritor, um artista. É nesse momento que Alceu Amoroso Lima, no alvorecer de uma transformação, dá o primeiro passo em direção ao pensamento de Jacques Maritain.

Sua filosofia trazia um rejuvenescimento em que o pensamento de São Tomás de Aquino era apresentado com uma inteligência surpreendente. Para Alceu isso foi instigante,

Fui sendo levado, aos poucos, a abandonar o espiritualismo indefinido de Bergson, na base do evolucionismo, em favor de um espiritualismo definido, religioso, que eu já começara a descobrir em outros autores como Bernanos e Chesterton. Mas foi sobretudo depois que começou a se atenuar no meu espírito a força do pensamento tradicionalista de Jackson de Figueiredo que me voltei especialmente para Maritain (MEMÓRIAS, 1973, p. 147).

Durante muito tempo, entretanto, a filosofia de Jacques Maritain ficou à margem. Mais à frente Amoroso Lima diz que “a influência de Jacques Maritain passou a ser em

²³ O tomismo é a doutrina ou filosofia escolástica de São Tomás de Aquino (1225-1274), adotada oficialmente pela Igreja Católica, e que se caracteriza, sobretudo pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo. Procurando assim integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico, aos textos da Bíblia, gerando uma filosofia do Ser, inspirada na fé, com a teologia científica. O tomismo afirma-se e caracteriza-se como uma crítica que valoriza a orientação do pensamento platônico-agostiniano em nome do racionalismo aristotélico, que pareceu um escândalo, no campo católico, ao misticismo agostiniano. Ademais, o tomismo se afirma e se caracteriza como o início da filosofia no pensamento cristão e, por conseguinte, como o início do pensamento moderno, enquanto a filosofia é concebida qual construção autônoma e crítica da razão humana.

mim de novo tipo, uma influência caracterizada pela tendência democrática e liberalizante do pensamento católico, tido pelo direitismo como heterodoxo e até apóstata” (MEMÓRIAS, 1973, p. 147).

Nas palavras de Rodrigues, Maritain é um autor fundamental na aproximação de Alceu Amoroso Lima com a possibilidade de pensar e debater o problema religioso e da fé. Ainda segundo Rodrigues, Maritain:

Defendeu a primazia de Deus e do ‘humanismo integral’ na análise da condição humana, especialmente no seu livro *De Bergson a Tomás de Aquino* (1944). Para ele, o verdadeiro humanismo era aquele capaz de fazer florescer no âmago do ser humano todas as suas virtudes, que lhes são próprias enquanto filhos de Deus. (RODRIGUES, 2011, p. 132)

Uma das obras mais marcantes para Alceu foi *Cristianismo e Democracia*, onde Maritain mostra sua capacidade, postura e sabedoria política, mostrando assim sua visão profunda do homem de seu tempo. Amoroso Lima escreveu na introdução do livro de Maritain que,

A grandeza desse pequeno livro é justamente mostrar o que o Cristianismo representa para a verdadeira democracia, fornecendo-lhe as suas raízes autênticas. E, por outro lado, o que a democracia, neste século, pode representar para o Cristianismo, como instrumento político de defesa da Liberdade contra a perpetuação do Totalitarismo, sob outras máscaras, sobretudo a comunista, e como meio de organização de uma Nova Cristandade, em que valores essenciais sejam preservados para que haja mais justiça entre os homens na sociedade futura. (AAL, 1964, p. 10)

O filósofo francês buscava reestruturar o potencial democrático de seu País. Foi com essa postura que Alceu começou a compreender a democracia detentora de uma essência evangélica, ideia defendida por Bergson. Todas as angústias de Amoroso Lima referentes ao duelo entre Comunismo e Democracia vão sendo superados de uma forma viva, já que não bastava aderir ao padrão democrático por ser contrário ao comunismo, mas sim aceitar sua possibilidade enquanto meio de vida, possível na prática. Isto é, como afirma o próprio Alceu: “A democracia, que deixa assim de ser, quando bem entendida e aplicada, a defesa de uma classe moribunda, para se tornar a garantia dos próprios direitos do Homem, contra toda opressão econômica e política na sociedade”. (AAL, 1964, p. 12)

Em sua vivência de Maritain e tantas outras diferentes temáticas intelectuais e sociais, Alceu vai colocando em prática os princípios opostos dentro de um mundo que permite tal posição. A democracia é onde: “a convivência dos contrários é uma condição da preservação dos valores autênticos em sua luta contínua contra os falsos valores” (AAL, 1964, p. 14), completa Amoroso Lima que nada supera a liberdade pois ela fornece lugar específico para a superação dos males.

Toda a defesa de uma democracia cristã feita por Jacques Maritain reflete uma possibilidade que atrai Alceu. O medo de perder sua liberdade vai se desfazendo com o passar do tempo e isso graças a todas essas influências, cada qual a seu tempo, abrindo espaço para a *reconversão* amorosiana de 1928.

Nas palavras de Alceu Amoroso Lima:

É para preservar esse mundo da convivência, onde a civilização moderna possa florescer no que tem de bom e possamos organizar livremente a crítica continua contra os seus males, dentro da liberdade recíproca, - que um homem como Maritain desceu de seu silencioso terraço de Meudon, onde passara da ciência à filosofia e da filosofia à mística, sem perder o contato com nenhum dos aspectos do mundo e da vida, para vir a travar a áspera luta das ideias no terreno político-social do nosso século (AAL, 1964, p. 15).

Respondendo a Medeiros Lima, Alceu cita a força daquele que é considerado o grande mentor de sua *reconversão*:

Apesar de tudo que lhe disse antes, a verdade é que a minha conversão é devida, sobretudo a presença de Jackson de Figueiredo em minha vida. Foi de fato com ele que se travou, a partir de 1924, como já lembrei, o meu duelo verbal ou epistolar, e que me preparou efetivamente para a transição de um espiritualismo ainda vago, mal definido, para a aceitação da fé e da Igreja (MEMÓRIAS, 1973, p. 148).

Nas palavras de Amoroso Lima, o tempo que levou para voltar a fazer parte da Igreja se deve ao seu receio de se perder seu estatuto de homem livre. Não era somente o fato de ir à missa, ou participar de grupos de oração. O que pesava para Alceu era aceitar e defender a fé, como o fizera defendendo seu agnosticismo, vivendo plenamente a Igreja. Ele não dissociava esses dois conceitos de vida.

A presença de Jackson é de fundamental relevância, assim como foram Bernanos, Chesterton, Bergson e Maritain. Cada um a seu tempo e circunstância plantou uma semente de preenchimento e luz num espírito vazio e numa espiritualidade sem conteúdo, carregados pelo jovem Alceu. É nesse espaço de tempo que o *ser fermento* começa a ser preparado.

Sobre a importância de Jackson, Alceu não reluta em dizer que:

Jackson de Figueiredo assumiu para mim, nessa fase, uma importância primacial, colocando em plano secundário todas as demais influências. Nosso relacionamento, no entanto, estava ligado exclusivamente ao plano religioso (...) quando de sua morte, senti-me na obrigação de continuar sua obra, aceitando muitas daquelas suas ideias que me pareciam detestáveis e que contrariavam a minha formação. (AAL, 1964, p. 15)

Mais uma vez Alceu mostra uma qualidade ímpar, a possibilidade de mudança. Não foram poucas as transformações vividas por nosso crítico. Do jovem agnóstico convicto, agora tomado pela dúvida de seguidas e novas influências, suas visões de mundo vão se expandindo a partir do momento em que passa a aceitar, ou pelo menos, supor, a viabilidade do debate religioso, o que ocorre a partir de 1924. Do homem vazio e disponível, começa a emergir um ser que vai ser fruto dos debates, embates, aceitações e repulsas, visando compreender e viver um caminho contingível.

CAPITULO 2: Choque e Liberdade

2.1 Conceito de Conversão

A palavra conversão traz consigo revelações, transformações e dramas vividos dentro de um processo que é considerado único. Essa assunção pode se dar de forma subjetiva e/ou intersubjetiva. Estamos entrando num tema que explicita uma experiência vai além do que se pensa, ultrapassa o que poderíamos entender como sendo exclusivamente a vontade de alguém.

Converter-se é muito mais intenso e complexo. É uma transmutação psíquica que chega a redimensionar toda a existência, não só do convertido, mas também e de alguma forma, de todos que o cercam. O ser humano que passa por todo esse êxtase de emoções coloca a sua frente uma nova vida, possibilidades inauditas de ler e interpretar cada novo contexto de renovada realidade. Tudo o que era questionado, sem sentido, passa a ser respondido por um sentimento maior. Alceu Amoroso Lima não experimentou somente um processo de conversão, foi uma transformação mais apurada. Como o próprio pensador diz em vários de seus textos, o que viveu foi uma *reconversão* ao Catolicismo, já que havia nascido em seio católico, passado pelo agnosticismo e por fim abraçado a fé de forma definitiva.

A palavra conversão não é específica ou exclusiva da religião. A ciência também se utiliza dela para determinar uma transformação científica que pode ser classificada como externa ao indivíduo. No caso da religião, quem se converte transmigra num movimento que parte de dentro de si mesmo para o todo. Transfigura-se aquele que muda um paradigma.

Para Djalma Rodrigues de Andrade (1994, p. 37) a conversão apresenta “uma ruptura radical com a realidade interior e com o equilíbrio de suas relações. O novo contexto draga o convertido para o caminho escolhido, no caso, a opção fundamental de Cristo e seu seguimento.” É difícil, porém, imaginar alguém que busque essa mudança por outro motivo que não o seu desejo íntimo de mudar por completo sua vida.

O homem que se sente insatisfeito existencialmente pode tomar várias atitudes, uma delas é a conversão religiosa. Dessa forma, marca-se o exato momento em que o indivíduo volta-se para si mesmo, superando o sem sentido e abraçando a fé que o alimentará. Tudo muda, a começar pela linguagem que classifica o processo de mudança. É sob este ângulo de vista que podemos situar o primado da conversão de Alceu Amoroso Lima, as epístolas trocadas com Jackson de Figueiredo, num processo linguístico que fez Alceu rever posições, conceitos e mudar sua história pessoal em 1928. Como afirma Rubem Alves, “a linguagem é o mapa da realidade, é ela que estrutura tudo” (ALVES, 1979, p. 52).

Muitos são os sentimentos e mecanismos que levam uma pessoa a se converter, uma vez que o fenômeno religioso existe desde que o homem se deu conta do sobrenatural. Como nos diz Alves (1979, p. 54), “A conversão se revela por meio de um novo falar. Converter-se é abandonar um discurso e adotar um outro. Por que fazemos isso? Por que migramos para diferentes universos linguísticos?”. Uma provável comparação para o questionamento de Rubem Alves poderia estar no descompromisso de Alceu, em sua linguagem vazia, sem conteúdo, como fuga ou mesmo como vivência nadificante. Isso se arrastou por anos, até meados dos anos de 1920, quando Alceu dá início a uma vasta releitura de vida.

Segundo Machado²⁴, “a experiência da conversão se dá com mais frequência em situações de desorganizações de esquemas culturais de interpretação, em crises pessoais profundas ou em situações de anomia geral, quando a ideologia de uma nação ou civilização desmorona”. Nossa fala sustenta o que somos. O que sou vem refletido no que revelo ao mundo por meio da linguagem que escolhi ou pela simbologia a que aderi por falta de vontade ou acomodação. Essa última escolha acarreta um princípio de crise, que pode ou não levar o insatisfeito a rever-se e mudar seu caminho. Transformação emocional, dolorosa e dramática e que mostra o homem rompendo consigo mesmo para encontrar-se. O indivíduo que viveu até aquele momento dá lugar ao novo ser, renovado, esperançoso, carregado de energias reveladoras. Tudo isso o levará a ver a realidade como ela é e a perceber como tudo se dá para este novo ser surgido da fé.

Muitas coisas acontecem no momento mesmo da conversão, no tempo que a antecede e no pós-mudança. O que levou Amoroso Lima a se reconverter pode ter sido o mesmo que inspirou muitos outros. Num dado momento da vida, ainda que enxergasse

²⁴ MACHADO, Gláucio José Couri. **A Conversão Religiosa**. Nov/94 www.urisan.tc.br/cienciadareligao. 29/08/2013. 01:24h.

tudo com plena consciência, algo não fazia sentido, perdendo assim os vínculos com o que poderia, de fato, revelar a vida como ela é. Como afirma Rubem Alves, “o ‘sem sentido’ revela a separação na relação entre homem-mundo. O mundo ganha vida própria para além de minha capacidade de interpretá-lo. Não me sinto mais seguro, não vejo mais o mundo como algo a meu alcance ou sob meu controle” (ALVES, 1979, p. 57).

Em muitos casos, o convertido abraça a fé e a vive de forma afetuosa e discreta. No processo de Alceu, mergulhar em sua fé foi o mesmo que transbordar-se dela para o mundo, nada que possa ser descrito como calmo. Assim como no caso específico de Amoroso Lima, cada conversão tem suas tintas de angústias. Imaginemos então quando se trata de um retorno, uma reconsideração a algo que antes era sem valor e agora a base de toda uma existência? A reconversão de Alceu Amoroso Lima é um importante traço na recente história do Catolicismo brasileiro, pois, sua presença nas fileiras da Igreja contribuiu em muito para uma abertura e uma aproximação com a Instituição.

Como afirma Rodrigues (2011, p. 134):

Outro problema é a ideia de conversão em si, situação difícil que não quer dizer apenas uma troca religiosa ou mesmo o abraçar de um novo credo. Pode-se dizer que a conversão é um divisor de águas na vida do convertido e isto é claramente reconhecido na trajetória de Alceu Amoroso Lima.

Entendendo aqui o processo de reversão sob uma ótica estritamente pessoal, Gaventa afirma:

Sobre mudança pessoal, no processo de conversão, *existem* três categorias: alternância, conversão e transformação. Ele define essas categorias separadamente, embora uma não exclua a outra. Alternância é forma relativamente limitada de mudança que se desenvolve a partir de comportamento anterior; conversão é mudança radical em que afiliações passadas são rejeitadas por um novo compromisso e uma nova identidade; transformação é também mudança radical, mas uma percepção alterada reinterpreta tanto o passado como o presente”. (GAVENTA apud WITHERUP, 1994, p. 12)

Para Witherup (1994, p. 15) independentemente do quadro e da pessoa o que está em jogo é a mudança. O convertido então busca romper com uma situação que o levaria ao encontro do óbvio, do finito, do estagnado, do habitual. Esse transmutar se faz como condição para que o homem renascido finalmente veja o novo mundo. Na verdade, o

indivíduo em busca da conversão acaba de adentrar em um labirinto. Por isso, Rubem Alves diz que é vivendo esse processo que encontramos “a articulação entre o caminho racional e as exigências emocionais” (ALVES, 1979, p. 54).

Quem descreve bem a questão da conversão é Danièle Hervieu-Léger. Seguindo suas concepções, Alceu se encaixaria no conceito de *reafiliado*. No caso específico de Amoroso, uma associação clara entre o homem e a Igreja. Uma conversão, então, é algo que pode contribuir e muito para a construção ou reconstrução de um quadro que, segundo Hervieu-Léger (2008, p. 116) é formada por “identidades plurais em que nenhum princípio central organiza mais a experiência individual e social”.

A conversão é também individualização, dá um rumo à vida do ser no momento de crise e de perda de sentido. Dos conceitos mais difundidos sobre o processo de conversão está o paulino, uma atitude radical, súbita e dramática de transformação religiosa do indivíduo. Mas nem todos vivem esse quadro. Alguns casos são lentos, vividos passo a passo e Alceu é um exemplo disso. Lento, gradual, ainda que doloroso.

Entre tantos conceitos, a conversão pode ser vista como:

Uma modificação na visão que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo que o cerca, que passa a ser interpretada, na maior parte dos papéis ou situações sociais, de acordo com os conceitos proporcionados pela nova confissão religiosa. A conversão entendida como processo vivenciado pelo indivíduo refere-se às modificações em suas concepções de mundo e de si mesmo (OLIVEIRA, 2006, p. 36).

Rubem Alves aponta onde pode estar o ponto de ruptura entre o *status quo* e o início de uma cisão. Para Peter Berger e Thomas Luckmann (2012, p. 63): “na medida em que meu conhecimento funciona de forma satisfatória, sinto-me inclinado a suspender minhas dúvidas a seu respeito”. A partir dos 31 anos de vida, Alceu começa a não ver no mundo esse algo plausível e incontestável. É aí que surge a figura do recém-convertido Jackson de Figueiredo com quem Alceu irá se corresponder por longos anos durante os quais sua reaproximação com a Igreja irá florescer.

Segundo o professor Rubem Alves (1979, p. 57):

A conversão é o processo de reestruturação ou reconstrução de esquemas interpretativos e de valor que se pode seguir à crise. Não existem garantias para que isso se dê. São vários os fatores externos que podem ser invocados como causas de uma conversão, e mesmo esses não chegam a elucidar o fato em si.

Vale ainda relembrar que a linguagem é um instrumento da maior importância para elucidar todo tipo de crise vivida pelo ser humano. E todo caos tem seu começo, meio e fim quando pensado de forma sistemática. Esse processo de *volta ao início* acaba por propiciar condições para que o convertido viva mais intensamente uma ideia. São tantas possibilidades de interpretar uma instabilidade como essa que se torna difícil encontrar paradigmas que alcancem uma explicação desse gênero.

Rubem Alves fala sobre a linguagem como quebra-cabeça, de suas peças espalhadas e nós ali, a juntá-las, reconstruindo o sentido. Alguns podem ser montados em qualquer ordem, outros necessitam de uma ordem clara, definindo qual peça vem primeiro e assim por diante. Na cabeça do homem que vive o processo de conversão pode acontecer exatamente isso; a urgência em colocar cada fato em uma ordem que ele busca ser inabalável, ainda que esta nunca venha a cumprir tal propósito. Esse mesmo apelo visa criar condições para que o indivíduo perceba que a mudança de rumo em sua vida tem campo e perspectivas para isso e que uma transformação tão radical (em alguns casos) não irá resultar num recuo e sim num avanço.

Em todo processo de reconversão de Alceu Amoroso Lima, fica claro que algo a mais o levou a tomar tal decisão. Como ele mesmo afirma em vários textos, a presença de Jackson de Figueiredo e suas cartas certamente o fizeram refletir, e muito, sobre essa grande mudança. Alves escreve em seu livro sobre a conversão que:

Na psicanálise, a neurose só se elucida quando ela pode ser reconstruída a partir de uma primeira peça, o trauma originário. O mesmo acontece com a religião. A linguagem religiosa se origina nas emoções e, por isto, é necessário identificar as emoções a partir das quais ela se construiu praticamente. (ALVES, 1979, p. 53)

O ano de 1923 traz uma marca poderosa em Alceu Amoroso Lima, ele perde seu pai. Esse episódio é de suma importância para toda sua história. Dessa data em diante, como afirma Otto Maria Carpeaux (1978, p. 42), “o mundo em que Alceu Amoroso Lima nasceu e se formou, está aproximando-se do fim (...). Alceu não é um homem de rupturas violentas (...) deve ter sentido a morte do pai como um daqueles acontecimentos dolorosos que a natureza impõe inapelavelmente.”

Lembremos que a partir de 1924 a correspondência quase que diária com Jackson passou a ter um fundo religioso e filosófico, antes disso não. O vazio deixado pelo pai pode

ser uma das muitas razões que levaram Alceu a dar início ao debate sobre o papel da fé em sua vida.

Novamente Alves relata como essa passagem se explica pela sua forma, pela linguagem que remonta à fé, “uma linguagem religiosa só é assumida na medida em que ela responde a uma necessidade emocional, ou seja, na medida em que ela é funcional face a certas exigências da personalidade” (ALVES, 1979, p. 53).

Em cada história o percurso do convertido acaba levando-o para essa nova realidade. Não parece ser algo que alguém resolva fazer ou uma tomada de posição que o indivíduo decida, de uma hora para outra. Se formos pensar no giro de 180 graus que Amoroso Lima aplica a si mesmo, perceberemos que essa mudança se fez cautelosamente. Para ele, a conversão foi o momento de nascimento para uma verdadeira vida.

Quando mudamos de perspectivas estamos nos dando conta de alterar nossa forma de ver, ler e interpretar tudo que nos cerca. Sempre vemos o mundo de nosso ponto de vista e temos a nós mesmos como o centro de toda essa cosmovisão. Sempre que me expresso, revelo quem sou. Nossas emoções transbordam nesse momento. Tudo o que existe, existe por ser o meu falar. Todo homem vazio de conteúdo ou em crise por conta dessa sensação de vazio precisa de qualidade em sua expressão, numa tentativa de dar ordem ao caos. Para o homem que organizou suas emoções, a linguagem já está em acordo com sua vida, sua realidade.

Para Peter Berger (2012, p. 202) “essa estrutura de plausibilidade será oferecida ao indivíduo pelos outros significativos com os quais deve estabelecer forte identificação afetiva”. Aqui estamos buscando a ideia de conversão, de crise e de vazio que a antecede, no caso específico de Amoroso Lima, por trás da crença religiosa. Berger (2012, p. 202-203) ainda afirma que “somente dentro da comunidade religiosa, a *ecclesia* a conversão pode ser efetivamente mantida como plausível. Isto não significa negar que a conversão pode antecipar-se à filiação a uma comunidade [...] Ter uma experiência de conversão não é nada demais. A coisa importante é ser capaz de conservá-la, levando-a a sério, mantendo o sentimento de sua plausibilidade”. Alceu Amoroso Lima viveu uma situação dessas. Antes mesmo de 15 de agosto de 1928, pelas mãos de Jackson, D. Leme e Padre Franca, ele já tinha um discurso católico ou muito próximo deste.

Lembremos também que o conceito de conversão é remetido aqui à ideia de reconversão. Sabemos que Alceu não optou por mudar de religião, ele reafirmou sua fé dentro do próprio Catolicismo de onde havia entrado por conveniência e saído por

influências fortes e marcantes. Para Alves (1979, p. 58), “a palavra conversão não é gerada ou faz parte apenas do cenário religioso, ela se fundamenta em outros círculos fenomênicos, como na terapia onde se busca construir uma nova estrutura de valores.”

Alceu Amoroso Lima por anos viveu metamorfoses que o colocaram numa encruzilhada, desde sua adesão ao Agnosticismo na Faculdade de Direito, sob a influência de Silvio Romero, até o contato com Jackson de Figueiredo anos mais tarde. Enquanto ser que busca ou se aproxima da ideia de conversão, o homem se coloca frente à solução de seus problemas, quer dar sentido à sua vida, quer colocar-se no caminho que ele sente ser o da verdade.

Rubem Alves é muito feliz ao afirmar que:

O convertido passa por uma metamorfose, assimila um valor único em sua matiz emocional de consciência. Reorganizada, a personalidade vê o mundo de forma diferente, o que era dissonante agora é harmonioso. o que antes tinha na confusão, na culpa e ansiedade os sentimentos predominantes, agora vive da paz, alegria e poder. Por isso, como nos relata Berger ‘a experiência de conversão a um sistema de significação que é capaz de organizar os dados esparsos da biografia da pessoa é libertadora e produz intensa satisfação’. A pessoa passa a dividir a sua vida em termos de antes e depois da conversão, e ao fazer isso está distinguindo de forma muito precisa duas faces incomensuráveis de sua experiência: o homem velho que não sabia e não via, e o homem novo, que sabe e vê (ALVES, 1979, p. 59).

O convertido muda. Transforma tudo em sua vida, sua existência se faz outra, sentida em seu mais íntimo e por todos que o rodeiam. Ainda que se comporte como um amante que quer declarar seu amor aos quatro cantos e que por isso mesmo não possui muita razão em sua fala, ele se sente bem com tudo isso e esse *estar bem* o fortalece como indivíduo. O que era pouco, agora é belo. O que era vazio, agora é cheio de vida. A prisão sem muros agora é liberdade plena. O homem consciente de si não se atemoriza mais.

Para Emile Durkheim,

O crente que se comunicou com seu Deus não é meramente um homem que viu novas verdades que o descrente ignora. Ele é um homem que é mais forte. Ele sente dentro de si mais forças, seja para suportar as provações da existência, seja para vencê-las” (DURKHEIN, 1996, p. 30).

Assim, prossegue Alves (1979, p. 60)

É na conversão que as necessidades emocionais se articulam com a lógica da linguagem a que o homem se converte. O homem se converte porque a linguagem oferecida pela religião trás uma cosmovisão capaz de preencher o antes era total falta de sentido.

Outro ponto que merece ser dito é que independentemente da visão de mundo do recém-convertido esse mostra apenas seu lado emocional mais latente, o que explica, por exemplo, a mudança radical no comportamento de Alceu Amoroso Lima no período pós-mudança. São muitos os ângulos de observação que podemos abordar quando se trata das mudanças em hábitos e vivências do convertido. Certo é que a emoção toma conta.

Seria complexo afirmar se o converso está ou não está buscando o perdão, e nem sabemos se ele tem consciência de que Deus perdoa ou não. A questão é que a conversão passa por um mergulho dentro de um mundo novo, um mundo dentro e fora de si com grandes intensidades. O que move esse mergulho, essa entrega, é a mais pura paixão por essa novidade de vida e a necessidade, ainda que inconsciente no início de buscar respostas, de dar nomes a todos os sentimentos que reinaram sem sentindo durante o tempo que antecedeu o encontro com essa energia transformadora.

A relação com o sobrenatural aparece como um dos primeiros obstáculos para o homem, alguns com severas dificuldades de digerir essa “relação”. Alceu sempre teve problemas com essa fase, daí sua reconversão ser lenta e gradual. Ele não viveu uma experiência de fé que o levou a se converter; sua história mostra que sua transformação que se deu mediada, o tirou do lado do marasmo, do sem sentido, colocando-o ao lado da vida, do engajamento, da esperança e da liberdade.

A marca da reconversão de Alceu²⁵ fixa-se na discussão e no convencimento. A ideia era mostrar a ele que fazer parte da Igreja era necessário e positivo. A estratégia que encaminhou Alceu em seu “retorno” ao Catolicismo pode ser compreendida como uma mudança interior de valores. Amoroso Lima não se convertera simplesmente, ele precisava mudar, necessitava receber uma recarga de força, energia essa que veio aos poucos, com seu espírito sendo preparado por ele mesmo, na medida em que ia se permitindo, durante os últimos quatro anos de suas reflexões e angústias.

²⁵ As questões mais íntimas relacionadas à conversão de Alceu Amoroso Lima serão tratadas com mais relevância nos itens 2.2 e 2.3 deste capítulo.

As definições encontradas em Alceu Amoroso Lima, sobre a conversão, dão conta que essa mudança não pode ser encarada como a saída de um status negativo para o positivo, tão somente. Para Alceu:

Nem sempre o adeus tem esse sentido trágico, pode ser até o início de uma nova vida. Da verdadeira vida (...) Dizendo adeus à disponibilidade (*nota sobre essa expressão*), foi então que começou, para mim, a vida verdadeira. E até mesmo a aquisição de uma autêntica disponibilidade, aquela em que nos colocamos nas mãos de Deus (...) E esse gênero de adeuses, representa, então, para nós, o verdadeiro renascimento” (AAL, 1969, p. 10).

O convertido vivencia no sagrado as resoluções de sua vida. Abandona a arrogância de responder e definir por si só tudo de si e seus problemas. O transformado abandona as verdades convenientes, abraçando de corpo e alma a verdade absoluta, aquela capaz de dizer como é a vida de fato, a partir dá ótica divina.

Para frei Francisco de Araujo, a verdadeira conversão:

Visa quebrar as barreiras de nossa tendência a racionalizações, do nosso vezo aos esquemas mentais endurecidos e estereotipados, e, sobretudo, proporcionar o nosso encontro com a realidade, em sua atualidade sempre nova e dinâmica. Partindo de uma concepção teológica de que a palavra de Deus está em todas as coisas e em todos os acontecimentos, o método de Revisão de Vida quer ser um instrumento de interpretação do fato bruto numa dimensão de fé (ARAUJO, 1967, p. 49).

Nessa mesma linha de raciocínio, prossegue Francisco Araujo (1967, p. 49), “a revisão de Vida deve nos ajudar a descobrir, na realidade na qual estamos inseridos.” Poderíamos, então, compreender também que a conversão é uma ressurreição plena, momento de transição entre o homem que morreu e aquele que nasce dessa morte em vida.

Em um processo de conversão como o de Alceu Amoroso Lima, o reencontro com a Fé denota uma “Causa”, uma ideia acima de qualquer outra, algo, que pelo qual vale a pena lutar. O momento que antecede a mudança geralmente é preenchido pela sensação de que nada vale a pena. Alceu descreve esses momentos em *Adeus à Disponibilidade*, de 1969. Sua fala é a mais pura crítica a sua geração e a si mesmo. Esse vazio descrito por ele já era percebido e por isso buscava “uma grande causa, generosa, definida, construtora, pela qual possamos dar o nosso entusiasmo e, se preciso for, o nosso sangue (...) Não

vivíamos em torno de nós nenhum motivo de morrer por alguma coisa” (AAL, 1969, p. 20).

Aquele vácuo do transcendente, a ausência do sobrenatural, até pela repulsa deste, fez com que Alceu se tornasse um pragmático. Amoroso Lima mostra em sua reconversão que mais do que gestos e palavras, o homem necessita externar todo seu entusiasmo interior, força que surge com a volta ao Cristo. Para ele, nada supera a mais gloriosa das Causas.

Certamente, se perguntássemos ao Doutor Alceu o que significava a sua opção por essa mudança, ele diria que a reconversão pela qual sua existência passara lhe trouxe o espírito e a luz para compreender que sua alegria e sua liberdade verdadeira se encontravam no desejo e na tomada de consciência de servir a mais nobre Causa, Cristo. Se converter é tomar a opção da verdade e fugir do risco do erro.

A grande marca da trajetória de Amoroso Lima enquanto reconvertido é o fato de que essa opção pela verdade ter surgido de dentro de um turbilhão de sentimentos. Assim, ele abriu seu coração para o poder da Fé, abraçando-a de forma decisiva. Conversão significou esperança, vida nova, verdade, liberdade e amor, foi sinônimo de superar a si mesmo.

Alceu foi metodicamente trilhando seu *reencontro* com Deus. Sua metamorfose vivida a partir de 1924 denota um processo dinâmico. Não podemos desprezar o fato de ele ter se casado em 1918, o que o colocou em um novo patamar de reflexões sobre seu presente e futuro. Seu casamento é um fato importante, pois a partir dele Alceu passa a viver um real, fora do diletantismo reinante em seu antes anteriormente. Impossível pensar Alceu Amoroso Lima sob uma única ótica. O que ele representava socialmente, profissionalmente e afetivamente, era distinto do que era em suas cartas. Isso pode explicar o porquê da grande transformação de sua vida ter ocorrido principalmente através de sua correspondência com Jackson de Figueiredo.

Em **Adeus a Disponibilidade**, Alceu escreve que a volta à religião positiva que nos formou é a única saída para um mundo de sombras que traiu todos os preceitos. É a restauração da metafísica em sua necessidade, em sua realidade fundamental, o estímulo à ciência verdadeira, a reforma social cristã de uma sociedade que se suicida por inconsciência paganizante. E, é, finalmente, a fusão de nossa arte com a nossa realidade, para arrancar ao moderno a sua máscara de convencionalismo sem prejuízo do humano e do universal (AAL, 1969, p. 32).

Converter-se, para Amoroso Lima (1969, p. 32) é “acima de tudo a reforma do homem íntimo. A orientação ao santo mais que ao super-homem. Pois todo esse itinerário se resume afinal na palavra que a suprema liberdade do filho em face do Pai: servir.”

Nosso pensador explicita que a verdadeira conversão é formada por um conjunto de relações, vividas entre o particular e o plural, entre o eu e os outros, entre o homem e Cristo. Essa mudança deve levar o homem ao encontro com o sobrenatural, de forma verdadeira e franca, sem mentiras ou desvios. O super-homem deve ser entendido mas não idolatrado, pois a verdadeira humanidade está em servir a Deus, o que acaba sendo o mesmo que servir a tudo e a todos. Mas que tenhamos a consciência de que somos semente da vontade de Deus e não o presunçoso ser que pode responder por tudo sozinho. Converter-se é abandonar a arrogância. É viver na mais tenra harmonia perante os ensinamentos do Cristo.

2.2 – Sentimentos relativos à Conversão de Alceu Amoroso Lima

Alceu vivenciou uma infância interessante vinculada a um sentido de espera, aguardando o momento em que deixaria para trás o conto de fadas para viver a rudeza do mundo sem as fantasias plantadas nesse período: “Sempre procurei ser fiel à promessa, a mim mesmo feita enquanto criança, de desmentir quando adulto o lugar-comum da ‘infância feliz’” (MEMÓRIAS, 1973, p. 126).

Em seus relatos, Amoroso Lima nos conta de sua primeira grande frustração frente ao mundo. Aquele menino feliz, sensível e até mesmo já absorto em um complexo de inferioridade teve seu grande choque ao passar das mãos do Professor Kopke para o Ginásio. Alceu escreve que,

Aí o ensino me pareceu em todo o seu horror de inquisição, de rigidez, de impersonalidade, de abstração seca e distante. Aprendi a sentir a veracidade do que muito mais tarde fui ler no Ateneu de Pompéia. Nem uma sombra de preocupação pelo gosto de cada um, pelas inclinações de caráter, pela espontaneidade. Tudo em série, tudo em nomes, tudo espesso e pesado e rígido e distante (MEMÓRIAS, 1973, p. 127).

Conviver nesse lugar e nessas circunstâncias marcou profundamente a personalidade de Alceu. O que no fim de sua vida foi visto como uma atitude proposital de seu pai, naquele momento o marcou com dor e resignação. A criança que se vira feliz acabara de se dar conta do real, nada aconchegante. Estava quebrada a redoma protetora: “Hoje considero providencial o choque” (MEMÓRIAS, 1979, p. 127). Ainda que cada ser seja único, Alceu dá pistas de que essa explosão cultural vivida por ele da infância até o fim de sua vida. A perene frustração estava com ele em cada passo. Não seria absurdo pensar que sua experiência de menino na escola, misturado a todos e fora de seu mundo, possa ter proporcionado seu primeiro sentimento de perda e de ganho, que foram concomitante.

Muitas sensações podem ser descritas no momento mesmo em que uma pessoa passa por determinada transformação na forma com que encara o mundo. Medo de se limitar enquanto ser livre, angústias, ansiedade são alguns exemplos de como o vazio existencial afeta o ser humano em momentos de grande mudança pessoal. Outra relação

íntima com tal vivência era o medo, embrenhado em Alceu de certa forma. Com esse mesmo sentimento ele teve receio de se perder no processo de contato com a Igreja.

Alceu Amoroso Lima experimentou um turbilhão de sentimentos em seu processo de retorno ao Catolicismo. Nosso pensador sabia muito bem a diferença entre uma conversão rápida e uma segura. A violenta pode ser exemplificada pela que viveu São Paulo e a lenta vivida pelo próprio Alceu, que afirma ser esta “a transformação de um estilo de vida, de uma concepção, para outro estilo de vida, outra forma de concepção. A minha conversão foi evidentemente lenta” (VASCONCELOS, 2013).

Quando Amoroso Lima escreve *Adeus à Disponibilidade*, em 1928, faz um relato do que significou para ele a opção pela fé, e a explicação em si já se apresenta no próprio título. Sua conversão o fez engajar-se de fato num projeto, num ideal que fez de sua vida algo plausível. Seu deserto existencial vai sendo preenchido pela luz da fé quando começa sua intensa troca epistolar com o também convertido Jackson de Figueiredo. Ainda que a correspondência entre os amigos tenha sua origem em 1919, é a partir de 1924 que esta começa a influenciar Alceu em seu gradual caminho de retorno à casa do Pai.

Podemos perceber algumas tentativas de Alceu em ir preenchendo ou camuflando sua realidade no intuito de fugir do vazio. A busca pelas formas estéticas, descrita por ele mesmo, dá o tom desse problema:

Entre 1919 e 1922, procurei sistematizar minhas ideias estéticas, dentro dessa fase de minha vida que chamo de predominância das formas sobre as essências. Costumo dizer que passei em vida por três fases: a fase das formas, a fase das ideias e a fase dos acontecimentos ou dos fatos (MOTA; ATHAYDE, 1983, p. 22).

Somente na fase das ideias é que Alceu passa a questionar mais intrinsecamente sua vida e seus rumos. Sem dúvida a grande questão da conversão de Amoroso fora a tomada de consciência dessa possibilidade em sua vida, por isso entende-se que tenha levado quatro anos para que tomasse a decisão por voltar à Igreja. Tomar consciência, nesse caso, é se dar conta de possuir um espírito em completo abandono, vazio e sem perspectivas. Tomar consciência seria então procurar o grande sentido para si.

Já dissemos anteriormente que Alceu se casou em 1918. Podemos levantar a hipótese de que esse episódio levou Alceu a sair da “fase das formas” para a “fase das ideias” apresentando-lhe sentimentos profundos e reveladores, como ele mesmo demonstra

quando diz que “foi o amor que, positivamente, me transformou completamente” (MOTA; ATHAYDE, 1983, p. 32). E continua, “o amor deve estar em tudo, só se exprime bem o que se ama” (MOTA; ATHAYDE, p. 25). Até mesmo a relação com sua futura esposa teve início via correspondência, que foi trocadas por três meses. Esse evento fez com que Alceu mudasse totalmente o rumo de sua vida: “o que era minha vida antes de encontrar sentido para ela, antes de conhecer essa moça, que durante 63 anos foi minha companheira e minha razão de viver” (MOTA; ATHAYDE, p. 33).

De fato, seu casamento lhe deu uma nova forma de ver tudo e todos. Seu engajamento já estava em mutação. Lembremos ainda a ausência de seu pai, o que levou Alceu a rever ainda mais sua existência. O mundo em que ele havia se formado até então estava em transformação. Contudo, os fatos, as ideias ainda estavam sem sentido. Amoroso sabia que ele mesmo era fruto de uma geração marcada pela indiferença, mesmo sentimento que o deixou disponível por tantos anos.

Em muitos pontos de sua obra, Alceu deixa claro que até 1925 sequer cogitava pensar em questões religiosas. É nessa segunda fase de sua vida, a das ideias,²⁶ que ele dá os primeiros passos rumo à reconversão. A afirmação de Djalma Rodrigues de Andrade revela um pouco mais do calvário amorosiano:

O drama interior do esteta e de sua geração abalados em suas certezas por acontecimentos como a Primeira Grande Guerra costuma ser descrito com cores fortes. Durante os quatro anos de duração do conflito ‘uma imensa revolução interior se processou no fundo de nossos peitos’. Colocara-se em questão todo o clima de euforia que vinha do século anterior e a mudança definitiva processada no crítico Tristão de Athayde nos rumos da religião culminaria com a conversão deste (ANDRADE, 1994, p. 35).

Qualquer pessoa que passa por um processo de conversão vive oscilações que são reflexos da dinâmica feroz que se faz presente a cada acontecimento. É um eterno reinterpretar. Assim como a transformação vivida por Alceu deve ser entendida como um fluxo que se percebe ligado à história, as fases descritas por ele, *formas, ideias e acontecimentos* devem ser pensadas como complementares umas às outras, são reflexos

²⁶ Lourenço Dantas Mota (1983, p. 22) afirma que Alceu Amoroso Lima definiu sua vida em três momentos distintos, ou *fases*. Inicialmente a fase das Formas (a primazia da estética), a fase das Ideias (a primazia da filosofia, das ideias, abertura à religião) e a fase dos Acontecimentos (a primazia dos fatos, dos problemas sociais).

das evoluções vividas por Amoroso Lima. Elas forjam o que Alceu era e o que ele veio a se tornar. A conversão não é *um momento*. Ela é uma vida.

Nesse movimento, ao mesmo tempo em que nos mudamos tudo ao redor acaba sendo transformado também. Isso é um fato na vida do convertido. Para Djalma, “de certa forma (o convertido) é arrancado de seu contexto e referencial básicos em troca de um novo contexto, o das relações calcadas na opção fundamental por Cristo e seu seguimento” (ANDRADE, 1994, p. 37). Nesse percurso não só mudam as relações, nossos atos, olhares, fala, consciência; tudo passa a convergir para um novo caminho, e nesse caso a conversão de Alceu Amoroso Lima é marcadamente interessante, já que foi pensada por quatro anos, período em que o tempo agiu de forma benéfica.

Alceu define muito bem sua conversão em um texto onde mostra o poder do que sentiu ao abraçar a fé:

A luz de Deus não é como a luz dos homens. Esta facilita a marcha, afasta os obstáculos, mostra os abismos. Aquela ofusca, cega (como cegou São Paulo) e para os medíocres, então, se apresenta por vezes como uma catástrofe, como uma prisão, como uma condenação à morte. É realmente uma condenação à morte, mas de tudo o que nos parecia antes ser a vida. É a morte do homem velho. É a morte do passado. É a morte do pecado. Ou pelo menos é o tremendo despertar da consciência do pecado. É o abandono dos companheiros. Era, naquele momento, o que chamei de ‘*adeus à disponibilidade*’, e que só Deus sabe como foi doloroso. Uma verdadeira amputação. Não me lembro em toda minha vida... De dor mais cruciante, do que esse encontro com a Verdade e sua tremenda exigência de um Tudo-ou-Nada, de um Vem-ou-Fica, sem nenhuma compreensão, sem nenhum consolo, diria mesmo, se não fosse o temor da incompreensão, mas vou dizendo por que sei que me compreendem, sem nenhuma esperança (AAL, 1957, p. 51-52).

Por sua erudição, Alceu Amoroso Lima não aceitava respostas rápidas para suas questões que em grande parte eram existenciais. Seu ser se encontrava num deserto espiritual, seu calvário por elucidações o deixava cansado. No período que vai de 1924 a 1928, ele passa a compreender melhor seu ser e mesmo buscar a Deus a partir de um mergulho em si mesmo. Amoroso Lima tinha em sua consciência os medos metafísicos, as angústias, dúvidas e hesitações, como lembra Rodrigues. Não é difícil imaginar os dramas vividos por um indivíduo durante um processo de conversão religiosa. Certamente a ansiedade devia revirar completamente a estrutura psicológica de Alceu. Rubem Alves descreve tal relação, dizendo que,

A ansiedade, ela surge no momento do *inominável*, sua capacidade de deixar o indivíduo sem chão, está no fato de não ser uma dor precisa, localizável, *nominável*. Não sabemos o que ela é. Ansiedade surge quando estamos no vazio, ou somos este vazio. De nada adianta a consciência, pois esta não enxerga nenhum objeto, a ansiedade nada é (ALVES, 1979, p. 61).

Alceu vivia a mais profunda crise; o que antes era compreendido como plausível vai cada vez mais perdendo sentido. Ainda segundo Alves (1979, P. 61),

A primeira função da conversão é dar nome à ansiedade. Deve-se colocar a subjetividade frente a um objeto. A verdadeira conversão ocorre quando o homem, prisioneiro de suas emoções, aceita os nomes que lhes são dados pela comunidade religiosa que lhe dirige a palavra.

O homem que ainda não vive plenamente a mudança acaba mergulhado em emoções que ainda não é capaz de nomear e continua assim mesmo depois de tal transformação. Superado o ego, o homem consegue sentir-se livre para ser o que desejar ser e viver. Quando Rubem Alves escreve que a conversão se inicia com a necessidade absoluta de alguém que nos ajude e termina com o sentimento de que ele nos ajudou parece descrever a trajetória de Alceu Amoroso Lima após seu encontro com Jackson de Figueiredo. Bem antes de 1924, Amoroso Lima já sentia os sinais de uma crise metafísica e religiosa.

Durante um intenso debate que vai de 1924 a 1928²⁷ porém, é que Alceu começa a se dar conta de que mudar não é e nunca poderia ser entendido como algo passivo. Ele mesmo afirma que não se convertera para se recolher, para entrar num porto, mas para sair do porto. Afinal, a conversão leva o ser humano a escrever uma nova história pessoal, sendo essa, fruto de muitos sentimentos e sensações vividos até então. Importante frisar que Rubem Alves define a conversão não somente como uma mudança, mas verdadeiramente como uma reinterpretação do mundo. De fato, o mundo está aí, como sempre foi e será, mas a forma como o converso vê esse espaço é modificada por uma grande reviravolta de compreensões.

²⁷ A partir de 1919 tem início a troca epistolar entre Alceu e Jackson. O debate se funda em temas filosóficos. A partir de 1924 a correspondência passa a ter fundamentos religiosos com o intuito de levar Amoroso Lima a pensar e viver sua religiosidade.

De uma visão até certo ponto irresponsável, Alceu estava passando a ver o mundo de forma mais cautelosa. Já não era mais tão indisponível quanto antes. Conforme abraçou a fé teve a clareza de ver que, como escreve Alves,

A experiência de conversão pressupõe que o ponto de encontro entre Deus e o mundo é o sofrimento e a angústia, isto é, a sua dor e enfermidade. A conversão é uma solução a um problema doloroso, a partir dela se estrutura um mundo cuja função é impedir o reaparecimento da experiência da angústia que se encontra agindo no ser de cada um. Estar nesse processo de conversão é o mesmo que superar o terror da dor e da angústia. Assim a consciência se coloca a postos para manter esse terror longe do convertido (ALVES, 1979, p. 79).

Como Alceu mesmo afirma, ele foi da razão sem fé para a fé de base racional: “de 1919 a 1925, digamos assim, quis ser apenas um crítico literário ideologicamente agnóstico e politicamente acomodado” (MEMÓRIAS, 1973, p. 95). No decorrer de 1925 vai surgindo em Amoroso Lima o resgate do poder das ideias: “Dessa renovação de meu interesse pelas ideias e pelos fatos, surgiu em mim a necessidade de ir aos *finis*. E de procurar as raízes. De passar das evanescências às essências” (MEMÓRIAS, 1973, P. 95).

Alceu Amoroso Lima ao se converter rompeu com muita coisa, mas todas elas ligadas a atitudes e compreensões. Ele mesmo diz que não tinha rompido com seus amigos. Sair de seu canto acomodado e viver a ruptura de 1928 pode ter sido, como ele mesmo admite, “o ato mais difícil e doloroso de minha história mental” (MEMÓRIAS, 1973, p. 96). O comportamento de nosso crítico era mais “uma atitude e não de um adeus aos companheiros de atitude, a maioria dos quais também disponíveis, no sentido da irresponsabilidade gideana como um estágio final da vida” (MEMÓRIAS, 1973, P. 96).

Alceu escreveu sobre o caminho que o levou ao agnosticismo e depois à fé em vários textos e artigos. Por sua notoriedade como crítico literário, sua conversão acabou se tornando pública e objeto de estudos e reflexões.

Medeiros Lima, em *Memórias Improvisadas* questiona Alceu e sua aceitação da ideia de Deus, pois segundo o próprio Amoroso Lima, ele teria chegado a esse momento pela inteligência e não pelo instinto. Nota-se em Alceu uma clareza indubitável, definições objetivas sobre um homem antes e outro ser depois do encontro com a fé: “após a morte de Jackson escrevi o artigo Adeus à disponibilidade, com o qual assumia a posição de católico militante. Eram vinte anos de amadorismo, de diletantismo, de indefinição que se encerravam para sempre” (MEMÓRIAS, 1973, p. 36).

O indivíduo pré-católico não estava em lugar algum. Somente a partir de 1923 Alceu passa a viver a crise que o levaria ao Catolicismo de corpo e alma. Entre 1924 e 1925 Amoroso Lima começa a mudar sua posição frente à vida. Isso se dá particularmente sob a influência das cartas e pensamentos de Jackson de Figueiredo. Entre as várias mutações de seu pensamento, nosso pensador mostrou mais de uma vez em sua vida a imensa capacidade de recriar-se. O que era tido como contaminado e marginal antes de 1924, vai se transformando em possibilidade e esperança. O católico Alceu Amoroso Lima pode ser visto como o ser que teve uma vida disponível e que num dado momento colocou em cheque esse *não compromisso*. Aceitar a fé como ele fez lhe mostrou o caminho da verdadeira vida, com sentido, com justificativas. Assim, Alceu saiu de um espiritualismo vago, oportunista, indefinido e foi para a Igreja viver sua nova morada, a fé.

O que era relacionado ao pensamento religioso não fazia parte das reflexões de Alceu. Isso só acontece a partir de 1924. Surgiu, entretanto, como preocupação, não como inspiração. Em 1925, após a leitura de *Sob o Sol de Satã*, de Georges Bernanos, Alceu se viu arrebatado e extremamente surpreendido pelo conteúdo moral e espiritual da obra. Como o próprio Alceu afirma, “esse livro foi para mim uma tremenda revelação” (MEMÓRIAS, 1973, p. 137).

A importância e a preparação que Bernanos dá a Amoroso Lima é vital. Ele antecede Jackson de Figueiredo no sentido de inspirar intelectualmente a razão questionável de Alceu, preparando terreno para a futura harmonização dos contrários. Alceu afirma que Bernanos operou outro choque em sua vida, uma colisão agressiva contra o diletantismo, o ceticismo, a tudo que o deixara ali, estacionado na comodidade:

Quando em 1928 disse adeus à disponibilidade, eu o fiz como um ato de revolta contra Gide, que tinha feito da disponibilidade o suprassumo da atitude humana em face dos acontecimentos. Era uma reação contra o intelectualismo descompromissado e o ceticismo que nos transmitiram os escritores de minha preferência na época (MEMÓRIAS, 1973, p. 138).

Também em 1925 se aproxima de Maritain, o que amplia suas inquietações espirituais. Alceu começa a se colocar no meio caminho para a fé. Assim como o livro de Bernanos, Maritain e seu *Primado do Espírito* o impressionaram muito. Imaginando a possibilidade de viver religião e democracia no mesmo âmbito é que Alceu dá seus primeiros passos em direção ao debate religioso com Jackson de Figueiredo. É aqui que

pesa sua conversão. É a partir desse diálogo que Alceu deixa de lado muitas de suas considerações e passa a pensar-se aos poucos como um homem de fé e livre.

Aliás, o debate sobre a liberdade é central com relação à *reconversão* amorosiana. Todas as vezes em que Alceu Amoroso Lima debatia sobre religião com Jackson de Figueiredo ou qualquer outro pensador, sua personalidade se afetava devido ao receio de, ao abrir espaço para o surgimento de sua remota fé em Deus e na Igreja, acabasse perdendo a liberdade de pensamento e ação. O mais intenso diálogo epistolar de nossa literatura, porém, foi amplamente focado em primeiro converter-se a si mesmo, e num segundo momento converter-se ao Catolicismo. Os dois pontos são um, a relação complementar de ambos fez de Alceu um convertido comprometido e consciente.

Essa relação com o medo de deixar de ser livre ao abraçar a fé foi aos poucos sendo superada pela incisiva personalidade de Jackson, que afirmava a mudança como uma relação entre consciência e inteligência do homem seguido diretamente da misericórdia de Deus. Esse dado é rememorado por Rodrigues (apud Figueiredo, 2011, p. 9), “é esta a hora da inteligência (quando percebe que sem Deus ele não é nada). Virá a hora da consciência (quando ele sente a verdade e passa a ter consciência da graça divina e se rende). Se você sofre ainda é porque Deus ainda não quer salvá-lo”.

Assim, Jackson mostrava sua força em cada carta à Alceu, expressões e sentimentos ásperos, contundentes. De certa forma, Amoroso Lima queria não viver essa dor, essa angústia de mudar tão radicalmente sua existência. O período que vai de 1924 e 1928 marca uma fase em que ele estava sem norte, desertificado espiritualmente. Aquela liberdade que ele tanto temia perder veio dentro da Igreja como um sentimento de absoluta completude. Essa aparente contradição se explica pelo comprometimento de Alceu ao retornar à casa do Pai. Nesse instante mesmo da volta, Amoroso Lima se vê fazendo parte de algo muito maior que sua compreensão inicial, como lembra Rodrigues (2011, P. 14): “Alceu viu a oportunidade de evangelizar, de ser fermento para as massas, queria defender e polemizar, defender a Igreja dos ataques.”

Essa relação conflituosa entre agir e modificar e ter o medo de virar refém de ideias que não o representavam, entendendo nesse meio o receio da *não liberdade*, fez Alceu afirmar algumas vezes que sua conversão se dera contra sua vontade. Rubem Alves escreve que “ao se converter à Cristo, de forma emocional e inarticulada, o homem, sem o

saber, está se convertendo a uma série de ‘acordos silenciosos’²⁸ que fazem parte da consciência coletiva da Igreja” (ALVES, 1979, p. 70). Alceu fala na entrevista a Lourenço Dantas Mota: “Eu me debatia para não me converter” (MOTA; ATHAYDE, 1983, p. 36).

Devemos dar conta de que, se a conversão for de fato esse salto para dentro de si mesmo, as consequências podem ser as mais devastadoras possíveis para os que não estiverem preparados para experimentar tal emoção. A cada constatação do itinerário de vida de nosso pensador vamos percebendo o fato de que Alceu usava toda sua cautela nessa transformação. Ainda que contra sua vontade, sua *reconversão* se deu pela vontade de Deus e também motivada pelo desejo de estar consigo mesmo, exemplo cabal do poder da emoção fundida a uma razão que necessitava urgentemente de algo novo para se fundar. Essa fusão se fez possível em Alceu Amoroso Lima.

A sensação que se tem quando se lêem os relatos de sua conversão é de que Alceu foi se entregando aos argumentos daqueles que o queriam como parte da nova visão de Igreja pretendida em seu tempo. Bem mais que isso, porém, Amoroso Lima foi sendo paulatinamente convencido de que seu papel poderia e deveria ser o de evangelizador. Esse é o maior pacto em questão, fruto da mais absoluta dependência entre homem e Fé. Na verdade, seria impossível que ele viesse a perder sua fé, mudando sua postura frente à religião. Ao contrário, ele encontrou na Igreja a maior de todas as liberdades, sua realidade agora era de fato verdadeira. Como representa muito bem Rubem Alves (1979, p. 75), “o real agora é uma grande transformação”.

Pode ser muito confortável pensar logo de início que a conversão de Alceu é marcada pelo episódio da troca epistolar com Jackson de Figueiredo entre 1924 e 1928. Seria uma grande ingenuidade carregar somente essa informação. Quando Alceu Amoroso Lima se *reconverte*, aos 35 anos de vida, deixa claro que sua relação com o mundo e consigo mesmo é que estavam sendo alterada, a partir de toda uma sequência de fatos, experiências, emoções e, - por que não - frustrações.

Como resultado de uma verdadeira conversão, os problemas existentes não fazem mais parte da vida do novo homem. Assim reitera Alves: “não é mais transformar a realidade, o caso agora é transformar nossa maneira de sentir essa realidade. Mais que isso, devemos reinterpretar o nosso mundo” (ALVES, 1979, p. 76). Resolvido seu problema emocional, está plantada a semente de sua paz. Não existe mais aquela crise que o levava a tal mudança de vida. É importante perceber que a angústia e a ansiedade vividas ao longo

²⁸ Expressão ligada a Wittgenstein.

da vida e anteriores ao processo de conversão representam uma tentativa de bloquear essa mudança também. Aquele que consegue superar essas mazelas como fez Alceu, sai duplamente fortalecido.

Rubem Alves escreve categoricamente que:

A conversão é uma resposta a uma experiência de dor, ela constrói mecanismos para impedir a sua própria reestruturação, pois esta contém sempre o perigo de voltar à experiência de dor. A conversão é algo absoluto. Ela é fruto e marca de uma certeza. O converso tem certeza de sua salvação. Não ter certeza e/ou duvidar é confessar que a crise ainda não foi resolvida. A experiência da salvação exige um universo conhecido de forma absoluta e final. A dúvida não se faz mais presente (ALVES, 1979, p. 81).

Alceu Amoroso Lima demonstra em seus escritos que a partir de 1928 sua vida passa a ter sentido. Não é simplesmente negar os 35 anos anteriores, mas dar cara a uma existência anteriormente oscilante.

2.3 – O contexto da conversão de Alceu Amoroso Lima ao Catolicismo

Com uma vasta gama de fatos históricos, podemos compreender alguns fatores que nos levam a aceitar que a conversão de Alceu Amoroso Lima se deu a partir de movimentos sociais e intelectuais marcantes em sua vida, e com a forte e incisiva presença de Jackson de Figueiredo. A troca de correspondência entre eles foi tão intensa que o próprio Alceu afirmou em uma dessas cartas, escrita em 4 de fevereiro de 1928: “cada vez estou mais convencido de que um homem é o que são suas cartas”, Como lembra Rodrigues (2011, p. 135).

Foi com Jackson que Alceu partilhou as descobertas filosóficas e todas as dúvidas suscitadas a partir de então. Mas acima de tudo, essas cartas demonstram um sentimento de desconforto que é provocado em Alceu desde o momento em que ele se abre à possibilidade de retornar à fé católica (RODRIGUES, 2011, p. 135).

Outros pontos são de grande relevância para entendermos esse curso histórico de Alceu, como a Semana de Arte Moderna de 1922 e o surgimento do Modernismo no Brasil. Antes disso, porém, cabe relembrar o quadro em que encontrava a Igreja Católica brasileira a partir da Proclamação da República.

Cordeiro escreve que

No Brasil, no período que se estende entre a Proclamação da República (1889) e a ascensão de Vargas ao poder, a Igreja Católica viveu um momento de incertezas e de dúvidas. Período em que livre do regime de padroado que vigorara durante o Império, os católicos brasileiros viram-se cada vez mais presos ao processo de romanização (que penalizava o Catolicismo popular) e em choque com um Estado nacional laico. (CORDEIRO, p.02).

Na verdade, faltava até mesmo uma compreensão do que poderia ser o Catolicismo brasileiro, a partir de sua histórica miscigenação. Quando surge a figura de Dom Sebastião Leme, surge também um desejo intrínseco de sacudir as estruturas mórbidas da fé católica no Brasil. Para D. Leme, deveria surgir uma Igreja que representasse seu povo e de representantes que fizessem jus à essa Instituição. Assim nasce o germe da reação católica,

da neocrisandade que buscava, em suma, dar vida a cristãos estáticos. Completa ainda Bruneau (1974, p. 73) que, “Dom Leme se preocupava extremamente com a falta de influência da Igreja, e suas iniciativas para remediar a situação o colocaram na posição de inovador”. Para Dom Leme, o fato de o Brasil possuir uma maioria Católica não estava representando seu real valor, na prática. A resposta para ele estava na ausência da Igreja em várias frentes, essencialmente a educacional que poderia nos levar a entender e viver a fé. A defesa da educação religiosa, instrumento crucial da Ação Católica, coloca Dom Leme no contexto político nacional, levando Bruneau a afirmar que,

A solução estava em usar a estratégia do grupo de pressão para voltar à vida pública e, dessa posição, usar o poder para promover a influência. A posição de Leme demonstrava a permanência da adesão aos objetivos monopolistas e compreensivos do modelo de crissandade, e a percepção de que isso só poderia ser alcançado com o apoio do Estado. Isto é, o poder ainda era necessário para a influência, pelo menos no caso de se adotarem aqueles objetivos tão vastos (BRUNEAU, 1974, p. 74).

Tudo isso somado às transformações em sua vida e mais os movimentos históricos e sociais de sua época, fizeram de Alceu um ser em constante mudança. Um desses acontecimentos foi a Semana de Arte de 1922:

O Teatro Municipal de São Paulo tornou-se o palco de divulgação das ideias modernistas. Em três sessões, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro, foram lidos poemas, ao mesmo tempo em que se realizavam exposições de esculturas de Brecheret, pinturas de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, arquitetura de A. Moya (para citar alguns), além de apresentações de música de dança (CASTRO, 1998, p. 104)

Um dos efeitos desse acontecimento foi o de abrir espaço para grupos de pensadores, artistas, escultores que, com o passar do tempo, conseguiram colocar suas ideias no cenário nacional. A Semana de 22 marca uma tentativa de recriar o Brasil a partir de sua cultura, e mostrava o pensamento de uma expressiva parcela dos artistas brasileiros. Organizada por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral, Villa-Lobos e outros, com o tempo ela foi sendo mais aceita e difundida em outras cidades e estados.

O que antecede a Semana é tão importante quanto seu próprio acontecimento. Talvez o sentimento que resume bem o que motivou sua criação seja a frustração de jovens brasileiros perante um Brasil estagnado, sem vida nacional, importador de tudo que se compreendia enquanto cultura e arte. A França até então inundara a sociedade brasileira de todos seus atributos de intelectualidade, deixando a mercê do acaso aqueles que já viam a necessidade de criar a cara do país, nas artes e na cultura em geral.

Mergulhar para dentro do Brasil era o caminho escolhido, indo totalmente de encontro ao glamour da *Belle Époque*, já decadente em nosso cotidiano. O fim da Primeira Guerra Mundial é fundamental para que o mundo pudesse dar conta de si mesmo; cada país, à sua moda, tenta entender essa Guerra e compreender o que se passa com o que se pensava ser inalienável. As ideias de nacionalização, de pátria, de povo são fermentadas no pós-guerra. Cria-se uma necessidade de mostrar a cara do Brasil para o Brasil. Quando em 1916 Anita Malfatti (1896-1964) realiza a primeira exposição brasileira de arte moderna, ela abre caminho para a Semana de 22. Anita, recebeu várias críticas por seu trabalho, mas foi defendida com vigor por jovens artistas, entre eles, Mario de Andrade e Oswald de Andrade. Segundo Castro (1998, p. 102) “nesse instante delimitam-se claramente dois grupos: os que apoiam a arte moderna e os que a condenam ferozmente”.

Não podemos deixar de lembrar a importância de Graça Aranha e seu livro *Cannã*, publicado em 1902, ano que marca o Pré-Modernismo. Esse ciclo se completa depois, com a realização da Semana em 1922, instalando assim o Modernismo no Brasil.

Entre os escritores pré-modernistas podemos destacar Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, de 1902. A própria divisão contextual do livro nos conta o alto índice de brasilidade que reina em suas páginas; A terra, o Homem e a Luta. Essa obra em particular influenciou Alceu Amoroso Lima, aproximando-o de uma visão de povo brasileiro até então alienada em seus pensamentos. Pensar o Modernismo e a Semana de 22 é conceber uma intrínseca rede de condições que deram ao Brasil a possibilidade de vivenciar nova realidade a partir de sua própria cultura, resgatada por aqueles que não suportavam mais a nostalgia europeia.

Nessa linha, 22 foi um total escândalo, como afirma Castro (1998, p. 104), “as poesias declamadas não tinham rima nem métrica, falavam de coisas ‘não poéticas’; constituíam-se muitas vezes em críticas à sociedade, à cultura, à poesia”.

Justamente no período que vai de 1914 a 1924, Alceu vive grandes e influentes transformações em sua vida. A Guerra, o casamento, a morte do pai e finalmente o

encontro com Jackson de Figueiredo. Não é difícil encontrar na literatura brasileira uma tendência a creditar a Alceu Amoroso Lima a posição de principal crítico literário do Modernismo. Esse posto costuma ser dividido com Mario de Andrade, para alguns autores.

Como lembra Rodrigues (2009, p. 121),

Alceu começou sua atividade crítico-intelectual em 1919, portanto, três anos antes de a efervescência futurista ter explodido em São Paulo, cujo epicentro foi a Semana de Arte Moderna em 1922. Entretanto, Amoroso Lima deve ser situado num outro contexto sociocultural: o Rio de Janeiro no final da sua *Belle Époque*. É lá que encontramos o jovem Alceu recém-saído do seu período de formação acadêmica, ávido em participar dos debates e embates ideológicos que fervilhavam na imprensa da antiga capital republicana.

Bem provável é que Amoroso Lima tenha embarcado no Modernismo após viver as angústias de uma *Belle Époque* e de um pós-guerra, sentimentos que fizeram com que muitos de seu tempo repensassem suas vidas e seus posicionamentos. Alceu mesmo afirma que:

Foi através de Graça Aranha e de Ronald de Carvalho que se operou a minha aproximação com o Modernismo, embora de um modo independente e à distância, pois nunca frequentei meios literários. [...] O Modernismo ia representar uma ruptura com a literatura anterior. Em primeiro lugar uma insurreição dos jovens, da nova geração contra o domínio dos velhos, daquilo que chamo de a gerontocracia literária. Era a época em que dominavam os valores consagrados. Em seguida ia ser um movimento de consciência de uma nova geração contra a inexistência de geração dominante nos primeiros vinte anos do século (AAL; LIMA, M, 1973, p. 67)²⁹.

É comum não acharmos o nome Alceu Amoroso Lima vinculado a movimentos, revistas ou qualquer coisa do gênero Modernismo. Nosso pensador, porém, aparece na história não como pilar principal, mas como uma das estruturas que fizeram com que a cultura brasileira fosse se fortalecendo com o tempo, mais ainda a partir do emblemático ano de 1922. Nas palavras de Alceu,

²⁹ Essa citação receberá um código, onde se lê: *AAL; LIMA, M, 1973, p. 37*, por exemplo, iremos ler *Memórias, 1973, p. 37*, já que esta citação consta da obra *Memórias Improvisadas: Diálogo com Claudio Medeiros Lima*. Vozes, 1973.

Não tomei parte da Semana de Arte Moderna de São Paulo, mas a apoiei integralmente, embora com absoluta independência. Não fazia parte de nenhum dos grupos, nem paulista nem carioca. Não frequentava grupos literários nem livrarias. Não tinha por isso mesmo compromisso com ninguém. Prezava por demais a minha liberdade e a minha independência de espírito para me deixar envolver por teorias ou por tendências grupais (MEMÓRIAS, 1973, p. 68).

Em *Memórias Improvisadas*, Alceu afirma que o Modernismo veio representar uma ruptura com a literatura anterior. Esse período na nossa história pode ser descrito inclusive como uma transfiguração, a começar pelos valores defendidos e por isso mesmo questionados a partir de tal manifestação cultural. Amoroso Lima descrevia a história na qual estava inserido com maestria ao afirmar que “era a época em que dominavam os valores consagrados” (MEMÓRIAS, 1973, P. 68).

Alceu vivia concomitantemente o surgimento do modernismo e suas inquietações espirituais. Nessa época ele mesmo já afirmava, “encontrava-me a meio-caminho da fé (...) o espiritual era então absorvente em mim” (MEMÓRIAS, 1973, p. 145). Esse período, início dos anos de 1920, colocou Amoroso Lima em uma rota de colisão com seus ideais há muito questionados. Nessa trajetória de transformações, a presença de Jackson de Figueiredo é notória, mas pode ser que se faça representar em um ponto bastante específico no processo de retorno à casa do Pai vivido por Alceu:

Na verdade, o Catolicismo tradicionalista de Jackson de Figueiredo não seria suficiente para impor nova (ou velha) fé a um cético que já passara pelas mais sofisticadas ramificações do pensamento europeu contemporâneo. Precisava-se, para tanto, de dúvidas filosóficas melhor fundamentadas; e essa crise ideológica no estilo de pensar de Tristão de Athayde foi acelerada pela leitura renovada de obras de Jacques Maritain (CARPEAUX, 1978, p. 48).

A declaração de Otto Maria Carpeaux admite ainda que Jackson influenciou e muito sua condição espiritual e filosófica, mas nem tanto assim sua condição política perante o Brasil em profundas mudanças. Isso pode ser captado pelas palavras de Amoroso Lima, ao considerar Figueiredo como um autoritário e antimodernista. Ao levar isso a cabo, Alceu redefine papéis, a começar por si mesmo, permitindo com que outros como Jackson possam ter acesso à sua existência carente de significados. Contrários e

harmônicos, os dois vão trilhando um caminho controverso e rico em detalhes captados por inúmeras cartas trocadas quase que diariamente.

Contudo, é possível ler em Alceu Amoroso Lima a seguinte declaração: “Apesar de tudo quanto lhe disse antes, a verdade é que minha conversão é devida, sobretudo à presença de Jackson de Figueiredo em minha vida” (MEMÓRIAS, 1973, p. 148). O que chama a atenção nessa história de vida são os vários percalços vividos por Alceu e que mesmo assim não fizeram, em nenhum momento de sua vida, tomar qualquer decisão que não fosse fruto de sua mais límpida vontade consciente. Mais à frente, Amoroso Lima admite a imensa influência de Figueiredo, detalhando em que ponto essa lhe era fundamental: “Jackson de Figueiredo assumiu para mim, nessa fase, uma importância primacial, colocando em plano secundário todas as demais influências. Nosso relacionamento, no entanto, estava ligado exclusivamente ao plano religioso” (MEMÓRIAS, 1973, P. 148). Essa declaração de Alceu corrobora de forma indiscutível a afirmação anterior de Otto Maria Carpeaux.

Temos, então, um ex-católico liberal, transformado por um também católico recém-convertido e conservador. Mais importante que toda essa diferença poderia ser a inclusão de um intelectual como Alceu nas fileiras católicas de uma Igreja que buscava recriar sua imagem e sua atuação. Quanto a isso, Dom Sebastião Leme tem importância indiscutível. Ele possuía como poucos, uma visão dinâmica da história. Essa postura - como afirma Medeiros Lima - o colocou à frente de seu tempo, com habilidade política e extremamente eficaz na revitalização dos movimentos católicos até então caídos no ostracismo pós-império.

Ainda que Alceu defenda a ideia que o Redentorista Julio César de Moraes Carneiro fora, cronologicamente, a pessoa que primeiro representou o Catolicismo brasileiro, a presença de Dom Leme é marcante. Amoroso afirma que

Dom Leme soube harmonizar idealismo e realismo, autoridade e tolerância. Tinha um senso agudo de como lidar com as pessoas, conhecendo suas qualidades, debilidades e fraquezas. Era um intuitivo, muito mais que um dedutivo, era um espírito concreto, muito mais que um temperamento abstrato. Tinha horror às coisas já feitas, às ‘fórmulas’, fossem elas quais fossem. Não gostava de coisas minuciosamente preparadas, gostava de improvisar (MEMÓRIAS, 1973, p. 233).

Alceu diz que Dom Leme tinha a incrível facilidade de entrar no âmago de uma questão com a destreza de poucos. As palavras de João Alfredo Montenegro dizem bem da personalidade de Leme:

Não se pode reduzir a personalidade do cardeal Dom Sebastião Leme à inclinação para a vida contemplativa. Era um prelado profundamente engajado no seu tempo. Muito realizou e ajudou a realizar no campo social. Reorganizou e sobremodo impulsionou a Ação Católica. Estimulou, num lampejo extraordinário de gênio, um pensamento católico. Pois compreendeu admiravelmente o papel intelectual como vanguarda do Catolicismo. Nisso deixou indelével marca.³⁰

Compreender a importância de intelectuais nas fileiras da Igreja fez com que Leme recolocasse a Instituição novamente nos trilhos há tempos sem rumo. Alceu Amoroso Lima fora um exemplo desse novo estatuto pedagógico, ampliando, resgatando o espaço do Catolicismo a partir de influências positivas que pudessem se tornar evidências a serem seguidas. O leigo passa a ser aquela liga, antes inexistente, tirando somente do clero a responsabilidade de evangelizar. A necessidade de defender a imagem e doutrina da Igreja fez essa nova postura nascer com força, e apresentou novas possibilidades ao espaço católico brasileiro, especialmente na então Capital Federal, Rio de Janeiro.

Da parte de Amoroso Lima, o objetivo era superar suas insatisfações existenciais. Vale relatar que o contexto da época, como afirma Cury,

Revelava um momento de crise no Brasil e no resto do mundo, devido a uma falência do individualismo liberal e ao avanço das teses anticapitalistas que chagavam ao país por intermédio dos imigrantes socialistas, comunistas e anarquistas. Aliada aos interesses políticos-ideológicos do governo brasileiro, a Igreja Católica assume um lugar no cenário dos debates sociais e educacionais através de personalidades intelectuais da elite brasileira, tendo a frente, Alceu Amoroso Lima (CURY, 2010, p. 15).

Reiterando, Alceu pode ser compreendido como fruto de um projeto destinado a resgatar personalidades influentes para que estas estejam sempre prontas a defender os ideais católicos. O que se queria era justamente revolver a Igreja do povo, para que fosse ao menos diferente daquela que servia ao Império, que fosse uma força anterior ao Estado, representante da família. Pode ser que esse projeto seja até hoje reconhecido como uma

³⁰ Evolução do Catolicismo no Brasil, Rio – 1972. In: *Memórias Improvisadas*, Pág. 232.

quimera, mas Leme e seus ideais contribuíram e muito para que a Igreja se reaproximasse de sua gente.

A representação laica que Alceu trazia consigo buscava evidenciar as estruturas sociais que, enquanto tal, estavam sendo vistas como um campo fora do cerne da Igreja Católica, mas nem por isso ausente de seus debates. A presença dos leigos como Alceu, por exemplo, se fazia, então, de importância vital, visto que tais personalidades poderiam carregar em si a representatividade católica como uma forma consciente de ver, compreender e interpretar o mundo e suas transformações.

É possível perceber que, no período que vai de 1900 a 1920, como afirma Cândido Moreira Rodrigues,

Há também no cenário brasileiro um retorno à filosofia do espírito, do antimaterialismo, uma tentativa de recuperação do prestígio da Igreja Católica a partir do Neotomismo. É também nesse momento que o movimento católico militante – com Jackson de Figueiredo, o grupo da revista ‘*A Ordem*’ e do Centro D. Vital e depois com Alceu Amoroso Lima -, consegue se firmar, o que ocorre em função também de sua vinculação às tradições nacionais.³¹

Os anos de 1920 mudam a história do Brasil, na cultura, artes e literatura, e muda mais ainda a vida de Alceu Amoroso Lima. Nesse ponto, vemos a dedicação de Dom Leme e seus seguidores quando, segundo Rodrigues, “a Igreja Católica intensifica a sua política de ampliação de influência na sociedade, particularmente através da criação de uma rede de organizações paralelas à hierarquia eclesiástica e geridas por intelectuais leigos”.³² É assim que Ela busca entrar nas estruturas sociais sem expor o clero, ganhando inclusive mais credibilidade. Norma Cortês escreve que a Igreja pós-Império é uma Instituição que necessitou de uma urgência em se colocar perante à sociedade de forma categórica, em função da obrigação de preencher novos espaços a fim de coexistir com a nova condição política e social do Brasil República. Assim, Cortês nos mostra que:

Os impactos da proclamação da República na vida religiosa foram intensos. A Igreja católica se separou do Estado e, pela primeira vez em sua história no Brasil, enfrentou o desafio de sobreviver autonomamente numa sociedade em franco, declarado e institucional processo de laicização. Depois de quase 400 anos de vida irmã com o poder, ela passou

³¹ Anais do V Simpósio Internacional de lutas sociais na América Latina. “Revoluções nas Américas”: passado, presente e futuro. ISSN 2177-9503. De 10 a 13 de setembro de 2013. GT 9 – Pág. 31 e 32.

³² Idem, Pág. 32.

a pertencer única e exclusivamente à sociedade civil. Viu-se então obrigada a aprender regras de convivência e conduta social que jamais havia conhecido, devendo competir como qualquer outra agremiação civil — clubes, associações, partidos, organizações de múltiplos fins, seitas religiosas etc — pelo maior número de adeptos e fiéis.³³

Ainda sobre essa mesma estrutura de pensamento, Cortês relata que, “a separação do poder estatal significava uma alteração do estatuto legal da Igreja, a diminuição do seu status político, a perda de inúmeros privilégios econômicos. Mas, além disso tudo, a nova situação implicava principalmente numa exigência: a redefinição do papel, função e lugar do Catolicismo na sociedade brasileira”.³⁴ Nota-se que enquanto a Igreja buscava seu lugar, Alceu Amoroso Lima fazia um caminho que buscava um sentido também. Os dois harmoniosamente vão trilhando um caminho que os leva a um enamorar até 1928, quando ambos estão firmes de seus propósitos. Amoroso Lima representava o ideal do novo católico que a Igreja queria apresentar à sociedade. Esse novo ser deveria, entre outras coisas, ajudar no resgate da declaração de fé do católico brasileiro. O laicato teve papel decisivo, não só de difundir e defender os ideais da Igreja, mas também de angariar fundos para manutenção e ampliação a Instituição.

Tanto Alceu como Jackson, entre outros leigos atuantes dentro da nova realidade católica, cumpriram seus papéis da seguinte forma: “Com o apoio leigo, a Igreja conseguiu fazer valer seus interesses políticos dentro do regime republicano recém-instalado, notadamente na prestação dos serviços educacionais às elites, com maior expressão no ensino secundário, especialmente na década de 1930” (RODRIGUES, 1998, p. 19-23). Nota-se a importância do laicato e sua atuação, se expandindo num terreno que o clero não conseguia penetrar por conta de suas relações históricas afetadas, devido a contaminações de um passado recente. Como afirma Rodrigues, a Igreja passava por um sério problema de hierarquia, o que a levou a buscar uma reforma interna de suas estruturas históricas nos diferentes campos de sua atuação.

Alceu estava para além das convenções, até mesmo quando nos referimos à sua participação na Igreja. Ele se sentia de fato representando uma vocação profunda e intimamente verdadeira. Para ele, compreender e vivenciar essa intenção de vida o fez sair do nada, fez com que ele efetuasse a grande ruptura de sua existência e nesse caso

³³ CORTÊS, Norma. *Católicos e autoritários: Breves considerações sobre a sociologia de Alceu A. Lima. “A laicização da sociedade brasileira”*. Revista Intellectus. Ano 1, nº 1 – ISSN 1676-7640.

³⁴ Idem.

específico, uma mudança pensada a cada instante, como completa Rodrigues (2011, 137): “Daí que a principal sensação é a de solidão”. Quando referia a seu processo transformador em curso. Em uma das muitas correspondências entre Alceu e Jackson,³⁵ as quais serão nosso objeto de estudo no próximo capítulo, podemos ter uma primeira noção do nível do debate que se deu entre 1924 e 1928:

Você, dizia eu, luta contra o que tem de mais elevado em si. Mas eu luto contra o que tenho de mais baixo. Você luta contra um temperamento de revolucionário. Eu luto contra um temperamento de burguês. [...] Tenho uma posição de fartura que me permite viver sem preocupação (de momento) alguma de dinheiro, abominável dinheiro. Fiz um pequeno nome literário. Tenho tudo, tudo, tudo que um homem normal pode desejar na vida. [...] Entretanto, sinto-me num beco sem saída. Sinto-me ferido de morte. Sinto-me velho. É exato. Sinto-me sem força. Sinto-me esgotado. [...] Juro-te que se Deus existe em qualquer parte do universo, ou em todo o universo, aqui ao meu lado ou dentro de mim, ou no Calvário, juro que se Ele pode acaso ouvir a minha prece, a minha blasfêmia dirá você, só uma coisa lhe peço: a loucura ou a morte (AAL; FIGUEIREDO, 1991, p. 137).

Poucos teriam a sutileza existencial para declarar com tamanha veracidade um drama pessoal dessa forma. Alceu tinha essa capacidade, entre outras. Sua vida era sua vida, a qual queria viver integralmente. Fragmentos não o seduziam. Para essa superação, Amoroso Lima se recriou num “pensamento teológico eminentemente leigo, e, no entanto, profundamente eclesial”, como conclui Djalma Rodrigues de Andrade (1994, p. 100).

³⁵ Epístola escrita no dia 9 de agosto de 1927, 371 dias antes de sua reconversão definitiva, em 15 de agosto de 1928.

CAPÍTULO 3: O REENCONTRO COM DEUS

3.1 Análise das Epístolas como razão de ser do *reconvertido*

O que estamos prestes a explorar nesse texto revela a intensidade com que duas pessoas distintas se propuseram a debater sobre alguns temas, mais especificamente a religiosidade do ser humano. Nenhuma expressão poderia mostrar com tamanha veracidade a relação entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo Martins, protagonistas daquela que é reconhecida por muitos como a grande troca epistolar da nossa história recente, principalmente se tratando de um processo de conversão conhecido no contexto nacional.

Não é exagero fazer tais afirmações e essas são corroboradas pelas palavras de João Etienne Filho. Primeiro ele usa a expressão consagrada de Alceu que afirma: “cada vez mais estou convencido de que um homem é o que são suas cartas” (AAL; FIGUEIREDO, 1991, p 18)³⁶ e em seguida Etienne diz que, após ler *Harmonia dos Contrários*, se convenceu de que a fala de Amoroso Lima era mais que verdadeira. Assim completa o autor da nota introdutória: “estas cartas são, ao meu ver, o que de mais importante já se fez em matéria de correspondência literária no Brasil” (Tomo 1, p. 18)

Alceu se correspondeu com Jackson entre 1919 e 1928. Na década de 1990, a Academia Brasileira de Letras editou 120 cartas no Tomo I e outras 124 cartas no Tomo II. Vale notar que o volume I reúne epístolas entre 1919 e 1927, restando ao ano de 1928 as outras 124 cartas. A primeira missiva data de 15 de dezembro de 1919 e a última de 3 de novembro de 1928, esta enviada um dia antes da morte trágica de Jackson de Figueiredo por afogamento, em 4 de novembro de 1928. Cabe relatar que nos anos de 1921, 1925 e 1926 não se encontram registros epistolares. Haveria alguma explicação para tal fato? A

³⁶ No decorrer deste artigo (3.1) utilizaremos os seguintes códigos: para AAL; FIGUEIREDO, 1991, p 18, referentes ao volume 1, usaremos: *Tomo 1, p.18*, por exemplo; e para as cartas do volume 2, usaremos *Tomo 2, p. 57*, por exemplo. Essas referências dizem respeito aos dois volumes da obra: Lima, A. A; Figueiredo, J. *Correspondência: Harmonia dos Contrários*. ABL – 1991,

dúvida levantada por Etienne Filho é muito conveniente: “Estes dois grandes amigos, cuja amizade (são eles mesmos que insistem no assunto) é eminentemente epistolar, não se terão correspondido durante tanto tempo?”. (Tomo 1, p. 16)

Após a leitura das cartas disponíveis e publicadas³⁷ podemos notar o quanto essas duas personalidades eram diferentes, opostas mesmo. O que pode explicar tamanha admiração dentro de contextos tão distintos encontra-se em obras como *Memórias Improvisadas*, de Medeiros Lima e em *Correspondência: Harmonia dos Contrários*, da Academia Brasileira de Letras. O que os fez superar as diferenças ideológicas foi, certamente, a busca pela grande Verdade. O objetivo desse texto é apresentar pistas do quanto foi sofrido para Alceu esse percalço da fé e ninguém melhor que ele mesmo para nos apresentar tal feito.

Seria muito conveniente começar esta apresentação cronologicamente, mas uma breve fuga desse método se faz necessária, visto que em carta do dia 7 de março de 1924 Alceu declara ao amigo Jackson toda sua admiração e notória influência. Assim, inicia dizendo:

Meu caro Jackson, nem por um momento pense que me magoou qualquer palavra tua. Ponho a nossa amizade acima da vaidade das ideias e se ainda escrevi alguma coisa foi apenas para terminar de retificar a acusação de materialista, que não me parecia de todo justa. Não ousou dizer que – não é – pois nesse terreno confio mais na solidez de tua doutrina e na lucidez da tua inteligência, do que em mim mesmo. (Tomo 1, p. 67-68)

Mais à frente, Alceu reafirma essa presença única em que se firmava mais e mais Jackson de Figueiredo:

[...] Como dizia, a influência que você e suas ideias exercem sobre mim é muito, mais muito maior do que você mesmo julga. Não é o desejo, tão comum entre nós, de não descontentar ou de navegar entre duas águas. É uma participação profunda, ainda quando contraditória. (Tomo 1, p. 68)

Seria mais fiel partir de tal afirmação para entendermos com mais firmeza o porquê dessa relação tão antagônica gerar tamanha transformação na vida de Alceu. Em carta de 1º de setembro de 1920, Amoroso Lima descreve sua relação com Jackson e com a escrita: “Você é um homem com quem se pode discutir. E como só admito discussões por escrito e

³⁷ A opção por pesquisar as cartas publicadas surgiu a partir da imensa dificuldade de entender a caligrafia de Alceu Amoroso Lima. Complexidade atestada pelo próprio pesquisado. Vale ressaltar que o material publicado tem valor e tamanhos inestimáveis. Disponíveis porque nem todo material epistolar fora disponibilizado por seus responsáveis.

de preferência sem galeria, para evitar os maus humores e as más interpretações e o desejo de brilhar, apresso-me em responder à tua carta”. (Tomo 1, p. 34) As maiores rugas entre os amigos correspondentes estavam no campo literário, onde Alceu defendia com veemência sua independência como crítico.

Da parte que mais nos interessa, a correspondência do dia 17 de outubro de 1922 tem um conteúdo dos mais ricos. Nessa carta, Alceu se lança sem medos e sem limites. Expõe sua existência de forma clara e sua honestidade e verdade da mesma maneira: “estamos aqui falando de coração a coração, sem o demônio do leitor entre os dois, demônio que sempre perturba a expressão verdadeiramente profunda, nua do pensamento”. (Tomo 1, p. 46) Amoroso vai relatando sua visão perante à fé e à postura da Igreja. Ele respeita o que o Catolicismo significa, não só para Jackson, mas para toda uma representatividade. Suas ideias, contudo, reafirmam algo que, de tão racional, não pode ser afirmado ou negado tão simplesmente, por isso Alceu diz: “Não tenho um conhecimento profundo da doutrina da Igreja para combatê-la”. (Tomo 1, p. 46-47)

O mais visionário dessa carta é que, mais adiante, Amoroso Lima faz uma declaração, uma espécie de abertura: “É possível que um dia, quando puder penetrar mais fundamente nesses princípios que há dois mil anos regem o mundo ocidental, é possível que também me curve, como os outros perante eles”. (Tomo 1, p. 47) Adiante, Alceu declara que sozinho jamais poderia trilhar tal caminho de descobertas e reconsiderações e que fazê-lo ao lado de alguém como Jackson seria imprescindível, ainda que compreenda essa relação de mais pura amizade, separada por um abismo de ideias. Outro dado importante dessa carta é a lembrança da pouca ou nenhuma frequência com que os amigos se encontravam pessoalmente, fato esse que pode ser o segredo da abertura e do afeto incondicional. Afinal, as cartas valem mais que vários encontros para aqueles que são elas próprias.

Ainda na carta de 17 de outubro de 1922, Alceu diz que não se sente forçado, pelo desconhecimento da doutrina católica, a abraçar uma causa claramente estranha a ele. A grande dificuldade de Amoroso Lima em pensar a religião pode ser vista nesse trecho da mesma correspondência:

E quanto mais medito nesses problemas supremos, procurando afastar da minha inteligência toda a argumentação tendenciosa de uma e de outra parte, procurando encarar esses problemas de tão patética simplicidade com a inteligência também depurada de todo preconceito, o que vejo é que o sobrenatural é uma criação do nosso sentimento. (Tomo 1, p. 48)

Assim ele completa, numa tentativa de justificar a religião como uma convenção intimamente humana: “Essa existência do mistério, em nossa vida, mistério que muitas vezes chegamos a esclarecer, é um dos motivos que me leva a crer sinceramente, profundamente que o edifício das religiões é uma obra puramente humana [...]” (Tomo 1, p. 49-50). Alceu reconhece em Jackson uma voz que representa o poder de difundir a fé entre os homens, mas também assume sua fraqueza enquanto homem que não crê e que por isso mesmo não deve trair seu coração a partir da renúncia a sua liberdade de pensamento. Nesse período, Alceu se sente numa das muitas encruzilhadas de sua vida, teme em contradizer sua inteligência, renunciando à liberdade de pensar. Assim, Amoroso Lima escreve: “E para conseguir conciliar essas tendências opostas – sem combater a fé, nem deixar que haja equívocos quanto à minha descrença, pelo menos atual – é que deixo sempre bem claro em tudo que escrevo que sou digno das iras de todos que, como tu, combatem pela Igreja” (Tomo 1, p. 51)

Notemos que Alceu Amoroso Lima deixa no ar, mais uma vez, a possibilidade de sua volta à Igreja. Nunca fecha uma porta, sua racionalidade que o impede de abraçar a fé a essa altura é a mesma que não o bloqueia totalmente. Somando-se a esse contexto podemos ler a resposta de Jackson, escrita em 20 (ou 21) de outubro de 1922, onde o mesmo afirma que quando sente ou observa um escritor ou um homem e não vê neste a capacidade de elevar-se à fé cristã, este é deixado de lado. Jackson continua dizendo: “Eu só me atrevo a chegar-me àqueles que naturalmente se podem irmanar a mim, pelos mesmos processos a que cheguei aonde estou” (Tomo 1, p. 55). Ciente de suas divergências, Figueiredo é categórico em afirmar que, sabendo da inteligência de Alceu, jamais desejaria que este renunciasse à sua liberdade de pensamento. Muito provavelmente era por esse mesmo motivo que Jackson desejava tanto ter Alceu a seu lado na elite intelectual da Igreja.

Da mesma forma contundente, como um verdadeiro *Cangaceiro da Igreja*, Jackson busca mostrar outro lado da fé que ele defende e que não era tão truncado como pensava Alceu afirmando que a Igreja não obriga ninguém a acreditar em coisa alguma. Após esse diálogo, soma-se um período de silêncio ou de ausências. O final da carta do dia 2 de fevereiro de 1923 é mais um exemplo do nível crescente de amizade entre os contrários harmoniosos: “Só quero uma coisa: é que você creia que existe em mim, cada vez mais viva, uma grande, uma profunda, uma indelével amizade. Teu A” (Tomo 1, p. 67).

O gênero carta pessoal é aqui explorada ao máximo. Tanto Alceu quanto Jackson levaram a cabo uma das grandes qualidades intrínsecas da troca epistolar, a capacidade de mergulhar, de se abrir de corpo e alma. Mais que comunicação, eles levaram a própria existência a um nível a que, pensando anos mais tarde, nunca chegariam a tal feito (a conversão de Alceu) se estivessem cara a cara durante os anos de 1924 e 1928. O grego Libânio diz em seus escritos que “a carta é um colóquio de ausente a ausente” (apud Leite, 2009, p. 115), e esse pensamento vale uma reflexão. Jackson e Alceu eram amigos inseparáveis, no papel.

A professora Marli Quadros Leite apresenta a carta como gênero do discurso, como uma interação entre duas pessoas. Nossos pensadores foram além, não resta dúvida. Fizeram muito mais que compor um discurso. O que eles desenvolveram ao longo desses 4 anos foi uma incrível capacidade de argumentar de forma sistemática, um convidando o outro para um debate que acabou construindo uma história de crises e conquistas reconhecida na recente história literária brasileira. Nossos dois pensadores levaram ao extremo o conteúdo das cartas como suas próprias existências, a forma de cada uma como sendo a própria alma.

Para além da questão de conteúdo, Alceu se vê cada vez mais afeiçoado a Jackson, mesmo que mergulhados num universo de distinções ideológicas, morais e religiosas. Em epístola do dia 20 de agosto de 1924, Amoroso Lima afirma que “não tem faltado ao Brasil católicos de valor, nem à causa da Ordem defensores à altura de sustentá-la. O seu caso, porém é diferente e sou bem insuspeito para falar dele, pois muita coisa ainda nos separa, não sei até quando” (Tomo 1, p. 73). Notemos que mais uma vez Alceu deixa uma abertura para seu futuro. As diferenças entre nossos dois pensadores passam por algumas mutações; são grandes em todos os casos, mas servem de combustível para algo maior. É bem possível que, em qualquer outra circunstância, tudo isso serviria para criar uma inimizade intransponível.

Jackson de Figueiredo Martins, assim como Alceu Amoroso Lima, gostava de apimentar as epístolas com provocações, como constatamos na carta do dia 29 de março de 1927: “Alceu! Da última conversa que tivemos ficou-me a impressão do quanto você tem ultimamente se assenhoreado do movimento católico, que afirma as esperanças do homem moderno, ainda a esta hora de tão singulares incertezas” (Tomo 1, p. 76). O que chama atenção também, é a visão de cada um com relação ao conjunto de vida do outro. Para Jackson, Tristão e Alceu representam uma fusão incrível. Para Amoroso, homem e obra

nunca se confundem. Em correspondência de 29 de março de 1927, Jackson propõe a Alceu que façam uma crítica da realidade brasileira que, segundo Figueiredo, era dotada de uma fisionomia espiritual europeia. A resposta veio um dia depois e Alceu aceita a proposta, ainda que a considerasse árdua. Com relação a provocações, a carta do dia 22 de abril de 1927 é um exemplo a parte. Jackson afirma a certa hora que,

Há em mim algo de completo, que falta a você, quero dizer, quando eu o encontrei já era o católico que sou, isto é, já era um homem perfeitamente ocidental e perfeitamente universal, do ponto de vista intelectual. Era nesse domínio, um poste firme. Você ainda era uma coisa a mover-se desesperadamente em busca de lugar de repouso. Daí lhe parecer que sou a atração e você o atraído. Mas, neste sentido, o que atrai não sou eu, e, sim, positivamente, o mundo de ideias que obscuramente represento. O fato, porém, de poder eu parecer assim na sua vida implica uma outra ordem de relações que há injustiça da sua parte em não ter ainda nelas atentado, e propriamente lírica, ou melhor, de vida crismática, de imaginação e intuição, do sofrimento espiritual, enfim, que é o que resume tudo isto. (Tomo 1, p. 93)

Jackson relata sempre que via em Alceu aquele ser que queria encontrar desde sempre, um ser que na verdade nada mais era que seu próprio eu necessário, ainda que diferente no plano objetivo. A carta de 9 de julho de 1927, contudo, tem um conteúdo no mínimo emblemático. Alceu comenta sobre a carta que enviou a Augusto Meyer e nesse ponto já demonstra que sua conversão parece ser algo inevitável. Escreve a Jackson, “sei bem que provavelmente ele nunca se converterá de todo, por vários motivos, mas enfim, já consegui jogar um pouco de inquietação na sua alma...” (Tomo 1, p. 114). Mais à frente Amoroso continua dando essa certeza sobre si mesmo, “Creia, meu querido Jackson, hoje já não peço a Deus apenas Fé. Peço também – inteligência para propagar, para comunicar a Fé. Porque começo a sentir não mais a inquietação de chegar à Verdade (compreendi que essa é eterna e necessária, mas que a Verdade em si não depende dela), mas a inquietação de mostrar a Verdade” (Tomo 1, p. 114).

Muito provavelmente essa correspondência pode ser considerada como a tomada de consciência por parte de Alceu Amoroso Lima de sua condição, a de um homem que percebe a transformação incondicional de seu espírito e a urgência de propagar tal mudança de forma clara e contundente. Alceu afirma nessa mesma epístola: “o que sinto agora é o desespero de convencer os homens” (Tomo 1, p. 114). Outro exemplo de que Alceu já vivia aqui sua conversão sob a tutela de Jackson é a afirmação seguinte:

Hoje mesmo recebi uma carta desesperada de 'X'. Está aniquilado, está se sentindo em contato com o nada, no desespero – branco – alma feliz, que pode ser tão infeliz. Mas como trazê-lo de novo à vida? Ele vai para o comunismo, é o mor desespero, o comunismo é hoje tão formidável quanto a nossa religião. Nós temos a Religião de Deus; eles têm a Religião do Homem (Tomo 1, p. 114-115).

Na epístola do dia 9 de agosto de 1927, Alceu abre o coração de uma forma intensa e, como ele mesmo afirma, se humilhando propositadamente. Por vezes tenta ressaltar as diferenças entre si e Jackson, afirmando que este luta contra o que de mais elevado existe em cada homem, enquanto que ele, Alceu, luta contra o que há de mais baixo: contra um temperamento burguês, contra um excesso de oportunismo, acomodação, de um espírito conservador. Em determinado momento, Amoroso Lima afirma que “não é pela volúpia de humilhar-me, ou outra frase literatice. Não meu velho. Eu ando profundamente ferido [...] Não me sinto pior que os outros. Sinto-me horrivelmente como os outros. Sinto-me um homem fraco, sem personalidade, morno”. (Tomo 1, p. 138)

Alceu completa que caso Deus exista, onde quer que esteja, Ele deveria, perante a sua blasfêmia, lhe proporcionar a loucura ou a morte, tamanha a sensação de fraqueza vivida nesse momento. Afirma ainda a necessidade de desabafar com Jackson, mesmo não se sentindo bem com isso. Entende, porém, que essa relação de alma à alma o faz deixar um pouco seu isolamento interior, local onde sabe que se difere de todos os outros, ainda que se sinta vulgar como todos. Por fim faz uma afirmação profunda: “E dizer que houve um homem que morreu por isso”. (Tomo 1, p. 140).

Em resposta, Jackson de Figueiredo escreve em 12 de agosto de 1927:

Você, meu caro Alceu, por mais que pareça o contrário, está a aproximar-se do relativo equilíbrio facultativo aos que vivem intensamente pela consciência. Não deve, pois, nem por um minuto, atemorizar-se da ‘aridez’ que o atormenta. É sinal certo de vida interior realmente vida. Quando a consciência afirma que a fé é necessária, que a fé completa o homem, podem rugir as tempestades da dúvida, pode crescer o areal dos subceticismos, podem subir as ervas más... A situação conquistada é forte demais, é impossível deslocar a consciência que uma vez a conquistou (Tomo 1, p. 146).

E completa buscando dar certo conforto ao amigo agoniado: “E eu tenho fé em Deus que chegará sua hora. Não falo de diminuição de suas agonias. Não. Serenar é, no sentido que aqui dou, a conformação da inteligência, da consciência, às intempéries, às

misérias da vida” (Tomo 1, p. 148). Jackson finaliza a carta colocando Alceu no seu lugar de destaque ainda em curso, dramático curso: “Deus há de lhe dar a perfeita consciência dos dons que lhe confiou, da beleza espiritual e cristã que você representa, do bem que tem feito e pode fazer” (Tomo 1, p.149). Podemos notar um nítido direcionamento de Jackson ao colocar Alceu numa direção religiosa. Não é difícil notar a mudança de rumo, do meramente intelectual ao conteúdo religioso e porque não, confessional que cada vez mais os amigos tomam em suas cartas.

Em contrapartida, Alceu Amoroso Lima sente-se fraco, limitado a ponto de autodesprezar-se num conjunto de repetidas mágoas, dúvidas e banalidades descritas por ele mesmo. Esse turbilhão de sensações o leva a sentimentos de heresia, entendendo que o homem seria uma experiência que Deus abandonou. Alceu sente falta do tempo em que não questionava sua relação com o sobrenatural e afirma, “só peço a Deus que não me tire essa tortura. Se não posso chegar à Verdade, que ao menos não volte às delícias mentirosas da indiferença. Quantos homens carregamos dentro de nós?” (Tomo 1, p. 157). A tortura descrita por Amoroso Lima é provavelmente sua consciência em crise buscando desvelar o verdadeiro Alceu e que se encontra na mais profunda incerteza.

A resposta de Jackson pode ser descrita em poucas palavras: “Sei que é fácil dizer, ‘não, foi o homem quem abandonou os caminhos de Deus’ [...] Jesus Cristo pregou que se vivesse, isto é, como se deve viver, tendo a certeza de que a vida vale a pena ser vivida” (Tomo 1, p.160). A crise sentida por Alceu é algo já ultrapassado pelo também convertido Jackson de Figueiredo, que em alguns momentos parece deixar seu amigo epistolar numa encruzilhada de ideias e sentimentos, como consciente que é da luta que se trava nos momentos que antecedem a uma conversão.

A carta do dia 18 de outubro de 1927 possui uma declaração única de Alceu para seu querido amigo, ao se referir a uma carta anterior de Jackson como uma advertência divina. Alceu afirma: “um racionalista diria que agora é que começo a perder o juízo. Mas eu responderia que o que popularmente ou misticamente se chama - anjo da guarda - é para mim simplesmente você. Talvez o único motivo de credibilidade, como se diz nos colégios de padre. Que me resta; e o que me salvará talvez” (Tomo 1, p. 199). Podemos interpretar tal afirmação como uma entrega, aceitando o amigo como mentor do novo caminho que busca superar as dores de uma descoberta reveladora.

Marcante é também a carta de 20 de outubro de 1927, na qual Alceu admite nas entrelinhas o que seria se tornar católico nesse ponto de sua vida. Ele declara que não existe ninguém que o encoraje tanto quanto Jackson:

Ah! Se eu pudesse partir para aventuras, se eu pudesse arrancar de mim essa casca abominável de bom senso que me asfixia, se eu pudesse lançar-me numa loucura intelectual, - eu juro que arrostaria a hipocrisia interior, me faria um católico militante, extremado, aventureiro como você, e iria fundar, com você, um panfleto em que nós cortássemos as amarras com a terrível quietude do meio e partíssemos em guerra pela catolicização (êta!) romântica destes brasis... (Tomo 1, p 203-204).

Alceu manifesta em determinados momentos o medo de viver o que ele considera uma 'loucura'. Mais que isso, percebe-se uma intensa relação de aproximação com o contexto religioso que evolui mais e mais na medida em que lhe proporciona uma tomada de consciência sem um choque brutal a ponto de fazê-lo abrir mão das reflexões vigentes. Essa evolução é construída estritamente a partir da relação de amizade com Jackson que se configura via correspondência. Em carta de 19 de novembro de 1927, Figueiredo afirma: "Querido Alceu: Epistolar ou não, o fato é que espero muito de nossa amizade, porque não há nada como a sinceridade, como a verdade para a cura das almas. E o que nós, eu e você, e não só você, o que nós precisamos é de cura" (Tomo 1, p. 223).

Ambos comungam da ideia de que a vida está tão confusa e tensa que as coisas em que realmente deveriam se pautar acabam por passar sem serem devidamente sentidas e percebidas. Para Jackson é claro que viver a vida em sua plenitude é estar na Igreja, representá-la e defendê-la. Alceu ainda luta em seu calvário para aceitar essa conjectura e mais que isso, para se aceitar em tal propósito. Na carta de 21 de novembro de 1927, porém, Amoroso Lima relembra que há alguns meses vem sofrendo com uma forte e incessante angústia, e ela vem se tornando mais aguda. Como ele mesmo escreve, é uma sensação de esgotamento decadente, um sentimento de finitude.

Alceu estava num ponto onde as palavras já não traziam mais as respostas desejadas, onde os pensamentos e questionamentos o arrastavam para um fim. Um fim do crítico vazio e sem objetivo de vida. Nessa mesma epístola, Alceu faz uma afirmação fundamental, "não pode haver mais descanso para um espírito como o meu. O único seria a confissão, digo, o único depois de transposto o limiar da Igreja. Mas esse mesmo eu tenho já, com estas cartas, pois nunca poderia encontrar padre algum que tivesse a paciência, a

simpatia, penetração e a inteligência de você. E, sobretudo, a experiência própria” (Tomo 1, p. 225).

Não há dúvida que Jackson de Figueiredo exerceu influência suficiente sobre Alceu Amoroso Lima a ponto de este admitir a presença do amigo acima do clero. Alceu sabia que sua personalidade cada vez mais introspectiva o afastava da Igreja de *todos*. Ainda na carta de 21 de novembro, ele relata a saudade do tempo em que o tormento da verdade não o perseguia. Sua angústia e luta interior é tamanha que chega a afirmar que não daria ao Padre Franca uma desilusão nesse momento. Afirma inclusive que não se sente apto a converter uma luta interior em ação exterior como sabe que Jackson o fez e faz. A palavra usada por Alceu no sentido de impedimento para uma mudança de rumo definitiva em sua vida é a vaidade.

Em resposta no dia 23 de novembro de 1927, Figueiredo busca motivar Alceu e, categoricamente faz uma afirmação que vai, mais tarde, dizer muito da reconversão do amigo epistolar: “Já lhe disse que você se engana quando olha a fé como porto de repouso” (Tomo 1, p. 228). O que Jackson quer que Alceu perceba é que a fé vai mostrar a vida tão somente como ela é de fato. Figueiredo ressalta a intensidade que Alceu viveria estando em harmonia com a Igreja. Com relação aos questionamentos de Amoroso Lima sobre sua relação com o Catolicismo, Jackson rebate afirmando que se existe lugar para ele na Igreja, porque não haveria de ter para todos? A diferença entre os opostos vêm à tona, pois Jackson sabe muito bem o que se tornou principalmente após sua conversão e Alceu ainda vive de uma possibilidade, deixando de ser, por conta de sua racionalidade, o que já poderia estar vivendo de corpo e alma.

Nesta mesma carta, Jackson incentiva o amigo a encontrar e se abrir com Padre Leonel Franca. A crise de Alceu reflete um momento crucial em sua vida, é uma espécie de rota de colisão entre o que se foi sem largo questionamento e aquilo que se começa a perceber verdadeiramente, o que acarreta a profunda angústia de nosso crítico. Alceu se intitula, “um invencível aniquilador de vaidades” (Tomo 1, p. 229). Mais que isso, ele admite que passou a ser um negador de si mesmo. As cartas trocadas com Jackson expuseram um Alceu frágil e isso o atormentava. Em epístola do dia 24 de novembro de 27, Alceu declara o que mais o atrai na Igreja, sendo ela a coisa mais *una* da terra e ao mesmo tempo a mais diversa: “A Instituição que conseguiu varar os tempos com o mínimo de variações e que, no entanto contém em si própria, todas as variações, todos os contrastes, todas as oposições” (Tomo 1, p. 230-231).

Para Alceu, Jackson é forte; ele um fraco. Também no dia 24 de novembro de 1927 Alceu escreve a Leonel Franca, marcando uma conversa de alma a alma. Interessante é o comentário de Figueiredo a esse fato: “Gostei muito que você resolvesse ir ao Franca. Pouco importa o resultado formalmente religioso. O fato é que terá sempre significação uma aproximação de almas realmente vivas” (Tomo 1, p. 233). O que se pode subtrair dessa afirmação é que a preocupação de Jackson não era que, ao encontrar com Padre Franca, Alceu já saísse de lá convertido, mas sim que desse encontro florescessem menos angústias e dúvidas na alma e na consciência de Amoroso Lima. Os frutos de sua reconversão já estavam germinando.

Certo é que Alceu se encanta na presença de Padre Franca, homem gentil, culto, doce e frágil. Na carta de 26 de novembro de 27, ele fala sobre Leonel Franca e sobre a Igreja a qual considera,

Uma rede, não de apanhar incautos, mas de demonstrar a força que é a soma, ou antes a multiplicação das fragilidades. E é o que realmente me seduz no cristianismo. É que a gente entra para ele pela porta da fragilidade, da renúncia, da puerilização, da equiparação ao terra-a-terra, ao inculto, ao analfabeto. E a força está depois. Não à entrada, mas à saída. O cristão é uma criatura frágil que vive forçando o mundo (Tomo 1, p 235).

Cada vez mais se acentuam as diferenças entre os dois *Alceus*, e na mesma proporção a necessidade de buscar uma convergência. Ainda que continuem em conflito, mas que ao menos se conciliem. O Crítico antes de Jackson e o que passa a se configurar depois desse encontro, sobretudo epistolar é aquele que está prestes a se dar conta de toda sua potencialidade, de toda sua verdade viva.

A epístola de 29 de novembro traz um Alceu cauteloso. Ele não se sente um católico na acepção da palavra. Afirma que um dia pode até vencer a si mesmo e voltar para a Igreja e completa: “é possível mesmo que esteja em caminho para lá” (Tomo 1, p. 239). O que afeta nosso crítico é saber que, assumir o Catolicismo como estilo de vida vai contra o seu temperamento. Ao se imaginar no seio da Igreja, Alceu sente que está cometendo um erro. Está entre a fé e o mergulho no diletantismo. Seu lado intelectual descompromissado era forte, o fazia relutar. Interessante notar que Alceu sempre relata uma superioridade do espírito de Jackson sobre o seu. Enquanto Figueiredo é uma fortaleza, Amoroso não passa de pequenas miseriazinhas. A cada carta, misturado entre

livros, artigos, indicações, dramas e alegrias, Alceu vai moldando seu discurso para aquele que vai se transformar num dos grandes representantes do laicato brasileiro.

Fora a influência e direcionamentos positivos de Jackson de Figueiredo, Alceu tem a presença de Pe. Franca com quem se corresponde também. Em 27 de fevereiro de 1928 Amoroso Lima escreve: “o Franca tem sido carinhoso ao extremo. Responde-me logo. E cartas substanciosas, cheias de argumentos. Eu vou deixando a carta na gaveta, meditando, assuntando, e vou ficando em falta com ele” (Tomo 1, p. 329).

Em 30 de março de 1928, nosso crítico encerra com a seguinte afirmação: “tenho cada dia mais a impressão de que realmente há uma graça de Deus trabalhando em mim” (Tomo 2, p. 55). E como um visionário Jackson escreve ao amigo: “Digo-lhe mesmo que a minha tentação é, de tempos para cá, entregar a você a obra que iniciei...” (Tomo 2, p. 57). Figueiredo afirma também nessa carta que sem o temperamento infeliz que marca a vida de Alceu, este faria um grande bem ao Brasil. É impressionante o nível de angústia em que Alceu se insere. Assim ele se define: “uma criatura irremediavelmente medíocre e que ilude porque não se entrega, porque se fecha, porque se esconde” (Tomo 2, p. 59).

Adiante, Alceu faz um questionamento que parece buscar extrair de Jackson o real motivo de este acreditar com tanta força no papel fundamental que Amoroso Lima teria fazendo parte da Igreja: “Você nunca se enganou com algum de seus amigos? Você nunca pensou, durante anos, encontrar uma coisa e depois, posto à prova da realidade, encontrar uma coisa muito diversa?” (Tomo 2, p. 59). O texto da carta que se segue mostra um Alceu preocupado com essa postura do amigo, “Deus não se manifesta da mesma forma a todas as pessoas [...] Deus se manifesta aos simples pelos sentidos; Deus se manifesta aos complicados pela razão” (Tomo 2, p. 60).

Seu temperamento, suas atitudes e fugas são assumidas de certa forma numa afirmação categórica, em que Alceu se coloca no bojo daqueles que se complicam ao optar pela mudança: “A regra é que o caminho dos sentidos para chegar até Deus, ou mesmo para tocar em seus milagres, visões etc., está fechada àqueles que por sua culpa, por orgulho intelectual, deixaram morrer em si a fé da infância” (Tomo 2, p. 61). Esse mesmo orgulho faz Amoroso Lima passar por momentos da mais pura ausência de significados na década de 1920. Contudo, Jackson é categórico ao afirmar em resposta a Alceu que jamais havia se enganado com relação à ideia que faz sobre aqueles que escolheu ligar a seu destino. É possível imaginar o eco dessas palavras na consciência amorosiana?

Em 18 de junho de 28, Alceu segue seu calvário de sofrimento em prol do entendimento e de seu posicionamento face a uma iminente conversão. Lança, porém, uma dúvida: “Não estarei eu sofrendo apenas a sua influência?” (Tomo 2, p. 161). Esse questionamento traz outra questão: “Deixarei a religião no dia em que cessar essa influência. Será possível, Deus meu?” (Tomo 2, p. 161). A solução encontrada por Alceu é rezar e proclamar o seu catolicismo. O tempo que decorre mostra um homem vivendo uma crise, mas de uma forma peculiar. Sua interpretação das concepções católicas já o fazia repensar seus posicionamentos mais íntimos. Isso fica claro na carta de 13 de agosto de 1928 (Tomo 2, p. 222) em que Alceu afirma não mais ter medo de perder sua liberdade, visto que esta representava um sentimento anterior ao que ele vive e onde seu espírito está em conformidade com a Igreja. Adiante ele questiona se a Igreja não seria para ele apenas um porto de descanso. Seu medo está na ideia de viver o Catolicismo e cair no marasmo de aceitações, abdições e renúncias. Dois dias antes de sua comunhão com Padre Franca, Alceu tem momentos de muita ansiedade.

Em 13 de agosto Amoroso Lima transmuta de sentimentos, sua angústia agora é fria e reflexiva, como ele mesmo diz. As sensações ligadas a uma conversão não se fazem presentes nele, tamanha a confusão em seu espírito. Sua dor é tamanha que chega a se sentir católico e não um cristão.

Finalmente, em 16 de agosto de 1928, Alceu Amoroso Lima escreve a Jackson de Figueiredo Martins:

Querido Jackson, Conforme lhe disse, recebi ontem a comunhão das mãos do Padre Franca, que tão bem soube encaminhar-me e facilitar-me esses últimos arrancos do homem velho. Estou, portanto de novo na velha Igreja. Que farei por ela? Poderei fazer alguma coisa? São tantas as nuvens no horizonte, dentro de mim e fora de mim! Tanta coisa a pesar-me sobre a alma! Há momentos em que vejo tudo insolúvel. É o que penso neste de agora (Tomo 2, p. 227).

Em resposta do dia 18 de agosto de 1928, Jackson se apressa em animar o amigo dizendo: “Ninguém no Brasil tem tido um papel mais nitidamente cristão do que você (mesmo antes de você nos umbrais da Igreja). Você é um dos poucos que tem concorrido para o desenvolvimento das nossas energias espirituais, para a segurança da nossa fé em nós mesmos” (Tomo 2, p. 229). Interessante notar que Jackson sabe que tem um papel importante na reconversão de Alceu, mas trata tal fato como sendo um acontecimento, faltando apenas uma data, um consentimento por parte do amigo, para se realizar. Essa

correspondência vem mostrar o quanto duas pessoas se tornam cada vez mais humanas mesmo levando-se em conta a distância física e o quanto de verdade e emoção existiu nesses anos de escritas, muito pelo próprio fato de serem, ambos, epistolares.

Alceu Amoroso Lima se converteu ao catolicismo em 15 de agosto de 1928. Em 4 de novembro do mesmo ano sofreu um duro golpe, a perda do amigo Jackson de Figueiredo Martins, por afogamento, no Rio de Janeiro. Após essa tragédia Alceu vive uma radical mudança, assumindo não só o lugar do amigo no Centro Dom Vital, mas também incorporando o espírito guerreiro de Jackson. É nesse momento que o porto seguro do catolicismo se transforma em ponto de partida para desbravar os mares da cristandade de seu tempo.

3.2 – O papel de Jackson de Figueiredo Martins

Jackson de Figueiredo Martins nasceu em Aracajú, no dia 9 de outubro de 1891. Sua breve e intensa história de vida revela, entre tantas marcas a de professor, jornalista, crítico, ensaísta, filósofo e político. Fez seus estudos iniciais na capital sergipana, indo em seguida para Maceió, Alagoas. Vai para a Bahia onde estuda na Faculdade Livre de Direito. Logo a seguir passou a residir no Rio de Janeiro, em 1914. Filho do farmacêutico Luiz de Figueiredo Martins e de Regina Jorge de Figueiredo Martins, no Rio ensina em alguns colégios, colabora em jornais e revistas e passa frequentar a casa de Farias Brito. Casa-se no ano seguinte com Laura, cunhada de Brito. Desse casamento tiveram quatro filhos, Regina, Luis, Maria Cléa e Maria de Lourdes.

Para Dom Marcos Barbosa, “o acontecimento mais importante da vida de Jackson foi a passagem de um materialismo agressivo ao ceticismo, depois ao espiritualismo de Farias Brito e finalmente ao catolicismo, graças a Dom Sebastião Leme e ao Padre Leonel Franca” (AAL; FIGUEIREDO, 1991, p. 11, tomo 1). Muitas foram as mudanças significativas na vida de Jackson, é mister apresentar algumas nesse momento.

Cabe ressaltar que antes de Jackson entrar definitivamente no debate religioso o Brasil vivia as consequências da separação entre Igreja e Estado. Nessa nova realidade e buscando uma suposta renovação, a Igreja se limitava à piedade deixando espaço livre para as teorias agnósticas e evolucionistas aonde aos poucos Jackson vai se inserido. Com os pensamentos divididos entre Tobias Barreto e Silvio Romero, Figueiredo teve seu primeiro contato com a realidade exterior nesse ambiente espiritual profundo e inquieto, com todas as marcas dos mais altos problemas do destino humano.

Dessa forma, escreve Hamilton Nogueira: “Sem uma direção intelectual segura, sem uma disciplina religiosa consciente que o protegesse contra as doutrinas negativistas dominantes, o jovem sergipano fatalmente teria que sofrer, como sofreu, todas as angústias, todas as amarguras do ceticismo” (NOGUEIRA, 1976, p. 14).

Jackson foi educado em contato com a religião, sempre presente nos grupos de orações que sua mãe participava. Mas seu temperamento rebelde o fez questionar as piedosas reuniões que participava na casa dos pais, sofrendo com isso várias punições por parte de Dona Regina.

É possível afirmar que Jackson foi uma espécie de vítima de uma educação onde o fator religioso predominava, sendo assim, é a partir de sua vivência com e na escola que ele enfraquece sua fé vendo surgir o ceticismo religioso. O próprio Jackson lembra:

Eu viera de um colégio protestante, tivera de aprender a Bíblia como se aprende Aritmética, fizera dezenas de perguntas e não tivera respostas razoáveis, numa idade em que o homem, criança ainda, principia a assenhorear-se do mundo pelo instrumento utilitário da razão. Quando vi pessoas que só falavam em nome da razão, pus-me a escutá-las com a ingenuidade de um crente fervoroso – tive os meus novos dogmas, e aquilo que os ferisse tinha o meu desprezo (Apud NOGUEIRA, 1976, p. 15).

Na busca pela Verdade das coisas, o novo espírito agarra o que está a sua frente como possibilidade real de respostas. Aos 14 anos, Jackson já vivia seu agnosticismo. Ele se mostrava ativo e questionador demais para os parâmetros intelectuais aos quais estava ligado, tanto em Sergipe, Alagoas, quanto na Bahia. Isso pode explicar a inquietude de sua alma quando chegou ao Rio de Janeiro. Contudo, o que motiva sua vinda acaba o deixando desestruturado:

Não tardou, porém, que desenganos se sucedessem às ilusões, sozinho sem amigos nem protetores, com a sensibilidade aguçada pelas angústias ainda recente do agitado período de sua adolescência, o isolamento, o desamparo, a incerteza de sua situação, levaram-no quase à crença absoluta no seu aniquilamento em face da vida (NOGUEIRA, 1976, p. 33).

Sentimentos negativos que podemos perceber claramente em Jackson podem ser captados com a mesma sutileza em Alceu Amoroso Lima, aniquilamento, angústias, dor, medo, incertezas, dúvidas, receio da não-liberdade. Isso explica certamente os motivos pelos quais, apesar de todas as diferenças de personalidade entre os amigos epistolares, reinava a mais profunda admiração, o respeito e o carinho de um para com o outro. Mas Jackson sabia aonde queria chegar: “dominava-o uma grande ânsia de fé e de amizade, queria uma certeza, um apoio imediato que o libertasse do cruel ceticismo que, no fundo, ainda tiranizava a sua consciência” (NOGUEIRA, 1976, p. 33). Como ele costumava dizer, os amigos que surgiram eram a sua *segunda Igreja*. Vários foram esses companheiros existenciais, podemos citar dois grandes: Farias Brito e Alceu Amoroso Lima. E ambos incrivelmente divergentes ao pensamento de Jackson.

Mergulhado em seu turbilhão de dúvidas e incertezas, Jackson retoma o contato com a obra de Farias Brito. Durante um tempo, Figueiredo esteve afastado das ideias do filósofo devido a uma visão seca e insensível que passou a ter da vida. Brito deu uma nova possibilidade de rumo à intelectualidade brasileira, o movimento espiritualista. Certo é que bloqueava a capacidade da inteligência em pensar a vida sob o prisma espiritual. Farias Brito respondia a isso oferecendo um pensamento intrinsecamente moral, com uma clareza única colocando os problemas em debate. A leitura de Farias Brito resgatou em Jackson a bondade e o amor que residia em sua alma.

Jackson escreveu:

O Rio de Janeiro foi para mim uma esfinge alucinante, tive no seu seio um verdadeiro aprendizado de decepções ao tempo que me dava as mais íntimas alegrias espirituais. Uma delas, uma das mais fortes, foi esse convívio intelectual com um dos homens mais puros e uma das inteligências mais poderosas que temos possuído em todos os tempos. Porque são estes os traços mais claros, em relevo, na fisionomia de Farias Brito. A minha surpresa foi grande ao vê-lo pela primeira vez – imaginava-o forte, alto, inabordável – vi-o fraco, de pequena altura, de aparência bondosa, um pouco triste, mas serena. Foi longa a nossa conversa, conheci as suas preocupações filosóficas, tão sinceras que o acompanham por toda a parte. Procurei-o sempre, pôs-me a face dos seus projetos, conheci seu lar, verdadeiro lar de um filósofo no sentido mais altamente humano da palavra: simplicidade, sinceridade e inteligência. Quando li o seu último livro, *O Mundo Interior*, senti também, não compreendi somente a grandeza singular de sua obra, em um país novo, onde a intelectualidade vai-se fazendo, infelizmente, apressada e comercial (apud NOGUEIRA, 1976, p. 44-45).

A dor que se abate sobre Jackson o faz querer lutar, não aceitar a vida como uma derrota. Seu ímpeto o leva a uma reação contra a vida miserável que entendia estar vivendo. Se pudesse definir sua vida, certamente ela seria um grande paradoxo.

Por vários motivos, o nome Jackson de Figueiredo Martins é ponto de referência na história do catolicismo brasileiro do início do século XX como aquele que organizou o movimento laico. Para citar alguns bons exemplos, é importante registrar que entre 1921 e 1922 fundou o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*, veículos que se transformaram na base para o combate ao comunismo e ao liberalismo e para a defesa dos princípios da Igreja. Porém, até 1918, seu comportamento beirava o anticlericalismo, radical e intenso, visto que o período de formação acadêmica é marcado por tempos de aridez espiritual. Depois dessa data, contudo, Jackson se converte ao catolicismo transformando-se em um

de seus defensores mais ferrenhos. Nessa época ele busca incessantemente justificar a cultura e a política a partir da orientação católica. É a partir desses ideais que Figueiredo começa a reunir leigos e religiosos para que se dediquem aos estudos da doutrina católica. Essa postura, devidamente captada em sua obra, lança os pilares do pensamento conservador, tradicionalista e reacionário.

Por mais que sua vida seja ainda pouco pesquisada no contexto nacional, Jackson de Figueiredo é uma dessas pessoas que deixam sua marca. No Rio de Janeiro, ele publicou grande parte de suas obras, como *Algumas Reflexões Sobre a Filosofia Farias Brito*, em 1916. A esta seguiram-se: *A Questão Social na Filosofia de Farias Brito* (1919); *Humilhados e Luminosos* (1921); *Do Nacionalismo na Hora Presente* (1921); *Afirmações* (1921); *A Reação do Senso* (1922); *Pascal e a Inquietação Moderna* (1922); *Auta de Sousa* (1924); *Literatura Reacionária* (1924); *A Coluna de Fogo* (1925); *Durval de Moraes e os Poetas de Nossa Senhora* (1925). Como afirmou Alceu Amoroso Lima, Jackson merecia ter completado uma obra à altura de sua grandeza, coisa que, segundo nosso crítico, não aconteceu.

O fato mais rico que podemos descrever e que marca profundamente o caminho de Jackson até sua conversão, em 1918, é o contato com a carta pastoral de Dom Sebastião Leme, onde a inércia dos católicos é duramente criticada. Como escreve Hamilton Nogueira (1976, p. 65) “a palavra vibrante do grande bispo, casada à sua profunda visão do Catolicismo no Brasil, repercutiu entusiasticamente no espírito do jovem filósofo”. A carta de Leme sacudiu o jovem Jackson, tirando-o de sua zona de conforto:

Que maioria católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e todas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do catolicismo? É evidente, pois, que, apesar de sermos a maioria absoluta do Brasil, como nação, não temos e não vivemos vida católica. Quer dizer: somos uma maioria que não cumpre seus deveres sociais. Obliterados em nossa consciência os deveres religiosos e sociais, chegamos ao abuso máximo de formarmos uma grande força nacional, mas uma força que não atua e não influi, uma força inerte. Somos, pois, uma maioria ineficiente.³⁸

³⁸ Trecho da Carta Pastoral de 1916, onde Dom Sebastião Leme, expressa o claro desconforto dessa esdrúxula situação de um povo católico numa sociedade laica.

Como explica Nogueira (1976, p. 66), “ainda não estava completa a sua formação intelectual católica. Ele não aceitava integralmente certos ensinamentos doutrinários, e o conceito que tinha da fé ainda era o mesmo conceito sentimentalista de tempos atrás”. Hamilton Nogueira, um dos seguidores de Jackson, cita uma afirmação de seu mestre que explica muito esse momento: “Eu aqui não me permito discutir sobre se a fé repousa na razão ou em si mesma. Creio que a fé tem princípios próprios e imperativos, porque divinos, e que sobre eles repousam todos os outros de que nos serve a razão na prática utilitária da existência” (NOGUEIRA, 1976, p. 66).

Durante dois anos, Jackson lutou buscando uma compreensão que lhe tirasse as dúvidas insistentes em seu espírito. Mesmo que poeticamente, Nogueira (1976, p. 61) descreve a essência de Figueiredo: “sua alma inquieta, sua grande alma nascida para a verdade, sentia que lhe faltava qualquer coisa, qualquer certeza definitiva que animasse a terrível angústia que há tantos anos não o abandonava”. O que então, impelia Jackson de viver plenamente a fé e superar esses sentimentos negativos? A resposta se encaixaria muito bem nos moldes de Alceu Amoroso Lima. O impedimento de Jackson estava nos pensamentos filosóficos que ainda reinavam em sua consciência e nas dúvidas que persistiam sobre certas condutas e mesmo a doutrina da Igreja. O desconhecimento o afastava da possibilidade da crítica, assim como em Alceu. Mas nota-se, de certa forma, pouco antes de 1918 uma aproximação salutar entre Jackson e Igreja. Isso se dá muito por conta das leituras de Farias Brito.

Apesar de tal aproximação, como escreve Hamilton Nogueira, Jackson nunca foi um discípulo de Farias Brito, ao contrário, as discordâncias sempre existiram. Recebeu influências de Brito, muitas, mas apenas quando essas ataçavam a inteligência de Jackson para um mundo espiritualmente possível de ser vivido. Mais que isso também, Farias Brito deu novo ânimo de vida para Jackson, um caminho de energia suficiente para mudar-lhe o rumo. É possível sim afirmar que, a partir da boa relação com Farias Brito, Jackson de Figueiredo já vivia um estado de espírito determinado, mas como afirma Nogueira, “que não é fácil de ser perfeitamente definido” (NOGUEIRA, 1976, p.47).

Impossível imaginar alguém que se converte e que não sofra com esse percalço. Jackson havia saído de uma espécie de quase anarquismo e entrado com amor na Igreja. Como escreve Alceu, se referindo a si próprio e Dom Leme: “Tínhamos por Jackson uma afinidade pelos contrários. Havia uma contradição em Jackson, não gostava do poder, mas era um homem do poder, só que antipoder. Era a luta pelo poder contra o poder existente.

Dava importância a política através da religião” (MOTA; ATHAYDE, 1983, p. 39). Era uma vida de contrastes, sobre a qual era possível afirmar, segundo Nogueira, que *Deus era a verdadeira dor que habitava certas almas*. Mas, até tal afirmação estava de acordo com seu estado de espírito. O mesmo Jackson dizia que isso não passava de viagens filosóficas de alguém que queria encontrar justificativas para sua própria vida.

As grandes influências para esta alma sem rumo passava pelas leituras de Nietzsche, Pascal, Carlyle e Antero de Quental. Seguido desses pensadores, o que mais levou Jackson a se deter no campo do ceticismo fora, sem dúvida, a inexistente capacidade de ver e sentir na fé o conhecimento de que precisava para representar seu mundo em construção. Assim, afirma Jackson: “tenho uma profunda tristeza quando, em meio às incertezas da vida, me vejo menos armado que os outros para este combate rude com as dúvidas sombrias...” (NOGUEIRA, 1976, p. 51-52), e continua, dizendo sobre a sua fé: “força que existe em mim, no fundo de mim mesmo e me leva a crer, sem demonstração, sem prova, no Destino do homem, no Destino do espírito, que eu sinto muito longe das misérias que me rodeiam. É o único ponto talvez em que não sou um negativo ante a minha própria consciência...” (Nogueira, 1976, p. 52). Durante dois anos Jackson viveu numa fase que podemos chamar de espiritualista, como afirma Nogueira, mas isso não quer dizer que estava em paz. Ao contrário algumas de suas grandes dúvidas ainda se faziam presente em seu ser e o arrastavam pela vida.

Para o amigo Hamilton Nogueira (1976, p. 61), “a existência de Deus e a realidade de uma vida futura eram verdades que se impunham à sua lúcida inteligência, mas velhos preconceitos filosóficos, assim como um conhecimento incompleto da doutrina católica, ainda o traziam afastado da verdadeira religião”. É nesse ponto que surge uma das críticas a Farias Brito. Para Jackson, não seria necessário o imenso trabalho de criar uma nova forma de se chegar à Verdade, pois aprofundar-se na doutrina católica já responderia tal questão, seria uma fusão perfeita de ideias e ideais. Jackson já sabia, ainda que não compreendesse totalmente, que a Verdade que buscava se encontrava na Igreja faltando desvelá-la a quem quer que fosse.

O discurso de Figueiredo é amplamente religioso, em alguns momentos é demasiado simples captar essa tendência em suas afirmações:

É impossível negar a tristeza atual da vida humana, a desmoralização que vai por toda parte, a crescente onda de mau ceticismo que envolve a religião, mas é preciso lembrar, a Igreja mesma proclamou sempre que a

paz não é deste mundo, e por isso ela sempre foi, é e será militante até a consumação dos séculos (Apud Nogueira, 1976, p. 62).

Parece que Jackson já sabe que as verdades eternas estão em posse da Igreja, mas ainda vive uma luta interior por aceitar tal constatação.

Para consumir mais ainda está tendência, Hamilton Nogueira afirma que,

Se Jackson de Figueiredo já tinha a perfeita intuição da verdade da Igreja Católica, ele, no entanto, não dera ainda sua plena adesão aos dogmas do catolicismo nem à sua disciplina. O individualismo, esse terrível mal dos nossos tempos, dominava ainda o seu pensamento, que às vezes, se revoltava interiormente, contra a autoridade ensinante da Igreja (NOGUEIRA, p. 63).

Não é preciso muito esforço para encontrar aqui algo de muito semelhante ao processo de conversão de Alceu Amoroso Lima, pois também Jackson sofria com a possibilidade de aderir aos processos católicos rompendo assim com tudo que vivera até então por conta de questionamentos sempre muito intensos. Um bom exemplo é essa reflexão de Jackson, pouco tempo antes de abraçar a Fé: “Quanto a mim, que fazer na minha fraqueza? Com que fortificar a minha razão descrente de si mesma quando nessas longínquas paragens da Eternidade?” (NOGUEIRA, p. 63).

Os meses se passavam e Jackson ia lenta e conscientemente tendo contato com textos e ideias católicas. Essa relação cada vez mais afetiva começava a tocar o coração de nosso pensador. Assim como Alceu, Jackson nunca desmereceu a representatividade da Igreja, mas também nunca havia se interessado pelas questões que reinavam em seu seio. Figueiredo ficava incomodando com várias questões. Hamilton Nogueira relata algumas destas, a passividade da Igreja no Brasil, as distâncias entre as classes e a relação da Igreja com a imprensa.

No meio de todas as dúvidas, angústias e sentimentos conflitantes em 1918, Jackson cai diante da gripe espanhola, mais de 15 mil morreram por conta da epidemia. Como conta Cléa Figueiredo, sua filha e autora de *“Jackson de Figueiredo: Uma Trajetória Apaixonada”*, ao mesmo tempo em que seu pai cai doente, sua mãe, dona Laura, está internada na casa de saúde buscando superar um possível parto prematuro ou uma intervenção cirúrgica. Dois fatos que deram força ao pensador sergipano foram as visitas de solidariedade da viúva de Farias Brito, Ananélia e do amigo e protetor Melo de

Moraes Filho, quando de sua chegada ao Rio, que mesmo abatido viera animá-lo. Segundo Cléa,

Jackson piorou. Viu a morte de perto. Sob os cuidados do médico do presidente foi melhorando devagar, mas impossibilitado de sair, de ler e escrever. Quando não dormia, pensava profundamente no pesadelo pelo qual passava: a vida em risco, a certeza de que a morte não tem hora... Enfim, urgia tomar resoluções, definir nitidamente sua vida, já que dessa vez escapara. Lembrou-se demais dos seus pais tão bons e preocupados, de sua mãe piedosa e aflita, sempre rezando; de Farias, que homem exemplar. Mandava dizer a Laura em recados, primeiro e logo que conseguiu rabiscar bilhetes de três a quatro palavras, que estava melhor, que se preparava para os sacramentos (FERNANDES, 1989, p. 301-302).

Uma dúvida fica no ar, segundo alguns pesquisadores, Jackson teria se convertido em 1918, mas sua filha e escritora Cléa Alves de Figueiredo Fernandes marca o dia 23 de março de 1919 e usa uma expressão peculiar: “finalmente devo destacar que o evento principal deste ano (1919) foi sua *total* conversão. Recebera a comunhão, depois do sacramento da confissão, este pela segunda vez [...] ele, levado por Laura, tomara os sacramentos. Alegre e comunicativo, conta o fato aos mais íntimos” (FERNANDES, p. 313).

Seria possível supor uma aceitação da Igreja e de seu papel social e moral em sua vida no ano de 1918, fato que pode ser compreendido como uma conversão e a partir de 1919 a sua consumação? Mesmo com as datas divergentes é importante saber que em 1918 ele conhece pessoalmente Alceu Amoroso Lima e a partir de 1919 começa a troca epistolar que os unirá para sempre. Uma correspondência que evidencia as crises e angústias, a princípio com maior foco em Alceu, mas que Jackson faz questão de mostrar ter vivido, com a mesma intensidade esse turbilhão de sentimentos em sua conversão.

Entre 1919 e 1928 suas cartas divagaram sobre os mais diversos temas. Mostram, porém, um vigor único entre os anos de 1927 e 1928, período em que Alceu abre ao amigo todas as dores, angústias e temores, o que para Jackson não era novidade alguma, já que havia se convertido em 1918, passando, também, por todas essas situações. Pensar Jackson de Figueiredo Martins é ter a complexa noção de sua vida que começa na juventude boêmia, poética, niilista e anárquica, chegando por fim à sua conversão ao catolicismo. Esse caminho o fez viver e defender a Igreja e sua doutrina com espírito de cangaceiro, ou como gostava de lembrar Dom Sebastião Leme, um soldado de Cristo. Esse exemplo

definido e decidido de católico surgiu num quadro sócio-religioso da mais pura desesperança, do legado do vazio onde a Igreja estava sem aquele espaço que sempre lhe foi concedido. Do fim do Império, seguido da perda de status do catolicismo no Brasil até a conversão de Jackson em 1918, são 29 anos de poucas certezas. Após sua conversão, empenha-se em vasta campanha pela imprensa a favor da recristianização do homem e da cultura brasileira.

É possível perceber que é a partir da ação de Dom Sebastião Leme que a Igreja dá os primeiros passos para se integrar ao nosso contexto, a caminhar por si só, sem se apoiar ou depender integralmente do Estado. O catolicismo estava enfraquecido, muitas eram as misturas culturais surgidas justamente no momento onde a Igreja precisa se reinventar. Enquanto isso, a relação entre Jackson e Alceu era totalmente atípica. O filósofo sergipano era antimodernista e antiliberal, antidemocrático e intrinsecamente hierárquico. Já o crítico literário era amante da liberdade, modernista, amplamente democrático. Aquele, nordestino, sertanejo e reacionário; este, carioca, praieiro, indiferente. Mas, com tudo isso, existiu uma harmonia dos contrários e escreveram a mais intensa história epistolar de nossa literatura.

Para André Stangl (2009, p. 03) a conversão de Jackson ao catolicismo fora um ato pragmático: “a ciência lhe parecia perigosa e a fé, para ele, não precisava de adornos humanos, a qualidade da moral está na ação e não na justificativa racional da ação”. Nessa mesma linha completa Stangl, “o Catolicismo, para Jackson, deveria lutar (guerra) pela lei (ordem) divina onde a paz seria o supremo progresso” (STANGL, 2009, p.3) Jackson de Figueiredo em sua pregação, procurou servir à Igreja e exercendo grande influência com isso. De 1922 a 1925, constituiu-se em sua vida uma fase combativa por excelência, colocou o talento e expôs a vida a serviço da legalidade da ordem pública do civismo anti-revolucionário.

Para o católico Jackson de Figueiredo o que importa é a Ordem e a Autoridade. Na ordem não há espaço para revoluções nem para relativismos. Ninguém melhor que a Igreja para instituir essa nova Ordem na sociedade brasileira, uma condição moral e disciplinadora já que nosso povo é historicamente fútil. E como uma força que transcende ao próprio homem, a Igreja e seus representantes legais podem sim usar da autoridade para reconstruir a sociedade esfacelada e sem rumo. Não existe liberdade fora da lei moral da Igreja Católica.

Como se daria tal reestruturação? A partir da hierarquia da própria Igreja e da participação ativa das elites. Não podemos esquecer que Jackson tinha como grande projeto a criação de uma elite católica no Brasil, daí a aproximação com Alceu Amoroso Lima, Hamilton Nogueira, Perilo Gomes, Heráclito F. Sobral Pinto, entre outros. Para ele só podem existir dois caminhos, a incluir nesse plano, a política: o caminho da Igreja e o dos Livres Pensadores. Assim sendo, a Igreja viveria para guardar a Lei social que deve prevalecer e servir de guia para todas as outras e deveria ser vista como a única legitimadora da autoridade em nossa sociedade.

Após sua conversão, Jackson não admite ficar atuando nos limites da comunidade católica. Como lembra Medeiros Lima (1973, p. 22), “pretende, isso sim, agir na esfera da vida pública, invadindo campo neutro ou inimigo. Recusa o catolicismo de exterioridades, complacente e festeiro numa linha que corresponde ao pensamento de Dom Leme, e em quem encontra aliado”. Desde o início sua intenção era juntar pessoas que fizessem da doutrina católica uma força atuante de conteúdo ideológico explícito. Medeiros Lima afirma também que essa novidade no comportamento de alguns católicos em especial, redesenharam os papéis dentro da Igreja no Brasil, a começar pela cidade do Rio de Janeiro.

O ímpeto de Jackson é tamanho que, para viabilizar seus projetos, funda em 1921 a revista *A Ordem*, com o intuito de combater o marasmo católico se colocando a partir de então como ferramenta de evangelização e defesa da doutrina e da própria Igreja. Um ano mais tarde, em 1922, cria o Centro Dom Vital. Nas palavras de Jackson, “Esta revista terá, ou melhor, tem, pois que já vive, caráter acentuadamente nacionalista, dentro do seu programa de catolicismo integral” (LIMA, M. 1973, p. 22).

O Centro Dom Vital³⁹ tinha por objetivo atrair os intelectuais e criar uma estrutura laica no País. Dois nomes são basilares para tal propósito, Jackson de Figueiredo, seu fundador e Dom Sebastião Leme, conselheiro e incentivador. O que alimenta a necessidade da criação desse centro é o somatório de algumas circunstâncias que estavam mudando a cara do Brasil e deixando o catolicismo à margem do que se esperava dele, por parte de

³⁹ Vital Maria Gonçalves de Oliveira foi um frade capuchinho, bispo católico, foi o 20º bispo de Olinda. Nasceu em 27 de novembro de 1844 e faleceu em 4 de julho de 1878, vivendo apenas 33 anos. Recebeu a ordenação episcopal no dia 17 de março de 1872, pelas mãos de Dom Pedro Maria de Lacerda. Foi protagonista na Questão Religiosa, conflito que aconteceu no Brasil de março de 1872 a setembro de 1875 entre a Igreja Católica e a Maçonaria, por causa da interdição do próprio Dom Frei Vital e do Bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa nas relações do clero com a Maçonaria. Chegou a ser preso em 1875, por ordens do Visconde do Rio Branco, maçom.

membros de clero e alguns intelectuais influentes. O país vivia uma urbanização desenfreada, uma secularização da cultura além de mudanças expressivas nos quadros de manifestação política, ou seja, a década de 1920, somada ao fato de que a Igreja ainda procurava seu espaço pós-república, se mostrava intensa e dispersiva.

A partir de tais constatações, o Centro Dom Vital veio servir de referência para que os cristãos ativos se colocassem perante o contexto político. Jackson e seus pares defendiam a posição radical da Igreja e de seus seguidores no Brasil, como escreve Tânia Selem,

A única saída eficaz para debelar a onda revolucionária que se espalha pelo mundo, e que também atingia o Brasil, era uma reação espiritual. Sustentando que a consolidação da nacionalidade dependia de um substrato moral comum entre os indivíduos e identificando a nacionalidade brasileira com os valores católicos, o grupo advoga a disseminação da doutrina cristã como a única arma eficaz para combater o pluralismo político. Sem o que seria impossível restabelecer a unidade e *A Ordem* no país.⁴⁰

De uma busca similar nasce a revista *A Ordem*, em 1921, como plano de reestruturar e mesmo salvar a moral nacional. Esta surge como veículo de disseminação das ideias e projetos defendidos pelo catolicismo. Visava defender a Igreja de ataques e de ideais que lhe fossem contrários e vai aos poucos formando uma intelectualidade ao redor, projeto esse pretendido por Jackson de Figueiredo. Logo em seguida, 1922, surge o Centro Dom Vital que, como já dissemos, se transformara num local de debates da doutrina religiosa apropriado para agregar os intelectuais em prol de uma ação intrinsecamente apostólica.

A Ordem e o Centro Dom Vital representam, nas palavras de Luciandra Gonçalves da Silva (2006, p. 3238) “a formalização do renascimento católico”. Constando essa designação explícita, continua Luciandra,

A recristianização da sociedade e, sobretudo, a recristianização dos dirigentes políticos, era compreendida como forma possível de lutar contra o pluralismo político de modo a restaurar a unidade e *A Ordem* na nação. Esse destaque conferido às classes dirigentes, ou seja, à elite social e política do país, prende-se à visão da capacidade desses grupos em promover mudanças sociais no país e expandir o processo de recatolicização das massas (Silva, 2006, p. 3238).

⁴⁰ www.schwartzman.org.br/simon/rio/tania.htm#_Toc527522832. Em 13 de janeiro de 2014. 12:35h

Nota-se que o objetivo se fundava na intelectualidade, deixando a grande maioria dos cristãos à margem das decisões e ensinamentos. Luciandra Silva afirma ainda que os católicos atuantes nesse processo tinham como estratégia penetrar no sistema universitário, formando nesse espaço a classe dirigente católica. Se formos pensar na classe universitária brasileira na década de 1920, em comparação com a grande massa, veremos que esse ideal corria sério risco. Apesar de todas as investidas, tanto de Jackson quanto de Alceu, seu sucessor em ambos os projetos, tanto *A Ordem* quanto o Centro Dom Vital não alcançaram seus objetivos. Isso pode ser constatado pelo fato de não ter ocorrido a tal influência no setor político e por conta de um erro de percurso, já que esperavam que as decisões vindas de cima, fossem suficientes para transformar as ações mais populares. O que se pode tirar de positivo é que pela primeira vez na nossa história acontece um engajamento de intelectuais católicos na vida pública. Assim, não é exagero afirmar que existe um catolicismo antes de Jackson de Figueiredo Martins, de Dom Sebastião Leme e Alceu Amoroso Lima, e existe outro catolicismo depois destes. Nas palavras de Dom Leme, “Jackson de Figueiredo era católico sincero, convicto, fervoroso e dedicado até ao sacrifício da vida, se preciso fosse”⁴¹. Medeiros Lima (1973, p. 23) fala sobre esse nacionalismo jacksoniano:

Inspirado na tradição, tem como base a preservação do espírito da ordem e das verdades eternas, compreendidas estas, como queria Maurras, como condenação do liberalismo, da democracia e do sufrágio universal, ‘princípios decorrentes do individualismo protestante e do home abstrato de Rousseau’.

Incrível pensar que alguém com tamanha personalidade e amplamente divergente de Alceu o tivesse influenciado tanto. Jackson queria mesmo elaborar uma reforma que fosse social e que realizasse o projeto moral do catolicismo em suas linhas. O que ele pretendia era fazer da Igreja o poder que decidiria o rumo da vida e da sociedade. Em uma declaração o filósofo sergipano já prenuncia o quanto ele era radical em seus pensamentos e forma de enxergar o mundo. Afirma em vários momentos que os católicos devem ser ortodoxos, disciplinados e que não devem de forma alguma fazer concessões, nenhum desvio, nem tolerância e que se fazia mais que urgente uma total recristianização da sociedade e do Estado. É possível em poucas linhas notar a visão de Jackson sobre a postura que o cristão católico verdadeiro deve ter e mais que isso, expressar. Uma coisa

⁴¹ www.jacksondefigueiredo.blogspot.com.br/search/label/textos.

não se pode negar como afirma Alceu, se referindo a Padre Leonel Franca e Jackson de Figueiredo, que seria através desses dois homens que iria ter início o grande movimento de renovação do catolicismo brasileiro.

Para Alceu, Jackson era um,

Baixinho, de chapéu ao alto, bengala na mão, estava sempre disposto a enfrentar adversários. Detestava os tímidos, os céticos os desencantados. Foi realmente uma figura importante, exercendo como poucos, grande influência sobre a nossa geração. Manteve durante toda a vida o culto da intolerância [...] Tinha pavor da indefinição. Mas tudo que era vivo era do seu domínio. Tinha uma imensa curiosidade, tanto pelas coisas materiais como intelectuais. Dizia que nenhum espetáculo ultrapassava em interesse a uma noite agitada numa Delegacia de Polícia, não era, de maneira nenhuma, um puritano no sentido usual. Era do tipo antifariseu. Nunca se fechou numa Igreja como num gueto. Pelo contrario: sempre gostou de viver em terras de infiéis. (AAL; LIMA. M, 1973, p. 118-119)

Para Hamilton Nogueira (1976, p. 71), Jackson:

Percebeu que a Igreja perdera o contato com as letras brasileiras, e que esse divórcio fora talvez uma das causas que mais poderosamente concorreram para a anarquia e a indisciplina intelectual do país. Era preciso, pois, restabelecer esse contato, vivificar as nossas letras, fazer ressurgir o espírito cristão que ainda permanecia esmagado por um pseudo-escol de céticos e cientificistas.

É assim que nosso filósofo se transforma em um Soldado de Jesus Cristo, reunindo jovens e intelectuais que pudessem se colocar a serviço da Igreja, defendendo e difundindo sua palavra, sua força e buscando responder aos anseios da sociedade, em cada esfera desta, por mais complexa que fosse tal tarefa. A fórmula utilizada por ele era muito simples e inteligente, usava de uma série de esclarecimentos, desvelando na mente dos outros os equívocos que impregnavam a crença católica, há tempos deixada de lado e perdendo espaços por conta de preconceitos, heresias e incompreensões. Isso pode explicar o porquê de seu lado reacionário, algo que deveria sacudir os homens de seu tempo, acordá-los para o que poderiam fazer em prol da Igreja e da busca pela Verdade.

Alceu Amoroso Lima foi um desses resgates, o próprio afirmou várias vezes que se convertera a partir da influência intensa de Jackson nos longos anos de sua correspondência. Pouco antes de seu falecimento, em 4 de novembro de 1928, Jackson tivera uma de suas grandes alegrias, como relembra Nogueira (1976, p. 139-140): “A volta de Tristão de Athayde à religião [...] Tristão de Athayde simbolizava para ele a dignidade

da cultura brasileira. Ele me dizia: ‘Hamilton, a conversão do Tristão daria um impulso extraordinário ao pensamento católico em nossa terra’”.

Em toda a rica correspondência entre Jackson e Alceu pudemos encontrar uma declaração explícita da mais pura amizade e do respeito mútuo a cada saudação, a cada expressão, a cada despedida. Alceu se coloca a Jackson com tanta abertura e clareza, coisa de poucos a poucos, diria de Um a Um. A importância de Jackson de Figueiredo Martins para a história recente do catolicismo no Brasil é de fundamental importância, é a partir dele que as fileiras laicas da Igreja se reinventam, se projetam para a nova realidade e se colocam a serviço da fé, acima de qualquer dúvida. Ainda que não consigam toda a plenitude de que se esperava, a ação desses homens, capitaneada por nosso filósofo sergipano e por Dom Leme, trouxeram novo brio ao catolicismo, algum diferencial suficiente para recolocar a Igreja, a partir da vivência carioca, num novo patamar de atuação perante a sociedade brasileira.

3.3 – A espiritualidade em Alceu Amoroso Lima – A visão da Igreja e a Ação Católica

Pensar a Igreja no Brasil e o Catolicismo sem a presença e ação de homens como Jackson de Figueiredo Martins e Alceu Amoroso Lima é, no mínimo, um equívoco histórico. Esses dois personagens reescreveram, ou melhor, ajudaram a recolocar a Igreja em um novo caminho após o fim do Império. A personalidade de ambos foi profundamente modificada após a conversão, visto que as semelhanças nesses processos tanto em Alceu quanto Jackson são impressionantes. Sofreram angústias, dores, dúvidas e incertezas por conta do receio da *não liberdade* e pelas influências de homens e teorias filosóficas. A vivência de nossos pensadores mostra a força radical com que o recém-convertido se lança na nova realidade, pensada a cada passo, partindo da razão para se chegar à fé.

Rodrigues (2011, p. 141) afirma que “alguns teólogos e místicos defendem a ideia de que o indivíduo após a sua conversão é uma outra pessoa. O homem velho cede lugar ao homem novo, parafraseando algumas palavras de São Paulo, certamente o melhor exemplo de convertido dentro do Cristianismo”. O raciocínio de Rodrigues nos leva a rememorar o fato de que o convertido realmente se transforma de uma forma extremamente radical, quando é possível perceber um antes e um depois muito bem definidos. A data de 15 de agosto de 1928 marca uma virada na vida de Alceu, uma existência que ainda sofrerá outras mudanças num curto espaço de tempo. Quando Alceu afirma que: “ao converter-me, não me recolhi a um porto, mas parti para o mar alto” (AAL; LIMA, M, p. 117), tudo parece estar muito claro e definido para quem está de fora de tudo que ele viveu. Para Rodrigues, em seu artigo *O Itinerário Espiritual de Alceu Amoroso Lima, Deserto e Êxtase de Fé*, essa afirmação é deveras intrigante e reveladora.

Essa ocorrência vem mostrar que Alceu não se vincula à linha dos monges ou dos tradicionais ascetas, como lembra Rodrigues. O Alceu introspectivo que não gostava dos debates ao vivo, muitos menos das galerias e conflitos de opiniões, viu em sua reconversão “a oportunidade de evangelizar, de se tornar fermento no meio da grande massa que é o mundo, que é o cotidiano ordinário de cada um de nós”. (RODRIGUES, 2011, 142). O alto mar é a exposição para a defesa daquilo que a Igreja e o Catolicismo passaram a representar no novo homem Alceu Amoroso Lima. O que ocorre em 1928 com nosso

crítico é a culminância de vários desdobramentos, levando o homem Alceu ao encontro de Cristo.

Não se pode omitir o debate sobre a ideia ou o contexto da conversão religiosa. Essa transformação não pode ser vista somente sob um aspecto. Em entrevista⁴², Rodrigues fala que a conversão de Alceu Amoroso Lima transcende meros conceitos: “a conversão dele é muito complexa, muda muita coisa, a presença da religião, a relação com os outros e com ele mesmo, na política e na educação brasileira também através da influência dele. Abrem-se as portas para um intelectual que vai tocar todas as áreas de conhecimento”.

O ano de 1928, contudo, vai se mostrar de intensa mudança e esperança, ao mesmo tempo em que se revelará um período da mais profunda tristeza para Amoroso Lima. Ao mesmo tempo em que volta ao seio da Igreja, menos de três meses depois dá adeus a seu grande amigo e influência marcante, Jackson de Figueiredo Martins. Nesse momento, começa mais uma virada na vida de Alceu, pois essa perda o levou a uma mudança de postura que afetará sua existência, sobre a qual somente anos mais tarde ele se daria conta de que era necessária uma revisão de sua ação perante a si mesmo e aos outros. Rodrigues afirma que o medo de efetuar mudanças fez com que Alceu optasse por não fazer nada de diferente, mantendo a postura e a personalidade de Jackson em si mesmo. A mudança no Alceu pós 1928, como escreve Djalma Rodrigues de Andrade,

O fez um homem que se torna inflexível, e que por buscar a coerência, acaba optando pelo isolamento, pela busca da Verdade, se isolando daqueles de sua geração, amantes da ilusão. A vida nova, ou renascimento, fez de Alceu um homem diferente, rígido. A conversão retrata algo dramático, independente de quem a vive (ANDRADE, 1994, p. 36)

Na verdade, Alceu se sentiu dragado em direção a caminhos que ele nunca havia se imaginado, “criando uma nova identidade, uma mistura do novo e dos medos que surgem desse, como a insegurança, radicalismos e unilateralidade”, como afirma Andrade (1994, p. 37). Em contrapartida, a vida de Amoroso Lima mostra que tudo tem uma linha alternativa e mais branda que pode e deve ser seguida; a convivência com os contrários fazia parte de sua essência, logo, as transformações que o levam a deixar de ser um homem de liberdade e democracia perderiam espaço. As palavras de Djalma Rodrigues de Andrade marcam

⁴² Entrevista realizada em 13 de fevereiro de 2014, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro.

esse relativismo em Alceu, fruto de uma enxurrada de conceitos e experiências advindas de sua Fé e seu novo estilo de vida. Alceu está no auge de sua *Fase das Ideias*. Para Djalma,

Seus escritos reproduzem esse itinerário de convertido da insegurança à tranquilidade, da intransigência ao diálogo e à convivência dos contrários. Isso ocorre entre outras, pela influência de autores como Teilhard de Chardin, que ajuda Alceu Amoroso Lima a ultrapassar a simpatia pelo tradicionalismo e adotar uma concepção dinâmica da história. (ANDRADE, p. 38)

O Alceu que surge depois da conversão é aquele que recebeu uma influência póstuma de Jackson de Figueiredo, que se sentiu na obrigação de continuar o que o amigo havia começado. Contudo, luta entre essa tendência e a discrição total, marca indelével de sua existência. Por mais que consiga ficar a distância de tudo, a morte de Jackson o retira da sombra, lançando-o ao debate, como lembra bem Medeiros Lima. Para o biógrafo, Alceu “ao assumir as novas funções, ainda dominado pela emoção, deixa-se seduzir numa linha solidária com o pensamento do amigo desaparecido de maneira trágica. Revestindo-se da armadura de cristão-novo, radical e intolerante, passa a ocupar o centro da arena renunciando ao esteticismo anterior” (AAL; LIMA, M, 1973, p. 26).

Muda totalmente seu perfil, transfigura-se de maneira radical. Toda sua vida, seus parâmetros e suas expectativas passam a vigorar a partir da moral religiosa. Medeiros Lima escreve que,

Influenciado pela herança de Jackson de Figueiredo e seu grupo, assume uma posição conservadora e tradicionalista, em que a Igreja se confunde com o pensamento direitista e reacionário, o que o faz escrever: ‘o de que precisamos é de católicos verdadeiramente cristãos, de doutrina e de fé, católicos disciplinados, ortodoxos, conhecedores do *Syllabus*’. Nenhuma concessão, nenhum desvio, nenhuma tolerância, mas a ortodoxia mais completa em face da sociedade e do Estado, ambos a seu ver necessitados de urgente recristianização (AAL; LIMA, M, 1973, p. 26-27).

Não esqueçamos que a crise econômica mundial e a presença do comunismo alimentavam cada vez mais os grupos mais exaltados e tradicionalistas, sem contar que 1930 começa com Getúlio Vargas quebrando um sistema ainda em construção e dando margem para o medo e as incertezas políticas. Com tudo isso e mais um pouco, Alceu Amoroso Lima acaba incorporando uma postura de extrema direita: “É assim que vamos

encontrá-lo, nesse período, como líder de oposição e de resistência a todos os movimentos inovadores tanto em política como em matéria de educação e de cultura” (AAL; LIMA. M, p. 27). Alceu pode aqui ter se sentindo naquele lugar onde poucos se viam. Se ele buscou na conversão uma tomada de consciência para um espírito vazio, a morte inesperada de Jackson poderia tê-lo jogado em um caminho que ainda não estava pronto para trilhar, com a mesma calma e com a mesma reflexão com a qual se convertera, mas esse fato pelo que vemos, não aconteceu. A ausência de Figueiredo colocou sobre os ombros de Alceu um peso e uma responsabilidade imensa e inesperada. Ao sair da disponibilidade, ele entrou decididamente na defesa de uma causa a respeito da qual ele não tinha ainda a devida proporção de seu papel e até mesmo de suas possibilidades.

A troca feita por Alceu foi deixar de lado uma posição afetiva, sentimental, filosófica para suceder aquele homem que, junto com Dom Sebastião Leme tinha dado uma nova vitalidade à Igreja. Alceu e Dom Leme, o homem que realmente deu início a renovação religiosa em 1916, se unem. Leme queria o despertar dos católicos. Mais que isso, ele queria ir além de uma ação social, buscava uma ação cultural, intelectual. Leme era cativante e sabia lidar com todo tipo de gente, dos mais simples aos políticos mais renomados, como o próprio Presidente Vargas, era um grande líder católico. Uma pergunta de Lourenço Dantas Mota pode ajudar a esclarecer a visão do religioso sobre Jackson e Alceu: “Ou seja, na verdade, D. Leme encontrou no Sr (Alceu) o homem que estava procurando em Jackson?” Em resposta, Alceu afirma: “exatamente, encontrou em mim, que havia sido convertido por Jackson” (MOTA; ATHAYDE, 1983, p. 40). Em uma análise pessoal exposta a Medeiros Lima, Alceu afirma que a mudança de rumo que o fez rever seu posicionamento perante o mundo e sua fé, na verdade, foi uma volta ao que ele sempre havia sido antes de viver o turbilhão de emoções pós Jackson. Assim escreve Alceu, “após minha oscilação à direita, quando ingressei no Catolicismo, era natural que viesse mais tarde a corrigi-la” (AAL; LIMA. M, p. 234). Existe uma declaração de Amoroso Lima que define muito bem todo esse processo de formação do homem novo, saído do homem velho e que depois encontra seu lugar de forma mais consciente, voltando para si:

A conversão de 1928 foi uma conversão a Deus, a passagem do diletantismo, do descompromisso, para os problemas transcendentais, isto é, das origens e dos fins da vida e do ser humano. A partir daí, durante anos, julguei que muitos dos valores naturais de minha formação eram

ilegítimos. Erradamente eu os ligava à posição da Igreja. A partir de 1940, mais ou menos, iniciei um processo de revisão de meu comportamento e das minhas ideias em face dos problemas sociais e do destino da criatura humana em sua passagem pela terra. Percebi então que o fato de acreditar na liberdade acima da autoridade, de acreditar na democracia acima das oligarquias ou das autocracias, de acreditar na liberdade de pensamento, acima do dirigismo intelectual, não implicava em nenhum conflito com as minhas convicções católicas, com a minha religiosidade, nem com os meus sentimentos cristãos. Não existia entre uma coisa e outra a menor incompatibilidade. Vi-me, assim, restituído a mim mesmo, o que me levou à defesa da liberdade, da justiça, e à defesa, inclusive, da evolução da sociedade num sentido socializante (AAL; LIMA, M, 1973, p. 234).

Alceu Amoroso Lima reconhece assim que sua vida nada mais é que um espelho racional do mundo em que viveu, de mudanças e algumas, inesperadas. Antes só via a sua frente uma sucessão de ideias que levariam a humanidade a um caminho seguro e único; depois, teve a clareza de perceber que os sistemas antagônicos devem encontrar um denominador comum em prol desse mesmo desenvolvimento. A partir de tal ponto, nosso crítico passa a se ver como um em meio aos outros. Outros que podem ter ideias divergentes, mas que sejam elas opostas e não os homens que as professam.

A partir de 1928, Alceu passa a comandar a Revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital, um tipo de herança do amigo Jackson de Figueiredo. Quando Amoroso Lima assume a liderança do laicato nacional, notabilizando-se pela fidelidade ao projeto de neocristandade da Igreja brasileira, ideário prosélito na fé e anticomunista politicamente, ele carrega consigo toda uma esperança de mudar o perfil da cristandade brasileira, junto aos membros do laicato. Na gestão de Alceu, ambas as edificações jacksonianas foram amplamente modificadas, só permanecendo a ligação com a alta classe e intelectuais.

Alceu então defendia o combate a outras correntes de pensamento, como o positivismo, a maçonaria, o espiritismo, revelando o lado conservador, e às vezes até intolerante em relação a outras vertentes, principalmente no caso de questões religiosas e espirituais, como afirma o educador André Silvério da Cruz. É necessário, porém, frisar que mesmo com essa posição fechada de Alceu, ninguém pode negar o que explicita Cruz:

É incontestável que a Igreja se revitalizou quando comparada a sua situação de submissão e clausura das épocas do regalismo. Começou a ter voz, influenciou e criou lideranças, tirou fiéis da letargia, fundou efetivamente movimentos de ação social, mesmo que fosse com determinado conservadorismo ou desacertos de alguns de seus acólitos, principalmente no campo político (CRUZ, 2008 p. 9).

Encontramos em *Memórias Improvisadas, Diálogo com Cláudio Medeiros de Lima*, obra que simboliza como poucas a vida de Alceu Amoroso Lima, um relato que, apesar de pequenas divergências de datas,⁴³ nos traz mais um depoimento de Alceu que explica pormenores sua mudança pós-conversão. Nela, nosso crítico admite sua posição marcadamente de direita, antiliberal e ortodoxamente autoritária: “viria depois a reconhecer o equívoco” (AAL; LIMA, M, p. 121). Além das questões morais, Alceu vai se afastando das autoridades eclesiais, principalmente após a morte de Dom Leme, e despertando para a liberdade e democracia. Alceu escreve que sob a influência de Bernanos, nessa época vivendo no Brasil, de Chesterton e de Jacques Maritain com seu *Humanismo Integral*, iria naturalmente evoluir em direção ao que foi até o fim de sua vida. Assim escreve Costa:

Ideia que, a meu ver, permite a Amoroso Lima apresentar sua mudança – de fiel reacionário a católico liberal – não somente como inspirada ou motivada por ‘*Dieu est-il à droite?*’. Tal transformação pôde ser encarada como *outra conversão ou aperfeiçoamento daquela decidida em 1928* (COSTA, 2008, p. 205).

Em definitivo, foi a leitura de “*Dieu est-il à droite?*” (Deus está à direita?) do padre dominicano francês, Yves Congar que lhe abriu os olhos levando-o afirmar:

Compreendi que a Igreja está fora e acima das posições intermediárias. O Clericalismo, o autoritarismo e o tradicionalismo são deformações psicológicas, políticas e até religiosas, que acompanham muitas vezes os mais puros sentimentos piedosos. É o caso do integrismo, cujos adeptos estão convencidos que a Igreja é de direita. A partir de 1938 fiz uma revisão dentro de mim e voltei ao que era antes da conversão. De Jackson de Figueiredo levei a influência religiosa, a fé católica, a crença de que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas, e a lembrança de uma personalidade humana impressionante. Mas me libertei de suas concepções políticas. Cheguei à convicção de que a Igreja antes de ser uma defesa da autoridade, é uma defesa da liberdade e da justiça (AAL; LIMA, M, 1973, p. 121).

⁴³ Em diferentes textos Alceu declara que sua mudança pós-conversão perdurou até 1938; em outras afirma que tal fato tenha durado até 1940. Certo é que entre o final dos anos 30 e início dos 40, Alceu se repensa, novamente.

Podemos encontrar muitas influências de Jackson de Figueiredo Martins em Alceu Amoroso Lima no período que vai de 1919 até 1928, se estendendo ao pós-morte do amigo. A volta de Alceu ao Catolicismo, contudo, deve-se exclusivamente a sua tomada de consciência de si mesmo, enquanto possibilidade de católico, a partir da intensa troca epistolar com Jackson. Certo é que, politicamente, Alceu se reinventa de 1938 em diante, deixando a Igreja no seu devido lugar, de plano espiritual e de fé.

Para Guilherme Simões Gomes Junior,

Tristão de Athayde foi braço direito entre os leigos do cardeal Sebastião Leme, fundador da Ação Católica e da Liga Eleitoral Católica; junto com o padre Leonel Franca, seu confessor, foi figura central na reestruturação da educação superior católica e serviu também como contrapeso à laicização mesmo dentro do sistema público de universidades.⁴⁴

A marca de 1938 é sentida historicamente na vida de Alceu até o fim de sua existência, marca também o *aggiornamento* vivido por Alceu, que para G. Alberigo, “significa atualização, renovação, reforma mesmo. Pressupõe primeiramente um descompasso da Igreja com a sociedade envolvente, uma dificuldade, mais experimentada e sentida do que formulada, de proclamar na cultura de então a mensagem evangélica, uma convicção firme sobre o fim de uma configuração histórica do catolicismo” (Apud MIRANDA, 1985, p. 28). Este fato se desenrola no plano político e teológico, encaminhando parte dos católicos em direção à democracia.

Nessa linha, vemos Tristão afirmar em entrevista ao programa Canal Livre, em 1981, que sua vida se resume a observar as posturas e entender que elas devem ser vigiadas sempre:

Eu mudei, eu mudei porque vivi, porque viver é mudar. Há uma equanimidade, de um respeito. A impressão de mudar a vida, porque uma coisa é mudar as ideias, outra coisa é mudar a vida. Eu sempre dizia ao Padre Franca que havia perdido meus amigos, estou solitário e ele respondia você encontrará outros na sua nova verdade. Mas com a impressão terrível de solidão, costume dizer isso, a minha conversão não foi da dificuldade para a facilidade e sim da facilidade para a dificuldade. A disponibilidade para mim era a facilidade. Agora não entrar no porto, mas sair para o mar o alto, isso que foi para mim, pelo menos (Canal Livre, 1981).

⁴⁴ Tempo Social - Revista de Sociologia da USP. V, 23 – Nº 2. Pág. 104.

Em toda sua vida, Alceu mostrou claramente sua imensa capacidade de ler o novo, de se colocar perante ele e de assumir-se dentro da necessidade de ser a própria novidade. Alceu nunca abriu mão de suas relações, como poucos ele preservou cada contato, com confronto ou sem, interessava-lhe muito mais as ideias:

Pouco a pouco, porém, fui sentindo que precisava ser eu mesmo, quaisquer que fossem os obstáculos. E eram três principalmente: a memória do Jackson, a admiração intelectual pelo Corção, e o cardeal Câmara, meu pastor. Hoje... Sei lá... Hoje procuro libertar-me dessas três amarras, sem nenhum propósito de me voltar contra elas de modo algum. Sou cada vez mais grato ao Jackson, sem o qual eu sozinho não teria encontrado Deus nem a Igreja. Admiro, da mesma maneira, o Corção. E respeito a autoridade de meu bispo, *nihil sine episcopo* ("nada fazer sem o bispo"). Mas acho que, aos 70, e quando o nosso São João nos acena lá perto da nossa D. Mariana, é tempo de me tornar... Um homem livre. Não quero morrer sem me sentir um homem livre⁴⁵.

Thomas Merton e João XXIII fizeram com que Alceu visse o mundo mais límpido. Assim também como o influxo da teologia francesa, em particular Y. Congar, com sua abertura eclesiológica e ecumênica. Em grande parte de suas decisões pós-conversão, ele levou em conta que a vida é dinâmica demais para que se fixasse em algum ponto específico e ali permanecesse. Enquanto consciente de si mesmo, sempre soube captar a realidade e suas mazelas:

O fato de eu ter sido velho em moço e me sentir moço em velho, naturalmente. Em minha mocidade tive realmente umas ideias muito conservadoras e até reacionárias e dessa dicotomia no mundo aos poucos me fez sentir a necessidade de olhar e ver os dramas, as injustiças, ver a corrupção, ver as ditaduras [...] Agora você me pergunta se há algum segredo (para a longevidade) eu procuro viver, com certa moderação e ter tido a felicidade, isso eu devo dizer e agradecer a Deus, encontrar... Desculpe dizer certas coisas íntimas que a gente não deve dizer, uma mulher que me compreendeu admiravelmente bem, com quem eu vivo a 63 anos, e que não passamos da lua de mel até hoje e será certamente a razão de ser desse segredo de uma vida equânime. De ter educado meus filhos no poder da liberdade, nunca impus a nada meus 7 filhos, talvez por isso tenho 7 filhos vivos com a graça de Deus, 18 netos e 15 bisnetos. Eu plantei a liberdade na porta da minha casa. Cada um escolheu a mulher ou marido que queria, a profissão que queria, contrario ou a favor ou meu, as crenças que queriam, uns são católicos outros não são, porque vivi essa coexistência pacífica [...] cada vez mais é necessário não isolar o mal do bem, mas procurar conviver com o mal e procurar atravessar as barreiras que nos isolam, que nos impedem de reconhecer no outro, o outro. Inclusive meus ex-amigos que depois se transformaram em inimigos, mas

⁴⁵ Carta escrita à sua filha Madre Maria Tereza, em 4 de fevereiro de 1964.

não inimigos porque também descobri o outro naqueles que descobrem o outro e pensam que se separam da gente. Procurar compreender o outro, procurar compreender as ideias mais absurdas. Sentir realmente que é mil vezes melhor um bom ateu do que um mal católico. Mil vezes um mau regime sincero que um regime mau feito em nome de Deus, que seria o cinismo, a hipocrisia. Procurar ter bom senso, procurar viver realmente querendo acertar sem ter a ilusão de que possa acertar (Canal Livre, 1981).

A liberdade sempre foi tema de suma importância na vida de Amoroso Lima e a ideia de ficar desprovido dela o assombrava. Para Costa, Alceu sabia como poucos fazer a leitura exata e necessária para se refazer, se renovar para si mesmo e para os outros, principalmente enquanto livre, a quem sabia respeitar:

De exaltado líder da reação católica brasileira na primeira quinzena de anos após sua conversão, Amoroso Lima irá se tornar importante porta-voz dos valores democráticos liberais, postura que, entre nós, ganha projeção nacional a partir do golpe civil-militar de 1964. Na realidade, já em meados dos anos 1940, movido pela reflexão católica renovadora conduzida na França principalmente por Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Pierre Teilhard de Chardin e Yves-Marie Congar, Alceu começa a se distanciar do modelo reativo de catolicismo que adotara em 1928, dando mostras de dissenso em relação ao projeto neocruzadista ainda vigente na Igreja (COSTA, 2008, p. 190).

Para Alceu, o mundo não está melhor nem pior, ele apenas continua. Seu fluxo deve ser sentido, e viver na Igreja entre os períodos de radicalismos e de sobriedade fez nosso crítico sentir na pele todas as angústias e alegrias que se poderia imaginar. Visitar a Igreja e seu ideal **máximo** desse período, a Ação Católica, pode nos ajudar a entender o que fez com que Alceu mudasse tanto.

Não é fácil, contudo, compreender os parâmetros que serviram de base para a compreensão do papel da Igreja na década de 1920, período de grandes transformações na vida de nosso crítico. Do final do século XIX ao início do século XX, a preocupação fundamental da Igreja concentra-se na reforma social, na restauração da sociedade cristã, e essa será a preocupação do episcopado brasileiro, como afirma Antonio Geraldo de Aguiar. O professor escreve que, “dentro do episcopado nacional, salientamos o Cardeal Arcoverde, no Rio de Janeiro, D. Duarte Leopoldo e Silva, em São Paulo, D. Becker, no Rio Grande do Sul e de maneira especial o Cardeal Leme, no Rio de Janeiro [...] Terá

papel relevante na organização do catolicismo no Brasil, bem como na atuação junto ao governo civil” (AGUIAR, 1995, p. 20-21).

Uma Igreja que busca se fazer presente de forma consistente na sociedade deve apresentar algo de novo em suas fileiras. Dom Leme sabia disso e como ferramenta para tal trabalho irá se preocupar em formar o laicato, não um grupo qualquer, mas uma reunião de intelectuais preferencialmente influentes na sociedade em que se encontram inseridos. Leme se foca em agrupar esses intelectuais, em formar a Universidade Católica do Rio de Janeiro, assim como numa aproximação com o governo. Para Aguiar, ninguém melhor que Dom Leme representa a própria Igreja em transformação no início do século XX.

Alceu viveu a neocrisandade defendida pelo religioso. Sua existência estava marcada pelas leis da Igreja, podendo assim, defender e influir da mesma forma sobre os aspectos sociais em geral. A partir 1916, com ação de Dom Sebastião Leme, a Igreja começa a dar maior atenção a seus problemas: fragilidade institucional, deficiências das práticas religiosas populares, falta de padres, precariedade da educação religiosa, ausência de intelectuais católicos, limitada influência política da Igreja e frágil situação financeira. Esses argumentos colocados por Marco Aurélio Corrêa Martins (2009, p. 02) explicam o combustível que alimentou D. Leme em sua *Carta Pastoral*, onde clama para que os católicos saiam de seu casulo, recoloquem o Catolicismo no centro do debate intelectual, organizem as homilias etc.

Nesse período, de 1928 até o final dos anos 30, Alceu Amoroso Lima integra a Ação Católica, programa que prevê a defesa da Igreja em todas as esferas sociais. Os católicos inseridos nesse contexto são assim classificados pelo professor Rodrigues (2011, p. 142): “Leigos comprometidos, formados e bem informados na defesa constante da doutrina e da tradição eclesíásticas”. E completa afirmando que “Alceu foi, sem dúvidas, a figura mais proeminente desta fase e tal fato se atesta devido à tamanha complexidade que será sua vida após a decisão de voltar ao Catolicismo” (Idem).

A Ação Católica tem pelo menos dois grandes fundamentos: a defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política e a inserção da Igreja no plano educacional brasileiro. Aguiar escreve que “a preocupação de formação da Ação Católica centrar-se-á nas elites. Na medida em que estas estiverem preparadas, serão capazes de influenciar na vida social. A reforma da sociedade virá através das elites, logo, de cima para baixo. As elites devem cristianizar o povo” (AGUIAR, p. 23). Para tal feito, a Igreja desenvolve vários segmentos sociais com a finalidade de formar um núcleo

de defesa de seus interesses em cada esfera social. Entre eles temos a J.E.C (Juventude Estudantil Católica), a J.O.C (Juventude Operaria Católica) e a J.UC (Juventude Universitária Católica). Somado ao ideal de criação das Universidades Católicas, a Igreja visava marcar seu campo de atuação na sociedade, defendendo seus interesses tradicionais.

É possível dizer também que, de 1916 até o final dos anos 30, início de 1940, a Ação Católica foi o grande projeto da Igreja brasileira. É a partir dela que o Catolicismo busca fincar sua bandeira social. Rodrigues fala em entrevista que a Ação Católica foi uma revolução para época: “você vinha de uma Igreja fruto do Concílio Vaticano I, final do século XIX, onde se buscou pouco, no fim eles queriam reforçar que em termos de doutrina o papa não erra. Fora isso a Igreja não avança muito. A Ação Católica mostrou para o leigo que ele pode muito mais que simplesmente dizer amém nas missas.” Esse leigo, entretanto, era no fundo o homem de classe média, ainda que a mensagem fosse dirigida a todos. A ação pastoral do Centro Dom Vital também se voltava para essa classe média: “na verdade eles nunca contaram com a presença dos menos favorecidos. Era necessário converter os artistas, ricos, intelectuais para que esses influenciassem os demais”, completa Rodrigues.

O professor continua: “vemos a Ação Católica mais propriamente atuando na educação mesmo, inserindo seus projetos nas escolas. Ela vai organizar a imprensa, união dos jornalistas católicos, vai se inserir na política, a liga eleitoral católica.” A Editora Vozes é um exemplo, veículo católico advindo desse projeto vinculado à Ação Católica que apostava muito num tipo de apostolado cultural. A função do movimento era de demarcar posições e mantê-las, dentro dos limites intelectuais da sociedade.

Politicamente, a igreja se mostrava ativa e em sintonia com o governo Vargas. Receoso com o crescimento do comunismo no país, a relação de ambos se alinha. Em troca desse acordo, a Igreja passa a indicar nomes para a alta cúpula do Governo. Alceu Amoroso Lima é nome forte nesse contexto, indicando o nome do Ministro da Educação do Governo Vargas. Gustavo Capanema representava os ideais tradicionais e católicos que se adequavam ao perfil desejado pela Ação Católica e seus líderes.

O pesquisador Costa traz, em seu trabalho sobre Alceu, a citação do historiador jesuíta Giacomo Martina de que “Pio XI julgava ainda possível, em pleno século XX, a realização de um Estado católico, ou, em outros termos, pensava poder salvar ou reconstruir a *crístandade*, há muito desaparecida.” Para Costa, existia ainda uma causa propriamente brasileira que deveria ser tratada como tal:

No caso brasileiro, a se acreditar no discurso da hierarquia nacional da época, mais que restaurar, era necessário estabelecer e firmar um estado de coisas favorável à fé católica. Ainda se vivia sob o impacto da separação entre Estado e Igreja promovida pela República oficialmente laica. E, desde a promulgação da Constituição de 1891, tornou-se tarefa prioritária da Igreja católica nacional estabelecer novos laços com o Estado leigo (COSTA 2008, p. 185).

O que Marcelo deduz da posição católica especialmente fundamentada na Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme é a mais pura urgência da Igreja em voltar a ter visibilidade e marcar definitivamente o campo religioso. A Igreja, então, se mostra mais audaciosa. Não basta entrar na educação para fazer desta seu instrumento de cristianização, ela queria mais. Costa (2008, p. 187) escreve que:

A ideia subjacente ao projeto de neocristandade era replicar a sociedade: se havia, p. ex., escolas e hospitais na sociedade, deveriam existir escolas e hospitais católicos. O mesmo valia para partidos políticos, círculos operários, associações de profissionais liberais, imprensa, estudantes. E também para a intelectualidade, dando-se especial atenção ao homem de letras leigo.

Vemos que Alceu viveu aquilo que a Igreja esperava dele, e até mais que isso, por mais de uma década. Após esse espaço de tempo nosso crítico se redireciona e volta a ter uma posição mais branda perante tudo e todos. Sua fé continua inabalável, mas sua visão política muda para que ele mesmo possa mudar.

Amoroso Lima manteve-se, como disse, na Igreja. Nas suas “águas”, perseverou por toda a vida. Permanência construída igualmente pela mudança, transformando, em operação sofisticada [...] sua leitura da fé católica e das consequências desta na esfera pública. Câmbio em muito favorecido e deflagrado pelo contato com a teologia francesa renovada e, em particular, com a leitura de “*Dieu, est-Il à droite?*”. Texto que, em exposição surpreendente e incisiva, apelando para uma particular apropriação da tradição cristã, vai enumerar razões para a mudança de rumo da Igreja, dissociando catolicismo e direito (COSTA 2008, p. 207).

Essa declaração de Marcelo Timotheo da Costa resume melhor a transição de Alceu e sua capacidade para ser mais, ser fermento e antes de tudo ser ele mesmo.

Dentro da vasta correspondência de nosso crítico com sua filha, Madre Maria Tereza, destaca-se uma carta escrita em 13 de maio de 1965, revela as inspirações que ele buscava nesses tempos de redescobertas. Alceu afirma que sua inclinação por Teilhard de Chardin está em seu dinamismo, em oposição ao estado estático do tomismo de Jacques Maritain. Essa nova postura vinda de Chardin deu a Amoroso Lima um impulso que ele precisava para viver mais uma mudança em vida. Em outra carta à sua filha, do dia 21 de fevereiro de 1966, Alceu deixa claro essa sua nova visão, de suas influências:

O Cristianismo de Graham Grenne é assim. Fora do Cristo tudo é *failure*. Tudo é fracativo, fracassado, fracassante. No oposto a Teilhard... E, no entanto também gosto quase totalmente de Teilhard. . . E se, em 1928, eram Chesterton e Maritain as duas janelas que se abriam para que eu respirasse mais à vontade e encontrasse, por essa vibração deliciosa, o caminho da Casa – hoje são Merton e Teilhard que me abrem novas janelas para arejara a casa, a Casa onde João XXIII abriu tantas janelas, mas cuja morte quase que as fechou de novo [...] (AAL, 2004, p. 529).

Teilhard de Chardin⁴⁶ e Thomas Merton⁴⁷ levaram Alceu Amoroso Lima a um novo estágio de pensamento e de contemplação da vida. Pela afirmação de Alceu, vemos isso com clareza, “cada dia considero Thomas Merton como sendo o escritor católico de nossos dias, senão o escritor *tout court*⁴⁸, que mais diz o que eu quisera dizer” (LIMA, A.A, 2004, p. 324). Alceu também deixa claro que seu afastamento de Maritain se dá pela postura filosófica deste, não pelo homem ou o cristão que ele representa. Sobre Merton, prossegue: “cada vez mais que leio uma coisa dele me sinto expresso e de modo infinitamente mais completo do que posso dizer” (LIMA, A.A, 2004, p. 325). Mesmo que Maritain, Bernanos e Chesterton permanecessem presentes em seu pensamento, Alceu se viu influenciado por Chardin e Merton no momento de consolidação de sua revisão de

⁴⁶ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) Padre Jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês conhecido por construir uma visão integradora entre ciência e teologia (ihuonline.unisinos.br/secao304).

⁴⁷ Thomas Merton (1915-1968) religioso, Merton entrou para o Mosteiro de Gethsemani da Estreita Observância em dezembro de 1941, os “trapistas”. Teve uma morte trágica, sendo encontrado morto em seu quarto de hotel depois de levar um choque elétrico na banheira (ahistoria.com.br/biografia-thomas-merton).

⁴⁸ Pura e simplesmente.

mundo e de vida cristã. Como poucos, Alceu Amoroso Lima se definiu de uma forma exemplar, ainda que possamos lembrar a forma nada otimista com que o fez nas epístolas entre 1924 e 1928. Em seu livro, *Memorando dos 90* ele nos brinda com uma espécie de dossiê sobre si mesmo:

Amei. Tive filhos e netos. Escrevi livros. Fui professor. Tive amigos e inimigos. Rezei. Já tive pior memória e vista melhor do que hoje [...] Conversei 10 horas seguidas com Maritain. Fui amigo do Cardeal Leme, Jackson de Figueiredo e Wagner Dutra [...] Adorei a Deus. Pequei [...] Fui crítico literário. Ensinei na Sorbonne. Detestei meus tempos de ginásio [...] Fui sempre um aluno medíocre. Nunca fui profissional de nada. Sentei-me, provavelmente, ao lado de Pèguy nos cursos de Bergson em 1912 e 1913, sem o saber. A grande e grata surpresa da vida: os homens são melhores do que pensamos. Entreguei pessoalmente meu livro *Mensagem de Roma* ao Papa. Nunca conversei com meu barbeiro. Discuti com Bernanos. Conversei 3 horas com Thomas Merton [...] Fui presidente da Ação Católica. Nunca estive em uma escola primária. Recebi as primeiras letras de minha mãe e desse coxo João Kopke, o maior educador brasileiro. A virtude que mais admiro é a naturalidade. O vício que mais detesto, o farisaísmo [...] Considero a crítica uma experiência pendular entre a grande dignidade e a grande vaidade literária. À medida em que nos aproximamos do fim da vida fatalmente temos de escolher entre a humildade e a estupidez. Faço, este ano, 60 anos. Que surpresa, e, olhando para trás, que deserto. Morrerei quando Deus quiser.⁴⁹

Em entrevista a Jorge da Cunha Lima, da Revista *Isto É*, em 13 de agosto de 1977, Alceu diz o que espera do futuro:

Eu confesso que a perspectiva que tenho do futuro no Brasil, neste momento, é a de um muro. Eu sinto a presença de um obstáculo que se tem que transpor e que não se sabe como transpor. De uma intolerância, de um primarismo de espírito e de um anacronismo, de um ufanismo que, apesar de todos os desmentidos do tempo, se prolonga [...] vejo diante de mim uma muralha, uma sebe áspera, rígida, e uma nuvem que não consigo decifrar e cuja transposição me parece extremamente precária, difícil. Eu só consigo crer na capacidade de transpô-la através da capacidade de improvisação, que é também uma das notas típicas da civilização brasileira. Assim, de repente, poderemos estar além do muro – onde, creio, esteja o Brasil real⁵⁰.

Vejamos o perfil que dele traça João Camilo de Oliveira Torres:

⁴⁹ CONDÉ, João. Arquivos Implacáveis. Revista O Cruzeiro, 1954. Apud BARBOSA, Francisco de Assis (ORG). *Memorando dos 90*, p. 40, 1983, Ed. Nova Fronteira.

⁵⁰ *Memorando dos 90*, 1983, p. 219-220.

Poucos homens já exerceram na cultura brasileira influência igual e tão benéfica, como Alceu Amoroso Lima, que, mesmo quando dele discordamos, os seus motivos de divergência são respeitáveis. Dotado da elegância nativa dos fidalgos autênticos, bem servido por excelentes qualidades literárias, de bom gosto natural e instinto seguro que lhe fazia descobrir a solução mais adequada, natureza sintônica e simpática, isto é, capaz de sentir com a opinião dominante do momento, Tristão de Athaide crítico literário vitorioso, que criou a crítica moderna e deu-lhe extraordinária dignidade, converteu-se para tomar-se o chefe intelectual do catolicismo no Brasil (apud AZZI, 1976, p. 83-84).

É bem mais que complexo definir pura e simplesmente os fatos que tentamos trazer à luz nesse trabalho. A experiência de vida de nosso pensador e todas as suas relações, das mais tempestuosas até as mais mornas o levaram a ser esse homem que pode e deve ser considerado único na trajetória literária e religiosa brasileira. Não somente por sua conversão ao Catolicismo, mas por tudo que esse fato histórico trouxe à tona. Alceu Amoroso Lima não viveu uma conversão apenas, ele sentiu na alma várias mudanças. Cada uma delas afetando-o de uma forma completamente diferente. Como poucos, se deu conta da multiplicidade dos homens e conceitos. Tristão revela-se, no fim, um ser acima dos *immediatismos* da vida e coloca-se a serviço da história, escrevendo a sua e contribuindo para tantas outras.

CONCLUSÃO

A ideia de conclusão parece não fazer frente à história de vida e pensamento de Alceu Amoroso Lima. Sabemos que são muitas as interrogações que ainda povoam àqueles que buscam ler, pesquisar e escrever sobre nosso crítico. A cada livro, texto, artigo ou entrevista surgem novos temas e possibilidades sobre o que já foi escrito, cada qual com sua ótica e particularidade. Impossível então encerrar aqui este trabalho já que estaríamos entrando em rota de colisão com o próprio objeto de estudo, um homem à frente de seu tempo e que sempre se manteve aberto a novas ideias. De nossa parte, esperamos ter contribuído para o debate sobre este homem que merece cada vez mais ser lido e repensado dentro da história recente de nosso país.

Alceu Amoroso Lima viveu uma rica trajetória literária, política e religiosa. Todas as suas transformações pessoais são reflexos de sua incansável capacidade de mudança. Notadamente, sua *reconversão* em 15 de agosto de 1928 é o fato mais importante para entendermos a história de vida desse homem que se divide não só num antes de depois desse marco, mas que pode ser situado em momentos distintos, se reinventando e se iluminando para dar o passo seguinte.

Alceu sentiu na pele o padrão intelectual de sua mocidade, representando assim mais um indiferente perante problemas metafísicos e sobrenaturais. Disponível e sem qualquer tipo de pretensão espiritual, ser agnóstico não era uma opção e sim uma reação ao que Amoroso Lima e sua geração entendiam como uma perda de tempo, pois assim era vista a crença em Deus, uma típica criação do homem. Foi justamente sua defesa constante do mundo vivido sem a presença do divino que fez de sua conversão algo inusitado, repercutindo de forma diferenciada em todas as esferas sociais.

Sua vida fora marcada por mudanças e permanências. Os homens e as filosofias colocaram à prova a capacidade de Alceu em compreender a realidade mudando sua posição dentro dela sempre que necessário. De Spencer a Silvio Romero, passando por Henri Bergson, Jacques Maritain e Jackson de Figueiredo Martins, ele soube metabolizar a influência de cada um e levá-las consigo em momentos decisivos de sua existência. De agnóstico a postulante homem de fé, Amoroso Lima lutou entre medos e angústias, incertezas e possibilidades, tudo em prol de um porto seguro que o tirasse do vazio no qual

se encontrava. Lembremos que esse porto não o fez relaxar; ao contrário, o inseriu no mundo de corpo e alma.

Sua conversão marca a mudança de um homem temeroso para um ser pleno em liberdade e consciência. Ele carregou consigo todo o peso de sua conversão, vivida especialmente entre 1924 e 1928 após longa troca epistolar com o amigo Jackson de Figueiredo. Esse encontro fez Alceu viver de forma intensa a sua sensação de deserto, aquele momento que antecede o novo, que mostra o tamanho do vazio a ser preenchido necessariamente pela fé, no caso de nosso crítico. Aos 35 anos Alceu Amoroso Lima se liberta de seus temores mais íntimos e abraça a fé católica.

A cada carta trocada nos quatro anos em que se corresponderam de forma sistemática, Alceu e Jackson vão construindo uma relação de amizade e confiança difícil de ser encontrada na literatura brasileira. A expressão que mais se aproxima de ambos é título do livro que marca essa trajetória, *A Harmonia dos Contrários*: Os amigos não se pareciam em nada, ainda assim o espírito de Amoroso Lima estava em busca de uma causa a qual poderia se fundamentar. Seus dias se resumiam em questionamentos, leituras e grandes reflexões. Sua pergunta crucial era: o que posso fazer pela Igreja?

O ponto mais relevante são as mais de 240 cartas publicadas pela Academia Brasileira de Letras em dois volumes, onde podemos encontrar o calvário de Alceu e a tentativa de Jackson em convencer o amigo da importância da Igreja e de como seria valiosa sua presença nela. Nesse contexto podemos perceber lentamente a passagem de um Alceu sem sentido e perdido em seus pensamentos para um pensador que vê na fé católica, e também nos homens que professam essa fé, a possibilidade de contribuir para o encontro da Verdade. A correspondência com Jackson é uma marca crucial de todo o processo lento e gradual que levou nosso crítico à sua revisão sobre o papel da fé no homem.

É Jackson de Figueiredo que leva Alceu a dar *adeus a sua disponibilidade* e repensar seu papel social e até mesmo sua utilidade para uma nova realidade. As influências de Padre Leonel Franca e Dom Sebastião Leme se fazem presentes também, contribuindo para que o velho homem desse lugar ao novo. Cabe registrar aqui a citação de Libânio (2004, p. 99-100) com relação à conversão de nosso crítico: "Padre, porque o senhor não insistiu um pouco mais logo no início de nossas conversas e eu teria me convertido mais cedo? E o Padre respondeu: Se abrir o casulo antes de a larva estar madura, ela morre e não nasce nenhuma borboleta". Eis aí uma das marcas profundas que, daqueles como Leonel Franca, fizeram parte do percurso espiritual de Amoroso Lima. O

Alceu que surge depois desses fatos é aquele que mais uma vez se transforma pela marcante presença de Jackson, tanto em vida quanto depois de sua morte, apenas algumas semanas após a conversão do amigo. O que se vê nesse momento, é um Alceu reacionário, tradicional, radical e fechado ao novo. Esse padrão se segue por quase 15 anos até que começa a rever suas posições e retoma seu posto de leigo democrático e amante da liberdade, vendo no outro aquilo que o outro é.

É nesse momento de transição que a Igreja vive sua renovação e seu reposicionamento social, buscando compreender melhor o novo mundo político em que está inserida e tenta encontrar um campo para seus projetos. Este foco é a Educação, com a atuação da Ação Católica, usando como seus braços firmes a Revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital, ambos dirigidos por Alceu Amoroso Lima com o intuito de revalidar o papel da Igreja no cenário nacional e redimensionar o papel dos leigos pelo Brasil.

Bem mais que analisar a história de um indivíduo, este trabalho pode contribuir para um olhar a mais sobre o papel do leigo no processo de evangelização católica no início do século XX e servir de inspiração para os dias atuais. Alceu é um grande mestre quando mostra sua capacidade de transição em vários momentos, sabendo extrair da realidade o que ela tem de melhor: “minha fé [...] foco ardente que não pode deixar de expandir-se” (AAL, 1955, p. 47). Independente de suas posições pós 1928, sua fé não muda.

Escrever sobre Alceu nos faz rever a capacidade do homem em mudar, em compreender a realidade, em saber entender o outro como outro e toda a sua complexidade. É possível sentir o quanto um ser humano com teorias firmes e enraizadas em seu cotidiano pode transformar-se por completo. Todas essas viradas na vida de Alceu vêm nos mostrar o quanto sua existência esteve em aberto e como pode ser analisado esse trabalho, com uma abertura sobre o tema e sobre a vida de nosso pensador.

Outras temáticas podem e devem ser trabalhadas em seu processo de conversão e em suas posteriores *conversões*. Um tema que merece mais aprofundamento é a questão do trato com a liberdade. Alceu a vê como ponto de equilíbrio, extremamente necessária ao homem. Essa mesma liberdade é tema central em seu processo de conversão e pode ser estudada com mais intensidade em seu processo de tradicionalismo no pós 1928 quando se assume como Jackson de Figueiredo. Sua vida é uma constante busca por superação.

Quanto à sua *reconversão* é certo afirmar que o tema se encontra em aberto. Não poderia ser de outra forma, visto que a própria história de Alceu mostra a cada capítulo a sua imensurável capacidade de recriar-se. Independente de estar atuando como crítico literário, como professor, escritor ou religioso, ele sempre olhava o mundo e as pessoas ao seu redor como algo a ser interpretado, não havia nada totalmente bom nem nada totalmente ruim, mas havia sim, a continuidade da vida. Todo seu pensamento acompanhou o tempo em que viveu, as mudanças que presenciou e as mutações do pensamento, tanto seu quanto da humanidade em geral. É de Alceu mesmo que podemos extrair a verdade sobre esse tema: “Mudei e mudei porque vivi, porque viver é mudar”⁵¹.

Como escreve Rodrigues, “foi mudando a sua atuação, as suas ideologias e a sua maneira de enxergar a vida que Alceu criou uma obra que não envelheceu, que ainda merece reedições e releituras por parte da Crítica”. (2011, p. 146) Esse foi Alceu Amoroso Lima, um homem que fez crítica de alta qualidade, escreveu quase 100 livros sobre os mais variados temas, foi capaz de representar uma gama de pessoas com sua fé católica, exerceu forte influência em decisões no campo da política, da educação e ainda por cima soube educar seus filhos dentro do mais puro espírito democrático. Por tudo isso ele tem seu lugar de destaque na história e na cultura brasileira. Certamente muitas pesquisas sobre essa personalidade, assim como a de Jackson de Figueiredo Martins vão surgir e continuar apresentando à sociedade contemporânea a excelência de nosso crítico e de seu amigo epistolar.

São muitos os pensadores que podem e devem ser vinculados à presença de Alceu, muitos deles foram decisivos em sua tomada de consciência católica. Notadamente buscamos aqui apresentar a supremacia de Jackson de Figueiredo nesse quesito, mas entendemos que outros também tiveram seu papel, como Jacques Maritain, por exemplo. Expressões como convencimento, debate, diálogo e discussão fizeram parte da vida de nosso crítico. É a partir desses pontos que ele superava seus contratempos existenciais.

Em seu caminho, dois pensadores tiveram relevante papel, justamente num período em que Alceu buscava rever ideias e posicionamentos, Teilhard de Chardin e Thomas Merton. Através da leitura de Chardin, Alceu revela: “Deu-se em mim uma volta ao evolucionismo, não do tipo naturalista nem do tipo espiritualista, mas do tipo teocêntrico” (AAL, 1973, p. 183). Amoroso, ao mergulhar na filosofia de Teilhard, volta a se dar conta

⁵¹ Memorando dos 90, 1983, p. 392.

da importância do tempo e de tudo que o cerca, abrindo sua mente para novas posturas, assim ele completa Alceu (1973, p. 185-186):

A volta à preocupação pelo devir, pelo vir-a-ser, fundamental na filosofia de Teilhard de Chardin, dentro de uma cosmovisão total, em que a primazia cabe ao ser, provocou em mim uma volta ao reconhecimento da importância do dinamismo, da passagem, sem que houvesse aí uma supremacia do tempo, ou uma predominância do efêmero ou do moderno sobre o eterno e o permanente.

Para Alceu, o pensamento de Thomas Merton não teve a grande influência que Maritain teve, por exemplo, mas admite também que o trapista foi “a nova paisagem, um novo horizonte, um novo descortino” (AAL, 1973, p. 200). Merton levou Alceu a se colocar no mundo, da forma como nosso crítico via de fato esse mundo. Esses dois mestres contribuíram para que Amoroso Lima fizesse mais das muitas curvas em seu caminho, sempre à frente.

Em fevereiro de 1964, Alceu escreve à sua filha, Maria Tereza que após a leitura do padre Congar sobre o problema da conversão, Alceu afirma: “neste artigo compreendi que realmente o que houve comigo, apesar da mediocridade e da superficialidade dos sentimentos, foi realmente uma *conversão*” (AAL, 2004, p. 337). Conversão está que deve ser levada até o fim: “A vida do cristão é uma conversão contínua” (AAL, 2004, p. 338), conforme escreve à Maria Tereza.

Estudar sua conversão é muito mais que entender um homem que mudou ou que aceitou uma determinada fé. Ele deu início a uma jornada da qual fugira por 35 anos, mas que em 1928 se permite realizar uma verdadeira mudança interior, fruto de sua relação conflituosa e contraditoriamente harmoniosa com Jackson. Em termos literários pouca coisa se aproxima da riqueza que foi construída em quatro anos pelos amigos epistolares.

BIBLIOGRAFIA

ADALMIR, Leonidio. **Notas de pesquisa sobre a correspondência entre Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo (1991-1928)**. Revista de historia e estudos culturais. São Paulo, v. 4, ano IV, n 1. Janeiro/Fevereiro/Março de 2007. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF10/ARTIGO3.SECAO.LIVRE.Adalmir.Leonidio.pdf>. Acesso em: 21 set. 2013.

AGUIAR, Antonio Geraldo de. **Serviço social e filosofia: das origens à Araxá**. 5ª ed. São Paulo: Cortês/Unimep, 1995.

ALVES, Rubem A. **Protestantismo e repressão**. Coleção Ensaios. São Paulo: Ática, 1979.

ANDRADE, Rodrigues Djalma. **O paradoxo Cristão: História e transcendência em Alceu Amoroso Lima**. Col. Teologia e evangelização 10. São Paulo: Loyola, 1994.

AQUINO, São Tomás. **Coleção Os pensadores**. São Paulo: Nova cultural, 1996.

ARAÚJO, Francisco. **Dinâmica existencial da conversão**. São Paulo: Duas Cidades, 1967.

ATHAYDE, Tristão; MOTA, Lourenço Dantas. **Diálogo**. Ed. Brasiliense. São Paulo. 1983

AZZI, Riolando. **O Início da Restauração Católica no Brasil: 1920-1930**. Síntese: Revista de filosofia, v.4. n.10. 1976. Disponível em: www.faje.edu.br/periódicos/index.php/síntese/article/viewArticle/2398. Acesso em: 13 nov. 2013.

BARBOSA, Francisco de Assis. (org) **Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde): Memorando dos 90**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Edições 70, 1941.

BRUNEAU, Thomás C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CANAL LIVRE. **Entrevista a Roberto D'Ávila**. 1981.

CARPEAUX, Otto Maria. **Alceu Amoroso Lima**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CASTRO, Maria da Conceição. **Língua e Literatura**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

CHACON, Vamireh. **A identidade católica em Alceu Amoroso Lima**. Síntese Revista de Filosofia. Nova Fase. Belo Horizonte, v 20, n 63. p. 589-594. 1993. Disponível em: www.faje.edu.br/periódicos/index.php/síntese/article/viewArticle/1506. Acesso em: 24 nov. 2013.

CORDEIRO, Leandro Luiz. **Alceu Amoroso Lima. Da direita à esquerda Católica**. PPH/UEM. Disponível em: www.dhi.uem.br/gtrelição/pdf/st11/cordeiro, Leandro Luis. Pdf. Acesso em: 23 ago. 2013.

CORTÊS, Norma. **Católicos e autoritários: breves considerações sobre a sociologia de Alceu Amoroso Lima**. Revista Intellectus. Rio de Janeiro, v. 2. ano 1, n1. 2003. Disponível em: <http://www2.uerj.br/~intellectus>. Acesso em: 25 set. 2012.

CRUZ, André Silvério da. **O pensamento católico à procura de lugar na primeira República brasileira**. Universidade Federal de Uberlândia. GP: Igreja Católica no Brasil. Pág 9. 2008. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/cruz-andre-gp01.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2013.

CURY, Carlos Alberto Jamil. **Alceu Amoroso Lima**. Fundação Joaquim Nabuco. Col. Educadores MEC. Recife: Massangana, 2010.

DURANT, Will. **A História da Filosofia - Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNANDES, Cléa Alves de Figueiredo. **Jackson de Figueiredo: uma trajetória apaixonada**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido. A religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITE, Marli Quadros. **A carta pessoal: metodologia e análise**. p. 115-134. *In-* Modelos de análises linguísticas: ORG, Beatriz Daruj Gil, Elis de Almeida Cardoso, Valeria Gil Condé. São Paulo: Contexto, 2009.

LIBÂNIO J. B. **Jovens em tempo de pós-modernidade**. São Paulo: Loyola, p. 99-100. 2004.

LIMA, Alceu Amoroso. **Adeus à Disponibilidade e outros adeuses**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LIMA, Alceu Amoroso, 1893-1983. **Cartas do pai: de Alceu Amoroso Lima para sua filha madre Maria Tereza / Alceu Amoroso Lima – 2ª ed.** São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2004

LIMA, Alceu A; FIGUEIREDO, Jackson. **Correspondência: Harmonia dos Contrários**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1991.

LIMA, Alceu Amoroso (1893-1983). **Bibliografia e estudos críticos**. Centro de documentação do pensamento brasileiro. Salvador. 1987.

LIMA, Alceu Amoroso. **Meditação sobre o mundo interior**. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

LIMA, Alceu Amoroso. **Notas para a história do Centro Dom Vital**: “A Ordem”. p. 51-52. Rio de Janeiro: Educam, 2001.

LIMA, Alceu Amoroso. **Tudo é Mistério**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. **Evolucionismo Spenceriano: Concepções De Progresso, Estado e Educação**. In: In: *Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação*. Educação no Brasil: História e Historiografia. Rio de Janeiro:2000.Pág.03.Disponível:www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/094_maria_angelica.pdf. Acesso em: 12 ago. 2012.

MARITAIN, Jacques. **Cristianismo e Democracia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

MARTINS, Marco Aurélio Corrêa. **A participação Católica brasileira na constituição da modernidade educacional nos anos de 1920**. Unipac. Juiz de Fora.2009.Disponível:www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../234.pdf. Acesso em: 11 mai. 2013.

MIRANDA, Mario de França; ALBERIGO G; JOSSUA J.-P. (ed.): **La condition chrétienne après Vatican II: La réception de Vatican II**. IN- **O concílio vaticano ii ou a igreja em contínuo aggiornamento**. p. 28. Paris, 1985. Disponível em: www2.pucpr.br/reol/index.php/pistis?dd99=pdf&dd1=610. Acesso em: 9 abr. 2013.

MOTA, Lourenço Dantas. **Entrevista com Tristão de Athayde**. Coleção Diálogo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NOGUEIRA, Hamilton. **Jackson de Figueiredo**. 2ª ed. Rio de Janeiro/Hachette; São Paulo/Loyola, 1976.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Pereira. *Aspectos psicossociais da conversão religiosa: um estudo de caso na Igreja Universal do Reino de Deus: Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006*. Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=377. Acesso: 9 jun. 2013.

PRESTES, Maria Elice Brzezinski. **O evolucionismo biológico de Henri Bergson**. Revista da SBHC, n. 11. p. 83-88. São Paulo, 1994. Disponível em: www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=255 Acesso em: 10 dez. 2012.

RODRIGUES, Leandro Garcia. **O Itinerário Espiritual de Alceu Amoroso Lima – Deserto e êxtase de fé**. Revista Teoliterária. Rio de Janeiro, v1, n1, 1º semestre de 2011. PUC/RJ. Disponível em: www.teoliteraria.com/tlj/index.php/tlt/article/view/13. Acesso em: 11 set. 2011.

RODRIGUES, Leandro Garcia. **Alceu Amoroso Lima: Cultura, religião e vida literária**. São Paulo: Edusp, 2012.

RODRIGUES, Cândido Moreira. **Da Ação Francesa ao Humanismo Integral: o filósofo Jacques Maritain na França das décadas de 1920 a 1940**. Contemporâneos: Revista de Artes de Humanidades. Apud: WINOCK, Michel. n.4, p. 3. Maio-Outubro, 2009. Disponível em: www.revistacontemporaneos.com.br/n4/pdf/fraca.pdf Acesso em: 2 mar. 2012.

RODRIGUES, Candido Moreira. **Expoentes do pensamento conservador e intelectuais católicos do Brasil: apropriações e transições**. 2013. Apud: MICELI, Sergio. p. 34. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROSAS, Nina; LOURES, Glauber. **Conversão religiosa na contemporaneidade**. p. 4. Belo Horizonte. Disponível em: www.neip.info/html/objects/_downloadblo.php?Cod_blod=1229. Acesso em: 20 out. 2012.

STANGEL, André. **Jackson de Figueiredo**. Salvador. 1999. Disponível em: <http://andrestangl.wordpress.com/2009/09/11jackson-de-figueiredo>. Acesso em: 23 dez. 2013.

SELEM, Tânia. **Do Centro D, Vital à Universidade Católica**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Brasília, 1982. p. 97-134. Disponível em: www.schwartzman.org.br/simin/rio/tania.htm#_toc527522832. Acesso em: 12 jan. 2013.

SILVA, Luciandra Gonçalves Da. **A ordem e Revista Brasileira de Pedagogia (R.B.P.): reflexões sobre o debate educacional católico e as relações família e educação na sociedade brasileira no período de 1930 a 1938**. COLUBHE 06 - VI congresso luso-brasileiro de historia da educação. Uberlândia, 2006. Disponível em www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/.../290LuciandraGoncalves.pdf . Acesso em: 10 ago. 2012.

SILVA, Wellington Teodoro da. **Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro**. Historia Revista, V. 13, N 2, p. 541-563, jul/dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/6651>. Acesso em: 21 Jul. 2013.

SPENCER, Herbert. **Justice**. p. 52. Apud: LIMA, Alceu Amoroso. **Introdução ao Direito Moderno**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

COSTA, Marcelo Timotheo. **Uma curva no rio: as conversões de Alceu Amoroso Lima**. Escritos: Revista do Centro de Pesquisa da Casa Rui Barbosa. 2008, ano 2, n. 2. Disponível em: www.casaderuibarbosa.gov.br/interna.php?id_s=9&id_m=1527. Acesso em: 10 set 2012.

COSTA, Marcelo Timotheo. **História fé e exemplaridade: pensando o trajeto de Alceu Amoroso Lima**. v.2, n. 3 p. 132 a 145, jul/dez. 2001. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n3_Marcelo.pdf. Acesso em: 10 jun. 2012.

COSTA, Marcelo Timotheo. **Um itinerário no Século: Mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima**. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC/Rio, 2006.

COSTA, Marcelo Timotheo. **Um Católico na Praça Pública**. Revista de História. ed. nº 79. <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/um-catolico-na-praca-publica>. Acesso em: 12 jul. 2013.

VASCONCELOS, Ana Lucia. **Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde: um otimista incurável**. Entrevista. Campinas. 1981. Disponível em: http://saldaterraluzdomundo.net/literatura_entrev_alceu.htm acesso em: 12 fev. 2013.

VILAÇA, Antônio Carlos, **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

WITHERUP, Ronald D. Introdução. **A conversão no novo testamento**. p. 11-19. São Paulo: Loyola, 1994.